REVISTA DA SEMANA

Nº 36 ★ 9-9-50 CR$ 3,00 EM TODO O BRASIL



NO TEXTO: **MODELOS DE PRIMAVERA**



A ESTRÊLA DO MOMENTO

é uma das dezenas de artistas que figuram no

ALBUM DE A CENA DE 1950!

Que contém: muitas fotografias em tamanho grande, a côres e em prêto-e-branco, dos mais famosos astros do

CINEMA

-- RÁDIO --

-- TEATRO --

-- MÚSICA --

- Biografias e curiosidades.
- Fichário completo e pormenorizado dos artistas.
- Artigos especiais, assinados por destacados cronistas cinematográficos e radiofônicos.

NUMA EDIÇÃO PRIMOROSAMENTE DE LUXO

Preço: 25,00

Pedidos pelo Reembôlso Postal. mediante vale do Correio, à CIA. EDITÔRA AMERICANA — Rua Visconde de Maranguape, 15 — Rio de Janeiro

À VENDA EM TODAS AS BANCAS DE JORNAIS DO RIO E DOS ESTADOS

VIDA E MORTE DE UM CHAPÉU

ENTRE 2 e 7 de outubro próximo, os chapeleiros da Inglaterra vão festejar curioso centenário: o da invenção do chapéu a que, no Brasil, demos o pitoresco nome de "côco".

Sua origem, segundo divulga uma nota do "British News Service", foi a seguinte: em 1850, um elegante do condado de Norfolk, de nome William Coke, reconhecendo que a cartola antiga e aristocrática usada na caça lhe trazia sérios aborrecimentos, fàcilmente levada pelo vento e arrancada pelos ramos das árvores, foi à presença do fabricante Mr. Bowler e pediu que lhe fizesse um chapéu de menores proporções, copa arredondada e baixa, com abas fortes e menores. Mr. Bowler atendeu ao pedido daquele membro da família do conde de Leicester e lhe apresentou o novo tipo de chapéu destinado a práticas cinegéticas. Que nome teria? Escolheu o do cliente: "Coke", homenagem ao elegante William.

Na Inglaterra, porém, é conhecido êsse tipo de chapéu, como "Bowler", e todo mundo compreende o freguês que pedir "um bowler" em qualquer chapelaria de Londres. Nos Estados Unidos, para onde foi levada a moda, é mais conhecido pelo nome de "Derby", em virtude de ser usado nas corridas hípicas.

No Brasil, porém, o "côco" tomou diversos nomes. No norte do país, por exemplo, era conhecido pelos nomes de "jaca" e "bacorinha". Com efeito, o "bowler" inglês, quando feito de certa côr amarelada, assemelha-se a uma jaca arredondada. E quando é negro, não tem que ver mesmo uma "bacorinha", a filhota do porco, irmã carinhosa e gentil do leitãozinho roliço e bem cevado para as festas de natal ou de casamento farto.

Há por aí muita coisa engraçada acêrca do uso do "côco". A êsse respeito muito nos poderia falar o emérito confrade Brício Filho, um dos homens que mais resistiram neste Rio de Janeiro à invasão dos hábitos modernos na destruição impiedosa do passado.

Brício Filho tudo fêz para desmoralizar o automóvel, conservando-se acintosa e heròicamente em seu poético "tilbury", trajando à 1820, cabeça ornamentada pelo seu "côco" à inglêsa.

Seu veículo foi, talvez, o último a recolher-se ao asilo arqueológico dos séculos que se foram saudosamente. O "tilbury" de Brício Filho, de há muito reclama a aposentadoria do fraque de Calixto, ainda a circular impunemente pelas ruas do Rio, mesmo em fevereiro com o termômetro a 40 centígrados à sombra. Também grita pelo recolhimento dos sapatos de fivela do mesmo artista e mestre, que, numa resistência heróica, é como um brado de protesto contra o modernismo do blusão, da cabeça descoberta e dos "maillots" provocantes.

Além do "tilbury" de Brício Filho, do fraque e dos sapatos de Calixto, há ainda o chapéu 1880 do querido mestre Raul. O veículo gracioso já é objeto de museu; mas os outros, continuam vivos, quebrando a monotonia das carecas e cabeleiras ao sol, o blusão a "pic-nic" e os sapatos de sola de borracha.

E' provável, porém, que, desaparecidos êstes últimos "abencerragens", não haja mais nada a contrariar a paisagem humana nesta cidade das maravilhas.

No norte do país a morte do "côco" não foi determinada pelo "palhinha" ou o fêltro de copa flexível. Mataram-no a sôco. Sim, a sôco. Sempre que aparecia uma pessoa a exibir o elegante enfeite de cabeleiras vastas ou escassas, era comum ouvir-se esta senha, contra-senha e ataque aos "cocôs":

— O que ronca no céu?

— Trovão.

— Bate na "jaca" dêsse ladrão!

Imediatamente, um murro a mão fechada, de cima para baixo desabava impiedosamente na "jaca" do desgraçado que ousasse comparecer a festas, e o elegante "bowler" se enterrava até ao nariz do portador, entre gargalhadas dos espectadores.

Muita briga irrompeu por causa da "bacorinha".

Pelo visto, a vida e a morte da cartolinha, entre nós, se deveu a cruel conspiração. Com o desaparecimento da bengala, da calça listrada, da polaina, do fraque, da camisa de peito duro, do colarinho engomado e lustroso como celulóide, a "jaca" também teria que morrer; mas, mesmo que procurasse resistir, não seria mais possível. Desde que descobriram, depois de 400 anos, que o nosso clima não permitia tal indumentária, a cartola, fraques, etc., desertaram. Mas, nesse drama todo, quem mais sofreu foi o "côco". Expulsaram-no a bofetadas...

O que ronca no céu?
Trovão...
Bate na jaca dêsse ladrão!



«Charge» de Raul, na «Revista da Semana», em 1905.

Na Inglaterra, entretanto, as casas da especialidade estão festejando agora o centenário do "côco". Com certeza a publicidade aproveitará o ensejo para robustecer ainda mais o uso de um chapéu que morreu no Brasil, desde que nossas capitais se despiram daqueles ares provincianos e medievais, e o povo passou a preferir futebol ao "Derby".

Aliás, em matéria de chapéu, já ninguém se lembra dêle, neste país. Até as mulheres só os retiram dos esconderijos quando vão a "líricos" ou a casamentos no pretório. Dão mais austeridade a êsses atos e infundem aos noivos a insinuação de que casar não é brincadeira...

Há de parecer que, entre nós, a indústria chapeleira, tanto para homens como para senhoras, está em decadência, em crise alarmante. Nada mais errado. Nosso país é pródigo em tudo. Até em paradoxos. Não há dúvida que as cabeças masculinas se libertaram dêsse enfeite menos gracioso; entretanto, dadas as diferenciações de climas e temperaturas de norte a sul, em grandes áreas do Brasil o homem não pode deixar de usar chapéu. São Paulo, Curitiba, Pôrto Alegre, as cidades serranas de Santa Catarina, Rio Grande do Sul, Paraná, etc., exigem dos seus habitantes masculinos o uso de um "fêltro" em meses seguidos de todos os anos. E, como êsse uso, embora uma imposição do meio, não se ligue a vaidades, não resta dúvida que os senhores representantes do sexo forte escolhem seus chapéus contra inclemências do tempo, com a preocupação de que lhes fiquem elegantemente apostos na cabeleira ou nas carecas.

Daí o não haver crises nas fábricas de "lebres" ou "feltros". A população cresce. Cresce o número dos que andam sem chapéu; mas, em compensação, aumenta o daqueles que precisam usar chapéu. E assim é a vida. Nada se perde, nada se cria, tudo se transforma... inclusive na Inglaterra, o país do mais sólido conservantismo dêste mundo de "jacas", "bacorinhas", "côcos", "derbys" e "bowlers"...

RENATO DE ALENCAR

REVISTA DA SEMANA

ANO LI ★ Nº 36 ★ 9-9-50

Redator-Chefe:
CELESTINO SILVEIRA

Chefe de Publicidade:
J. M. COSTA JUNIOR

Paginação de
VICTOR TAPAJÓS

PUBLICAÇÃO DE ARTE, LITERATURA E MODAS

A decana das revistas nacionais. Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e os Grandes Prêmios nas Exposições de Sevilha e Antuérpia, em 1930, e na Feira Internacional de São Paulo, em 1933

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS

Porte simples — Um ano ..	Cr$ 140,00
Seis meses	Cr$ 70,00
Registrada — Um ano ...	Cr$ 170,00
Seis meses	Cr$ 85,00

ASSINATURAS PARA O EXTERIOR

Registrada — Um ano	Cr$ 270,00
Seis meses	Cr$ 140,00

O número avulso custa Cr$ 3,00 em todo o Brasil; atrasado, Cr$ 3,50

Correspondentes — Na Bahia: J. Machado Cunha, avenida Sete de Setembro, 149, Cidade do Salvador, Bahia. Em São Paulo: vendas na Capital a cargo da «Agência Zambardino», à rua Capitão Salomão, 67, tel. 4-1569; Publicidade a cargo de Jarbas Galvão, rua da Conceição nº 58, 1º andar, sala 101, telefone 6-6718

TEM AGENTES EM TÔDAS AS LOCALIDADES DO TERRITÓRIO NACIONAL

Representantes — Nos Estados Unidos da América do Norte: Aguiar Mendonça, 19 West Street. New York City, N. Y. Na África Oriental Portuguêsa: D. Spanos, Caixa Postal 434, Lourenço Marques. Em Portugal: Helena A. Lima, avenida Fontes Pereira de Melo, 34, 2º distrito, Lisboa. No Uruguai: Moratorio & Cia., Constituyente, 1746, Montevidéu. Na Argentina: «Interprensa», Florida 299, tel. 32, avenida 9109, Buenos Aires

Tôda correspondência deve ser endereçada ao diretor. O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. Só publicamos colaboração solicitada pela redação. Não devolvemos originais, mesmo quando não publicados. Os trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores

Êste número consta de 60 páginas

Propriedade da COMPANHIA EDITORA AMERICANA

Rua Visconde de Maranguape, 15
Rio de Janeiro

Diretor-Presidente:
GRATULIANO BRITO

Diretor-Secretário:
R. PEIXOTO DE ALENCAR

TELEFONES — Redação: 22-4447; Publicidade: 22-9570; Gerência: 22-8647; Contabilidade: 22-2550; Fotografia: 22-1013; Portaria: 22-5602

A SEMANA EM REVISTA

IMPEROÁVEL NEGLIGÊNCIA



DE quando em quando registram os jornais casos dolorosos de envenenamento voluntário ou involuntário, de pessoas que adquirem drogas em farmácias e as ingerem por engano ou por excesso na dosagem. E' comum o indivíduo comprar formicida e outros tóxicos, muitas vêzes só adquiríveis mediante receita médica, e sentar-se a um botequim, mandar servir guaraná ou cerveja, misturar a droga, engolir tudo e cair morto ou ser levado ao Pronto Socorro de onde pode saír para sua casa ou para o necrotério. Mas, há outros casos que comovem as pedras do calçamento. Veja o leitor o drama dêsse pobre trabalhador da "Light", Pedro Ferreira dos Santos, residente na casa 480 do Caminho de Itaco, em Ramos. Estando sua espôsa a sentir-se indisposta, pediu-lhe que fôsse à farmácia e trouxesse um laxativo de "sena", folhas de arbusto do mesmo nome e que tem propriedades purgativas. E' remédio caseiro e muito usado em tôdas as casas de família dêste país. Mas Pedro Ferreira dos Santos não se explicou bem lá na farmácia tendo o farmacêutico entendido falar em **"arsênico"**. Como há duas qualidades à venda, uma sòmente despachável mediante receita médica e uma segunda que se compra livremente e é usada como inseticida, o farmacêutico entregou ao portador dois cruzeiros do pó venenoso. Chegando à casa, Pedro entregou à espôsa. Esta estranhou o medicamento, dizendo que sempre tomava em folhas. Mas o espôso respondeu que, talvez, agora, o preparassem em pó. Ela misturou o veneno em água e bebeu. Instantes depois entrava em agonia, falecendo em seguida.

ÊLE VOLTOU

TODOS sabemos que o sr. Mário Piragibe foi "deposto" da Câmara Federal com a revolução de outubro de 1930. Êle e todos os outros legisladores da chamada República Velha que desapareceu com o govêrno Washington Luís; mas quem foi rei sempre tem majestade, lá diz o ditado, e o sr. Mário Piragibe, político de prestígio eleitoral no Distrito, pleiteou eleições no último embate das urnas, tendo sido classificado suplente do deputado sr. Jurandir Pires Ferreira. Já estava desesperançado de poder assumir seus deveres legislativos na Câmara Federal, pois faltam apenas poucos mêses para que os senhores deputados cedam lugares aos que forem eleitos agora em outubro, quando sucedeu um fato quase imprevisto: o sr. Jurandir renuncia o mandato, a fim de assumir o cargo de Diretor da Estrada de Ferro Central do Brasil, para o qual fôra nomeado pelo sr. Presidente da República. Aberta a clareira da Câmara, o sr. Mário Piragibe prestou seu juramento a 21 de agosto e tomou posse na mesma ocasião, entre abraços e felicitações de velhos amigos e de eleitores do ex-suplente. Homem de ação parlamentar, o novo deputado foi no mesmo dia à tribuna da Câmara de onde se afastara há vinte anos e declarou que vai aproveitar êsse restinho de tempo para apresentar vários projetos de lei, a seu ver indispensáveis à proteção à infância. Julga que a meninada do Rio está em maus caminhos e, se pudermos proteger o crescimento da infância, poderemos aproveitar o nacional, sem necessidade de importar o estrangeiro. Muito bem!



A VIDA DOS MOTORISTAS



CONTINUA a ocupar o noticiário dos jornais os atentados a motoristas de praça no Distrito Federal. Êsses profissionais do volante andam alarmados com a repetição de crimes de que são vítimas seus colegas. Consultando o Diretor do Trânsito, acêrca da possibilidade de permitir que os "chauffeurs" andem armados à noite, ou que sejam aumentados os preços dos taxis, para, com essa renda, poder-se instituir uma guarda pessoal em cada taxi, espécie de acompanhante do motorista, achou o major Côrtes que isso não era aconselhável. Na Câmara de Vereadores o sr. E. Bartlet James apresentou requerimento à Mesa, para, ouvida a Câmara Municipal, seja oficiado ao Chefe de Polícia, recomendando-lhe ítens com sugestões tendentes a defender a vida dos motoristas profissionais, ora expostos à fúria sanguinária de malfeitores. Segundo êsse requerimento, sugere aquêle vereador que o sr. general Lima Câmara conceda aos motoristas o direito de andarem armados durante a noite e em seus desempenhos profissionais; além disso, que sejam criados pontos noturnos de automóveis com fiscalização policial. O caso é digno de tôda atenção por parte das nossas autoridades policiais. Já se nota diminuição de profissionais nos pontos de taxi em horas mais adiantadas da noite, isso porque lavra entre os componentes da numerosa classe verdadeiro terror. Qualquer pessoa que se aproxima de um taxi, depois das dez da noite, é suspeitado de "gangster". E isso precisa acabar.

CINEMA NACIONAL

FOI pródiga, a semana que passou, em apresentar filmes de longa metragem do cinema nacional. Nada menos de quatro películas ocuparam telas das casas de primeira linha, tanto da CBC (Severiano Ribeiro), como da carreira do Plaza (capitão Ramos de Castro) e da MGM (Metro Goldyn-Mayer). As produções saíram de vários produtores. A crítica os recebeu fazendo justiça. O primeiro a ser exibido, "A Sombra da Outra", adaptação de "Elsa e Helena", de Gastão Cruls, obteve o primeiro lugar. E' uma película de inegável valor artístico e técnico. Seu elenco, muito bem escolhido, tem como astro de primeira grandeza o maior galã do nosso cinema: Anselmo Duarte. Êsse artista consegue na produção da "Atlântica" o seu mais elevado papel. Interpretando cenas dramáticas, Anselmo atinge níveis quase impossíveis no estado atual de nossa indústria fílmica. Vitória memorável. Quanto aos outros... decepcionaram. "Somos Dois", direção do veterano Milton Rodrigues, com o par amoroso dividindo suas performances entre Marina Cunha e Dick Farney, não pôde marcar um "goal" nessa ofensiva da semana passada. E foi pena. O galã ainda passa; mas a heroína, a ingênua do argumento, Miss Distrito Federal de 1950, não conseguiu nada. Ainda bem que são só **dois**, porque se fôssem mais... "Estrêla da Manhã", porém, ficou com a glória de ter sido o pior de todos. A "Filmoteca Cultural", emprêsa que sempre honrou o nome de seu fundador e dirigente, Afonso Campiglia, compromete até êsse talentoso Paulo Gracindo, já vitorioso numa pontinha do filme anterior. O último, "Pecado de Nina"... é outro pecado que deve ser indulgentemente perdoado...



A PERSONAGEM DA SEMANA

DEPOIS de manter-se em atmosfera mais ou menos calma, apesar da intensidade partidária em tôrno de candidatos para as eleições de 3 de outubro próximo, agitaram-se os meios políticos com a maior novidade da semana que passou: o convite do PTB, na voz do seu presidente, sr. Danton Coelho, ao general Pedro Aurélio de Góis Monteiro, para integrar a chapa presidencial ao lado do ex-ditador. O assunto que já vinha sendo pôsto em foco desde a famosa **visita a Canossa** ao chegar o sr. Getúlio Vargas ao Rio, borbulhou cristalinamente nos últimos dias, quando o sr. general Góis confirmou o convite, transmitindo-o à direção do seu partido, o PSD, para que ao mesmo coubesse a função de árbitro. Ao escrevermos estas linhas, a resposta do PSD já havia sido entregue ao consulente e divulgada pela imprensa: "Lembra o PSD que já tem candidato à vice-presidência da República, na pessoa do sr. Altino Arantes e nos têrmos do acôrdo celebrado com o P.R.". Confirmar-se-ão estas palavras? Irá o sr. Getúlio Vargas provocar crises no PTB, no PSP e no PSD para manter na sua chapa o nome do seu ex-ministro da Guerra? Posta assim, de plano, a questão não oferece maiores preòcupações; mas, sabendo-se que para a chapa do sr. Getúlio Vargas já havia sido convidado o sr. Café Filho, cuja candidatura acaba de ser registrada no TSE; analisando-se a posição de um dos esteios da candidatura Getúlio à presidência da República, — o sr. Ademar de Barros — a quem se deve a escolha do sr. Café Filho na chapa de luta contra o Catete e a UDN, chegamos à conclusão de que os horizontes ameaçam toldar-se em vários setores e os tufões que se formam nas altas camadas da estratosfera político-partidária, logo que baixarem à superfície das paixões sectaristas, conturbarão os ambientes até agora calmos. E' inegàvelmente, em tradições políticas do país, um aspecto novo, êste, de uma vice-presidência servir de **leit-motiv** a tanta confusão. O fato é tanto mais surpreendente quanto é notòriamente sabido que o senador Góis Monteiro fôra, com êxito, o coordenador da candidatura Cristiano Machado dentro do PSD, trabalho, aliás, penoso, de elaboração longa, pois se desenrolou todo no meio de constante situação de crise nas hostes pessedistas. E a nação ficou em suspenso, sem atinar com as razões da condescendência do senador alagoano em face da proposta.



General Góis Monteiro

no front carioca



Políbio queria ir para o front coreano, mas depois de ler os jornais, optou pela frente carioca...

Bonifácio, "chauffeur" de praça, passa em revista os passageiros, antes de começar a corrida...



"Seu" Joaquim, da quitanda, vai dar um passeio com Miquilinia no Alto da Boa Vista...



"Seu" Honório vai depositar no Banco o dinheiro do seu patrão...



Praxedes combinou encontro com um amigo em local meio deserto...



"— TELEFONARAM PARA MINHA CASA APOSTANDO QUE DENTRO DE UM MÊS TAMBÉM ESTARE' MORTA, MAS NÃO SOU COVARDE E ENFRENTAREI TODOS OS PERIGOS E AMEAÇAS" — diz a vereadora de São Bernardo do Campo, que, aliás, é bastante fotogênica.



DONA TERESA DELTA reside perto do seu escritório eleitoral. Aqui, no Pôsto de Alistamento da rua Marechal Deodoro 211, em S. Bernardo do Campo, ela atende aos correligionários dia e noite. Nesta loja, a antiga prefeita é encontrada a qualquer hora. Já lhe recomendaram que não devia se expor assim, ao que ela respondeu: — «Continuarei no meu pôsto»

TERESA DELTA – A MULHER FORTE DE SÃO BERNARDO

"TELEFONARAM PARA MEU MARIDO APOSTANDO QUE NÃO ESTAREI VIVA DENTRO DE MAIS ALGUNS DIAS. É O QUE VEREMOS!" ★ A EX-PREFEITO E ATUAL VEREADORA NÃO LIGA À MORTE ★ "SOU MULHER MAS NÃO SOU COVARDE E FICAREI NO MEU POSTO DE HONRA". ★ LEMBRANDO AS TRÁGICAS OCORRÊNCIAS QUE CULMINARAM COM A MORTE DO SUPLENTE DE DELEGADO GUMERCINDO. ★ "ÉRA A MIM QUE ÊLES QUERIAM MATAR, MAS FALTOU PONTARIA..."

— Reportagem de **CELESTINO SILVEIRA** —

AINDA que chegássemos a São Bernardo do Campo, distante da capital paulista vinte quilômetros, na estrada que a liga a Santos, sem o propósito de falar com a vereadora Teresa Delta, seu nome nos seria lembrado desde que o carro entrou no perímetro central. Pelas paredes, legendas rebarbativas, pintadas a pixe, aludem com uma sem-cerimônia de estarrecer, à mulher que vem dando o mais farto assunto aos noticiaristas políticos e mesmo aos de ocorrências policiais, nestes últimos tempos. Frases indecorosas, com escancaradas alusões pejorativas à honra de Teresa Delta, podem ler-se em cada esquina e onde quer que exista uma parede disponível. Se fôssemos dar crédito ao que dizem essas frases, tratar-se-ia, não de uma vereadora do município, mas da mais desclassificada meretriz do mundo inteiro...

Quando procuramos dona Teresa no pôsto eleitoral em que faz ponto, ali nos dizem que ela se ausentou de São Bernardo. Para onde? Ninguém sabe ou quer informar. Talvez volte na semana vindoura. Pelas dúvidas, ainda vamos ter à sua residência, uma casa de aparência discreta e simples. Em pura perda, porque dona Teresa foi para São Paulo, de ânimo ressentido e alquebrada com as trágicas ocorrências de dias atrás, rematando com o assassinio de um de seus companheiros de luta.

Seguimos então para a capital. Mesmo vencendo certas dificuldades, conseguimos obter o endereço em que seria possível encontrá-la em São Paulo. E ali, naquela modesta loja da rua São Caetano, onde a parte da frente está ocupada por um estabelecimento de máquinas de costura, motores e peças avulsas, indagamos:



O ATUAL PREFEITO de S. Bernardo, dr. José Fornari, apontado por dona Teresa como um dos responsáveis pelo conflito do qual resultou o assassinio do suplente de delegado



OS TIROS ERAM para ela, mas em sua defesa acorreu Gumercindo Pereira da Silva, 1.º suplente de delegado em exercício. E foi êle o sacrificado. Na gravura, dona Teresa socorrida pelo sr. Sebastião César Farani, secretário da Câmara daquele município, num flagrante após o crime, quando a conhecida edil rompia em pranto ao ver as trágicas conseqüências



— Dona Teresa? Está, sim. Mas... quem quer falar com ela?

Declinamos a nossa condição profissional. Pelas dúvidas, vamos esclarecendo minuciosamente os fins da visita, para evitar suspeitas e confusões. Não esqueciamos que Teresa Delta está ameaçada de morte, sua vida foi posta a preço, nada além de cem mil cruzeiros para ser extinta nestas semanas mais próximas. E' natural que em tais circunstâncias, ela se faça rodear das necessárias precauções.

Mas o cavalheiro que nos atende anda muito longe de oferecer o tenebroso aspecto de um guarda-costas. E', pelo contrário, um cidadão amável, de porte limpo, que fala com indisfarçável prosódia lusitana:

— Pode entrar. Ela está lá dentro. À vontade.

Viemos a saber, mais tarde, que se trata do sr. Castro, marido da vereadora, e efetivamente português. Por êsse motivo, mantém-se inteiramente alheio às atividades politicas da espôsa. Nada tem com elas, na sua qualidade de cidadão estrangeiro. Quando muito, como lhe compete, presta a devida asistência moral àquela que é mãe de seus filhos. Na véspera da nossa visita, alguém havia telefonado para o sr. Castro:

— Como vai sua mulher?

— Bem, obrigado.

— Bem agora, mas você não dirá o mesmo dentro de alguns dias. Quer fazer uma aposta comigo em como estará morta dentro de duas semanas?

"Seu" Castro, homem prudente, desligou sem aceitar a aposta.

O que nos espera, nos fundos da loja, é curioso: Numa peça de reduzidas dimensões, foi instalado outro escritório eleitoral. Na parede, cartazes com retratos da edil de São Bernardo e os clássicos apelos ao povo. Dona Teresa promete continuar trabalhando por São Paulo e pelos paulistas. Em duas ou três sovadas poltronas de couro, sentam-se criaturas de ar humilde e inofensivo, algumas senhoras de côr, uma delas com uma criança ao colo, tôdas em discreta palestra com a dona do escritório. Um "bureau" comum está coberto de fotografias e recortes de jornais, material de propaganda que vai sendo manuseado por dona Teresa. De tesoura em punho, tendo ao lado um vidro de cola, vai ela recortando as noticias e colando-as num álbum, bem como aos retratos de solenidades públicas nas quais tomou parte. Interrompendo a conversa e o seu trabalho, volta para nós um olhar de simplicidade e quase indiferença:

— Desculpe se vou continuando êste serviço que andava em grande atraso. Estou às suas ordens.

E enquanto lhe dirigimos as primeiras perguntas, procuramos analisar-lhe a fisionomia de mulher experimentada à luta em campo aberto, armada quando é preciso, sem temer a morte, chefiando movimentos de caráter heróico, sempre disposta a usar da palavra, com tôda a franqueza, para acusar ou defender-se:

— O meu caso é simples. Desde o inicio da minha carreira politica me habituei a zelar pela sorte dos humildes, mesmo enfrentando o poder dos "tubarões". Por isso fui eleita vereadora, presidi os tra-

«SÓ PROMETO CONTIUAR TRABALHANDO POR S. PAULO», dizem os cartazes de propaganda de Teresa Delta para a Câmara Estadual. «A vida para mim não vale muito», diz

«COM ESTA PICARETA meus inimigos também pretenderam tirar-me a vida» — declarou dona Teresa. Na manhã do conflito ela teria sido empunhada pelos criminosos, que fugiram



balhos da Câmara em São Bernardo, tive de enfrentar as investidas de correntes adversárias, criaram até outra câmara! Veio a dualidade, mas fiquei no meu pôsto, acompanhada dos que me eram e são fiéis, porque do meu lado estão sempre o direito e a razão. Não morro de caretas e adoto o sistema de que ninguém vai, na véspera, dêste mundo para o outro, mas só quando chega a hora derradeira. Por isso enfrento seja o que fôr e a quem fôr, de ânimo erguido.

Faz um rápido intervalo no exame dos recortes, olha mais de perto uma fotografia, volve para nós o seu olhar que tem muito de piedoso e prossegue:

— Dizem que sou uma agitadora. Agitadora eu? Só porque defendo os fracos contra os fortes? Não me parece. Comecei sendo operária, conheci por experiência própria o que são as torturas de quem não ganha o suficiente para seu sustento e dos que lhe são caros. Nos humildes, na gente de côr, nas mulheres de mãos calosas e nos homens subalimentados, encontrei a minha gente. Sai de uma fábrica para experimentar as lutas politicas, mas na prática. Nada de conversa fiada, de teorias inúteis. Tenho consciência de haver contribuido para a melhoria das condições de vida de muitos meus patricios. Claro que tudo isso fêz desabar por sôbre a minha cabeça um oceano de ódios e invejas. Os industriais sem escrúpulos, os que vivem de sugar o sangue da gente pobre, zombando das leis, dos poderes públicos, não viram com bons olhos a minha atuação. Movi-lhes guerra sem quartel. Lutei e luto contra o câmbio-negro. Faz três anos, fui nomeada prefeito de São Bernardo, por imposição do povo e não trai a confiança dêsse povo. Mas os meus inimigos politicos, gente que muito me deve, a começar pelo sr. Oswaldo Haeser, secretário da Prefeitura local, resolveram que eu estava sobrando. E mesmo que fôsse preciso tirar-me a vida, dispuseram-se a me afastar do seu caminho. Como se fôsse coisa fácil!

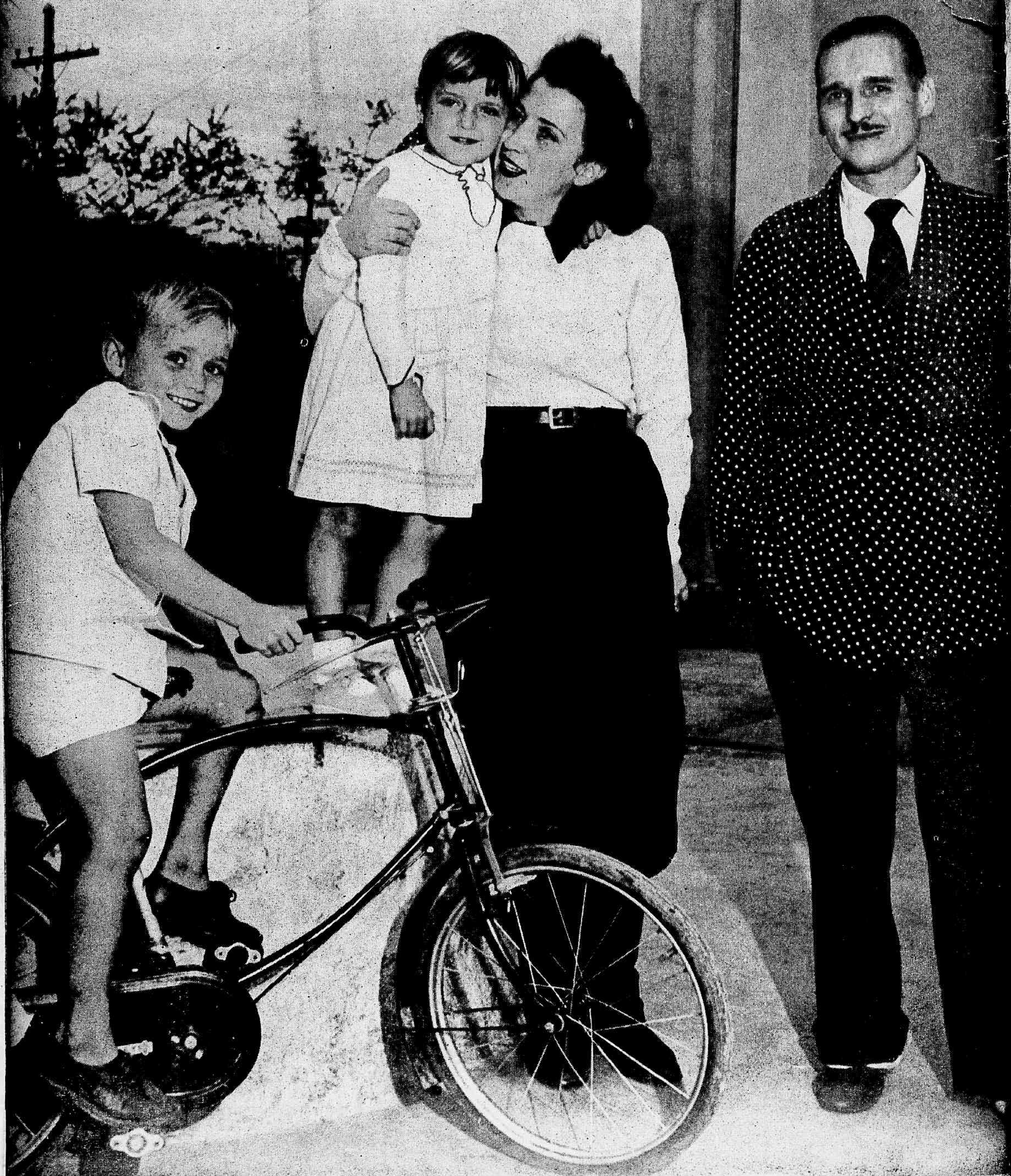
A conversa é interrompida frequentemente com a entrada e saida de homens e mulheres que visitam dona Teresa, indagando da sua saúde, solicitando material de propaganda, folhetos, cartazes, seja o que fôr. Ela a todos atende, com ar simples, de quem não está ligando muito a nada.

— E como ocorreu a morte do delegado Gumercindo?

— Mataram-no porque não conseguiram eliminar-me a mim pois era eu o objetivo visado. O caso começou tendo como pretexto a praça de esportes do Clube Palestra-Itália de São Bernardo, de cuja diretoria faço parte. Para regularizar a situação dessa praça, entramos em acôrdo com o prefeito José Fornari, dando à Prefeitura uma área de 50 metros por 30, em troca do titulo da posse. E na referida área iriamos construir uma escola. O prefeito fingiu concordar, apenas para usar de um truque, pois logo em seguida mandou levantar uma cêrca, pelos operários

«O CORPO de Gumercindo ficou estendido no chão, cravado de balas». — «Êle morreu por mim e saberei cumprir o meu dever» — disse-nos a vereadora, que tomou a seu cargo a educação dos filhos da vítima. — «Também tenho filhos, sei o que representa a falta dos pais, e enquanto viver, essas crianças hão de ter o meu amparo, — acrescentou





DONA TERESA DELTA É ESPÔSA E MÃE. CASADA COM UM CIDADÃO PORTUGUÊS, ÊSTE NÃO PARTICIPA DE QUALQUER ATIVIDADE POLITICA. E O CASAL TEM DOIS FILHOS: MAURICIO E OTILIA.



O «PIVOT» do conflito foi êsse muro, na praça de esportes do Clube Palestra-Itália, de São Bernardo, quando trabalhadores da Prefeitura deram início à sua derrubada, pois ali devia ser construída uma escola. A chapa foi feita no dia do crime. Policiais da cidade vigiavam as redondezas e aconselhavam o povo a retirar-se dali, receiando novas ocorrências

da Prefeitura, fora dos tratos feitos, abrangendo espaço maior que era do clube. Houve revolta, protestos da diretoria e dos associados. Na manhã seguinte, os moirões foram arrancados do lugar impróprio em que se encontravam.

Dona Teresa fala com dificuldade. Articula com clareza, como se estivesse proferindo uma oração para ser gravada, escolhendo as palavras, sem pressa, meditando sempre:

— Mas o Prefeito queria isso mesmo: motivo para conflito. E lá mandou, em represália, novamente os seus trabalhadores, munidos de picaretas, para derrubar todos os muros da nossa praça de esportes. Agora não só os sócios do clube, mas também o povo se juntava numa reação das mais justas. Era o que os nossos inimigos queriam, motivo para a prática do crime. Cumprindo o seu dever, Gumercindo Ferreira da Silva, primeiro suplente de delegado, resolveu prender os autores do atentado. Surgiu a luta. Quando me aproximei, um dos fascínoras, "Bigode", munido de dois revólveres, preparou-se para fazer fogo contra mim, mas teve a arma arrebatada de suas mãos. Gumercindo gritou que eu fugisse, pois a cilada estava bem armada e ia dando certo.. Saí, atravessei a rua Marechal Deodoro e entrei na sede do partido. Já então os criminosos corriam no meu encalço. Acercando-se de mim, Gumercindo continuava gritando:

— Fuja, dona Teresa! Êles vão matá-la, fuja, por Deus!

Veio a confusão. Ecoaram os tiros, muitos dirigidos à minha pessoa. E colocando-se à minha frente, para me defender, Gumercindo foi balcado. Corri, ganhei a rua, ouvi novos gritos. Caí na calçada, fui amparada, resguardada na residência de um policial, e no remate da história, fomos encontrar Gumercindo morto, crivado de balas...

★

Os olhos de dona Teresa estão marejados de lágrimas. A evocação da cena trágica a comoveu. Ela fixa com ternura o retrato de Gumercindo, morto e estendido no chão:

— Coitado, sacrificou-se por mim. Só me cabe continuar no meu pôsto de honra. Zelarei pelos filhos dêsse bravo cumpridor do seu dever. Não receio a morte, jamais a temi. Amanhã mesmo voltarei para São Bernardo e recomeçarei o meu trabalho, embora sabendo que os criminosos estão soltos. Os telefonemas para meu marido não me atemorizam. Aquelas frases canalhas que o senhor leu nas paredes de São Bernardo, não me desmoralizam: servem, apenas, para mostrar com que espécie de inimigos tenho de me defrontar. Sou mulher, mas não sou covarde! Cumprirei o meu dever.

★

E' tarde. Precisamos apanhar, em Congonhas, o avião de volta ao Rio, dentro de uma hora. Não podemos aceitar o convite para o jantar que nos fazem dona Teresa e seu marido, enquanto os dois filhinhos do casal, a seu lado, agarrados à saia materna, assistem a conversa, o menino com ar receioso, a menina decidida e de olhar vivo. Quando dona Teresa nos oferece o retrato da família reunida, é êle quem protesta, em pranto. Não quer que a fotografia seja retirada do álbum. De lado, a irmã sorri com ar superior:

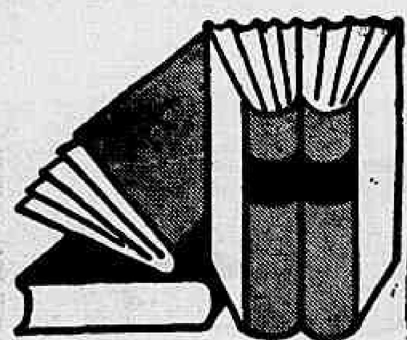
— Bôbo! Chorando por causa de um retrato...

Dona Teresa comenta:

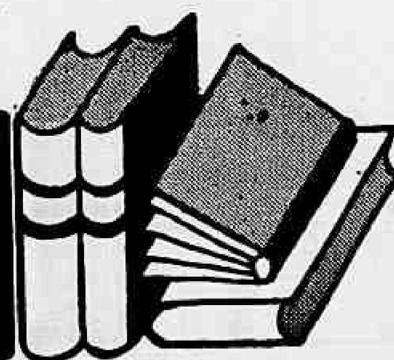
— Veja só! Nem parece meu filho, não acha?



NUMA FESTIVIDADE política, quando a vereadora ocupava o microfone, tendo ao lado o governador Ademar de Barros: — «Hoje estou habituada a falar, mas no dia da estréia...»



SEMANA LITERARIA



EDMUNDO LYS

ÁLBUM DE FAMÍLIA



AGATHA CHRISTIE (Agatha Mary Clarissa Christie) — a escritora inglêsa que celebrou, com seu último livro, «A Murder Announced», suas bodas-de-ouro literárias, pois êste é o seu quiquagésimo romance policial, iniciou-se na literatura aí por volta de 1918. Estava, então, de serviço na Cruz Vermelha, ao fim da primeira Grande Guerra, e, certo dia, achou que seria divertido escrever um romance policial. Apenas para divertir-se, escreveu «The Mysterious Affair at Styles», onde aparece pela primeira vez o seu detective, Poirot. O livro foi editado dois anos depois de escrito e obteve êxito. Algum tempo depois, com seus novos romances, Agatha Christie se tornou um nome universal, com suas histórias aproveitadas pelo cinema. Cinqüenta romances dêsse gênero de literatura escapista — que merece atenção mesmo de um alto espírito como Gide, — escreveu já a renomada autora. Além disso, publicou um romance de gênero diferente, um romance literário, com o pseudônimo de Mary Westmacott. E' o escritor mais traduzido em turco e seus livros são vertidos para tôdas as línguas, inclusive o japonês. De suas obras já se editaram mais de 75 milhões de exemplares. Um detalhe: Agatha Christie não gosta nem de cinema, nem de rádio.

NOTICIÁRIO

Do escritor paulista Edmundo Amaral, acaba de aparecer «A Grande Cidade», romance.

★

Está para sair a terceira edição de «Saragana», livro de contos de J. Guimarães Rosa, que teve um dos maiores e mais justos sucessos do gênero, entre nós.

★

Rubens Mário Jobim publicou no «Correio do Sul», de Bagé, uma página de evocação sôbre nosso saudoso companheiro, jornalista Ruben Gil.

★

O prefeito do Distrito Federal, sancionou recentemente uma lei votada pela Câmara dos Vereadores, que institui três prêmios a serem concedidos, anualmente, aos autores das três melhores peças teatrais infantis, inéditas, que pela escolha de uma comissão presidida pelo secretário geral de Educação e Cultura da Prefeitura, fizerem jus aaos referidos prêmios. Aos classificados em 1.º, 2.º e 3.º lugar, serão concedidos os seguintes prêmios em dinheiro: Cr$ 20.000,00, 10.000,00 e 5.000,00, respectivamente, ficando ainda a Prefeitura autorizada a editar a peça classificada em 1.º lugar, para distribuição grátis às escolas primárias, públicas e particulares.

★

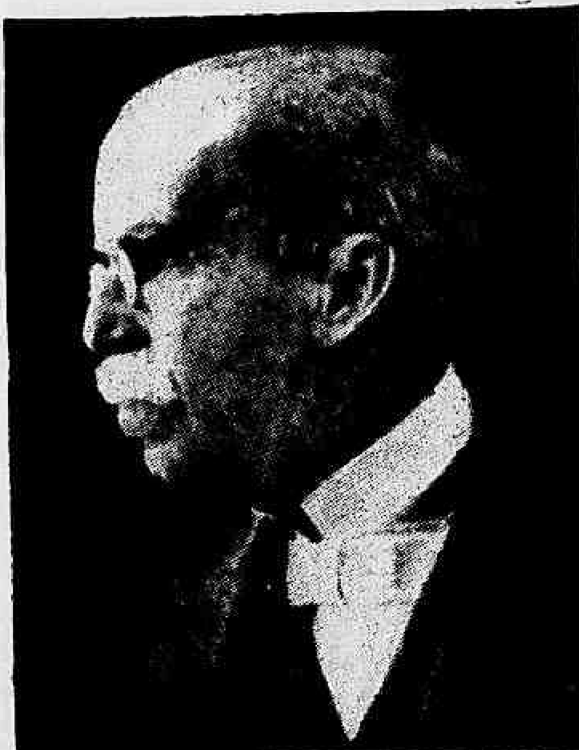
Diná Silveira de Queiroz, a vitoriosa romancista de «Floradas na Serra», um dos livros de maior sucesso na moderna literatura brasileira, acaba de conquistar o prêmio Afonso Arinos, da Academia Brasileira de Letras, relativo a 1950, com o volume intitulado «As noites do morro do encantamento», contos inéditos. Essa nova vitória da escritora paulista, que nos deu há pouco «Margarida la Rocque» (A ilha dos demônios), romance de inspiração poética, é portanto mais um marco de grande significação em sua carreira literária, que até hoje se tem desenvolvido de ascenção em ascenção, num desdobramento harmonioso e paulatino das melhores qualidades da autora.

★

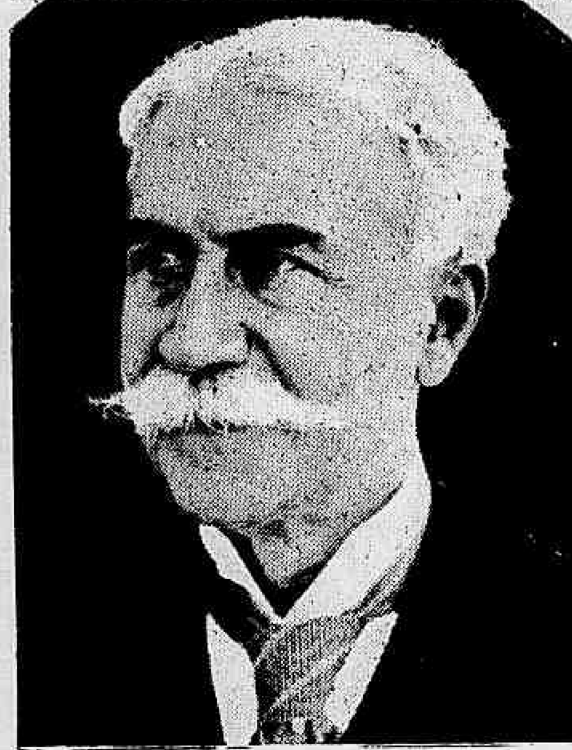
Há tempos, «Menino Felipe», de Afonso Schmidt, ganhou o Prêmio Revista Cruzeiro, cujos árbitros foram Álvaro Lins, Marques Rabelo e Ciro dos Anjos. Depois de publicado na revista em apreço, o romance acaba de sair em volume nas Edições Cruzeiro.

★

De uma carta de Osvaldo Aranha a Érico Veríssimo: «Li e reli o teu livro. Remocei e envelheci com a sua leitura e sobremodo vi e revi a nossa terra e a nossa gente. Não fizeste romance: fizeste realidade, essa realidade mais bela que a ilusão de que falava o poeta. Não só imaginaste e descreveste: criaste e construíste imaginando e escrevendo. Acredito ser esta a marca das grandes obras literárias. A tua foi de contribuição, a mais copiosa, bela e emocionante, à obra de ressurreição de um Rio Grande que ameaçava desaparecer, comprimido entre o passado e o futuro. Escreveste um livro que vai durar e nos fazer durar».



Rui Barbosa



Joaquim Nabuco

RUY BARBOSA — POETA!

EM uma "Carta Literária do Brasil", assinada por Connie Burwell White, no "Book Review" do "New York Times", lemos que gostamos de comemorar as grandes datas literárias e que assim aconteceu recentemente, a propósito do — "centenário da morte do maior poeta do Brasil, Ruy Barbosa, e de nosso maior abolicionista, Joaquim Nabuco". Ninguém sabia no Brasil que Ruy foi poeta — quanto mais o maior! — nem que êle e Nabuco tenham falecido há um século! Foi preciso que o "New York Time" viesse descobrir, em três linhas, tantas e tão ignoradas maravilhas de nossa história... Pedimos ao Embaixador Nabuco, em Washington, que retifique as datas e as informações, o que lhe cabe até por dever filial, e que divulgue nos Estados Unidos pelo menos uma biografia para a infância, da Águia de Haya e do mestre dos "Pensées Detachées". Êsses equívocos primários sôbre dois vultos de renome internacional, por parte de nossos bons vizinhos norte-americanos, provam mais uma vez que continuamos sendo um grande desconhecido.

A MAIS BELA ESCRITORA AMERICANA DO ANO

NA sua seção do suplemento literário de "New York Times", David Dempsey se deu ao trabalho de juntar aos inquéritos sôbre o melhor livro do ano, o melhor livro ilustrado do ano, a mais memorável heroina literária do ano - uma questão que, embora de aparência frívola, não é de todo descabida, muito pelo contrário: qual a mais bela escritora americana do ano? Não sendo possivel escolher entre as autoras uma que fôsse a mais bela do ano, tanto é verdade que as escritoras não primam pelos dotes físicos, êle realizou uma montagem fotográfica, um retrato ideal da mais bela literata do ano, nos Estados Unidos: os olhos de Laura Hobson, o nariz de Nancy Wilson Ross, os cabelos de Kathleen Winsor e a bôca de Ilka Chase.



A mais bela escritora americana

LIVROS ILUSTRADOS









CARICATURAS DE THOMAS MANN — Todos conhecemos Thomas Mann, o escritor. Agora, travamos relações com Thomas Mann (o mesmo) caricaturista. Aqui estão quatro amostras da verve humorística — e um pouco trágica — do romancista de "Morte em Veneza".

ATRAVÉS DOS SUPLEMENTOS

PARECE que o calorzinho dêstes últimos dias embotou a ponta da sagacidade de nossos escritores de suplementos, mas, ao contrário do Eça, sem lhes despertar a fantasia. Os órgãos oficiais do mundol iterário, neste domingo de sol (27 de agôsto) estão magros de tudo, cheios apenas de belos e comoventes anúncios.

★

O que há de melhor é o "Jornal dos Novos", êsse porão habitável que "A Manhã" cede a dona Dinah Silveira de Queiroz para animar o movimento dos novos. Tudo bem selecionado. Podemos destacar merecidamente o belo poema de Maria Aparecida Mesquita e um ótimo desenho de Rocha Filho — "Cabeça de Mulher".

★

O suplemento do "Diário de Notícias" melhorou de paginação. Ainda há lá muitos Amazonas de tinta pororocando por colunas e colunas... Mas, está gràficamente melhor. Destaca-se a entrevista de Melo Lima com o deputado romancista Amando Fontes, com esta afirmativa de Fontes: "A política também enriquece o mundo interior do romancista".

★

NA paginazinha de suplemento de "O Jornal", espremido entre outras coisas de menor ou de nenhuma importância, um claro artigo de Otto Maria Carpeaux, sôbre "O fenômeno Parnasiano".

★

ALÉM do poema de Alfonsus de Guimarans Filho, o suplemento do "Diário Carioca" traz as seções habituais bem tratadas, mas a colaboração é fraca.

★

NO "Correio da Manhã", salva-se o conto de Malba Tahan e uma página de Luiz Edmundo, em que se recorda o filólogo Carlos Góes, um dos mais esquecidos de nossos esquecidos.

ODE A MARCEL PROUST

(DA COSTA E SILVA FILHO)

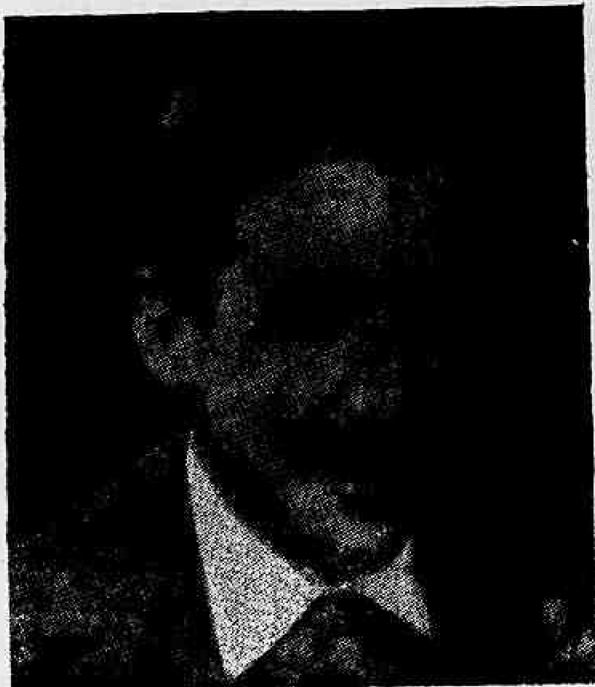
Teus olhos, na moldura,
Destilam lágrimas
E abraçam silentes o horizonte.
Tua face, na noite,
E' um soluço inútil.

À sombra das moças em flor,
— Revendo o silêncio das ruelas
(Nos teus passeios noturnos,
Embalsamado na insônia) —
Viajas comigo ao lado de Swann,
Meditando no segrêdo das coisas passadas,
Ao som da sonata de Vinteuil,
Pelos caminhos insondáveis
Do amor e da infância.

Retiras de tua memória
Um mundo ignoto e novo
E acompanhas — nas tuas vigílias —
Os passos dos homens nos tapetes
E as palavras doces que não foram pro-
[nunciadas.

A cada instante, um encontro inesperado:
Um peixe, uma gravata ou uma flor apenas
[entreaberta.
Tuas mãos repelem a morte, enluvadas,
E escrevem como se mais nada existira
A não ser a tôrre da matriz de Combray.

Proust, repercute em mim
Tôda a tua agonia, companheiro.



Marcel Proust

Deixa, Marcel, que recolha tua tristeza
Como lágrimas num lenço,
Do tumulto das páginas de teus livros,
E
Grave na minha boca o sentido mais oculto
[de tuas palavras

Teus olhos, na moldura,
Derramam-se na bruma.
E colocas, agora, mansamente,
Com requintes de estranha vaidade,
Uma flor — talvez orquídea —
Na lapela.

(Da «Revista Branca»)



Ribeiro Couto

DIA LONGO

Êste é o título da mais recente coletânea de versos de Ribeiro Couto, aliás uma edição portuguêsa e, exatamente, reunindo poemas selecionados de todos os livros do poeta até agora publicados. Como se explica a significação dêsse título? «Dia Longo», por que?

Porque o livro enfeixa versos produzidos durante trinta anos de lirismo, porque a obra dêsse poeta de prodigiosa atividade reflete, com certeza, o seu dinamismo solar, criador. Assim, êsses trinta anos de poesia, realizados com o mesmo espírito, o mesmo entusiasmo, as mesmas harmonias — pareceriam ao poeta um simples dia, um longo dia de emoção e de beleza:

«Dia Longo»...

★

Ribeiro Couto, com a publicação de seu livro de estréia, em 1921, trouxe ao repertório da crítica o primeiro «ismo» de nosso modernismo: o «penumbrismo».

Não se sabe quem foi o autor da descoberta. O fato é que, quando comentaram os doces e emotivos versos dêsse livro, lançaram a palavra «penumbrismo».

«Penumbrismo» seria, para a crítica acadêmica, a nova «escola» poética, falando de ambientes macios, de interiores à meia-luz, de dias cinzentos de chuva, de tardes melancólicas, de adolescentes pálidas.

A sugestão vinha dos simbolistas, com certeza e neo-simbolista era por certo o primitivo Ribeiro Couto. Entretanto, coube a êle e não ao poeta de «Paulicéia Desvairada», dar o primeiro livro de nosso modernismo — uma vez que o «Carnaval», de Manuel Bandeira, não trouxera tanta irritação ao nosso academismo, nem mesmo com a tremenda sátira de «Os Sapos».

★

A estréia de Ribeiro Couto foi em 1921. No ano seguinte, 1922, o movimento renovador que surgira com o «Carnaval», de Bandeira, que se acentuara com «O Jardim das Confidências» — a centelha que incendiou o academismo e fêz a primeira fogueira da revolução poética — estava organizado com os dois grupos principais de São Paulo e Rio e vários núcleos disseminados pelo país, como, por exemplo, o de Minas, onde surgiram, entre outros, os poetas Carlos Drummond de Andrade e Emílio Moura, o escritor João Alfonsus, o ensaista Martins de Almeida — isso, em Belo Horizonte, pois, em Minas, tivemos também o ruidoso movimento «Verde», de Cataguazes, onde o poeta Enrique de Resende reuniu, numa alegre e vitoriosa revista mensal, a «Verde», um grupo em que se encontravam Guilhermino César, crítico e romancista; os poetas Ascânio Lopes e Camilo Soares; o crítico Rosário

(Cont. na pág. 51)

"QUATRO CONFERÊNCIAS" DE JOÃO LUSO



João Luso

EM edição do Departamento de Imprensa Nacional, acaba de aparecer o volume que enfeixa quatro conferências de nosso saudoso companheiro João Luso.

Estas conferências têm hoje um redobrado valor. Ao mesmo tempo que nos trazem quatro estudos sôbre poesia, tratando de Raimundo Correia, Eça de Queiroz, Teófilo Braga e Martins Fontes — dois portuguêses e dois brasileiros, aparecendo o prosador Eça entre os poetas exatamente porque João Luso nos fala da «poesia em Eça de Queiroz» — faz reviver a figura do polígrafo e do conferencista, com aquêles dons de encantamento que faziam de sua palavra um instrumento mágico de comunicação, uma forma particular do escritor que foi, também, um «causeur» de extraordinária sedução, em quem a palavra escrita lesava um pouco, nos primores com que êle sabia exprimir-se verbalmente. «Quatro Conferências», por isso, nos traz mais vivo o nosso João Luso, recordando-o tão veramente que, lendo agora êstes trabalhos, é como se de novo lhe ouvíssemos a bela voz, as certas e expressivas inflexões, tôdas as galas de uma «causerie» que não nos resignamos de ter perdido. Não precisamos dizer, aqui, do valor literário dessas conferências que revêem os melhores momentos do conferencista. João Luso foi, no gênero, como em tudo o mais que lidou, com harmonia e saber — um mestre.



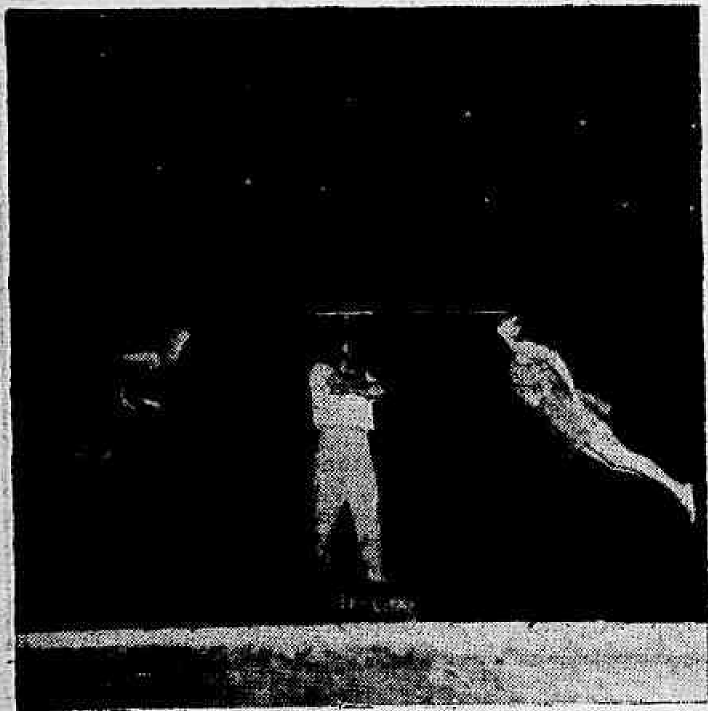
HEMINGWAY — Um pitoresco flagrante de Ernest Hemingway, feito em sua residência de Cuba, com o seu cão e o seu gato. O romancista de "Por quem os sinos dobram" é considerado um dos dez maiores escritores de nosso tempo.







FANNY, a artista n. 1



EMOÇÃO, enquanto rufam os tambores



O REPÓRTER na jaula dos leões







A GRANDE CASA DE LONA CONTINUA PROVOCANDO A ALEGRIA DA GURIZADA ★ ESPETÁCULO DOS MAIS ANTIGOS ADAPTA-SE À VIDA MODERNA ★ ARTISTAS E ANIMAIS ★ UM POUCO DA HISTÓRIA DE UM CIRCO BRASILEIRO

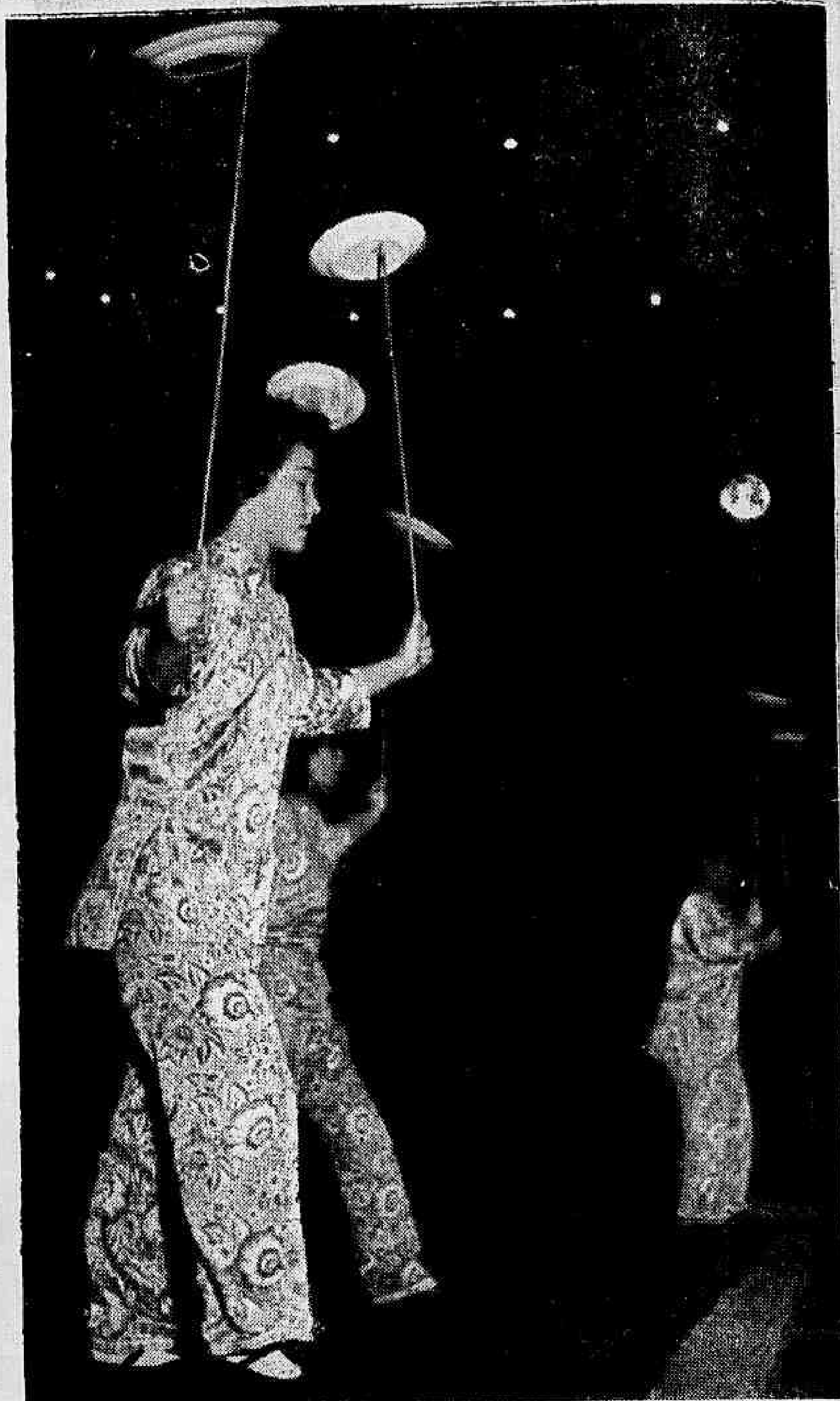
Texto e fotos de **SABINO CANALINI**



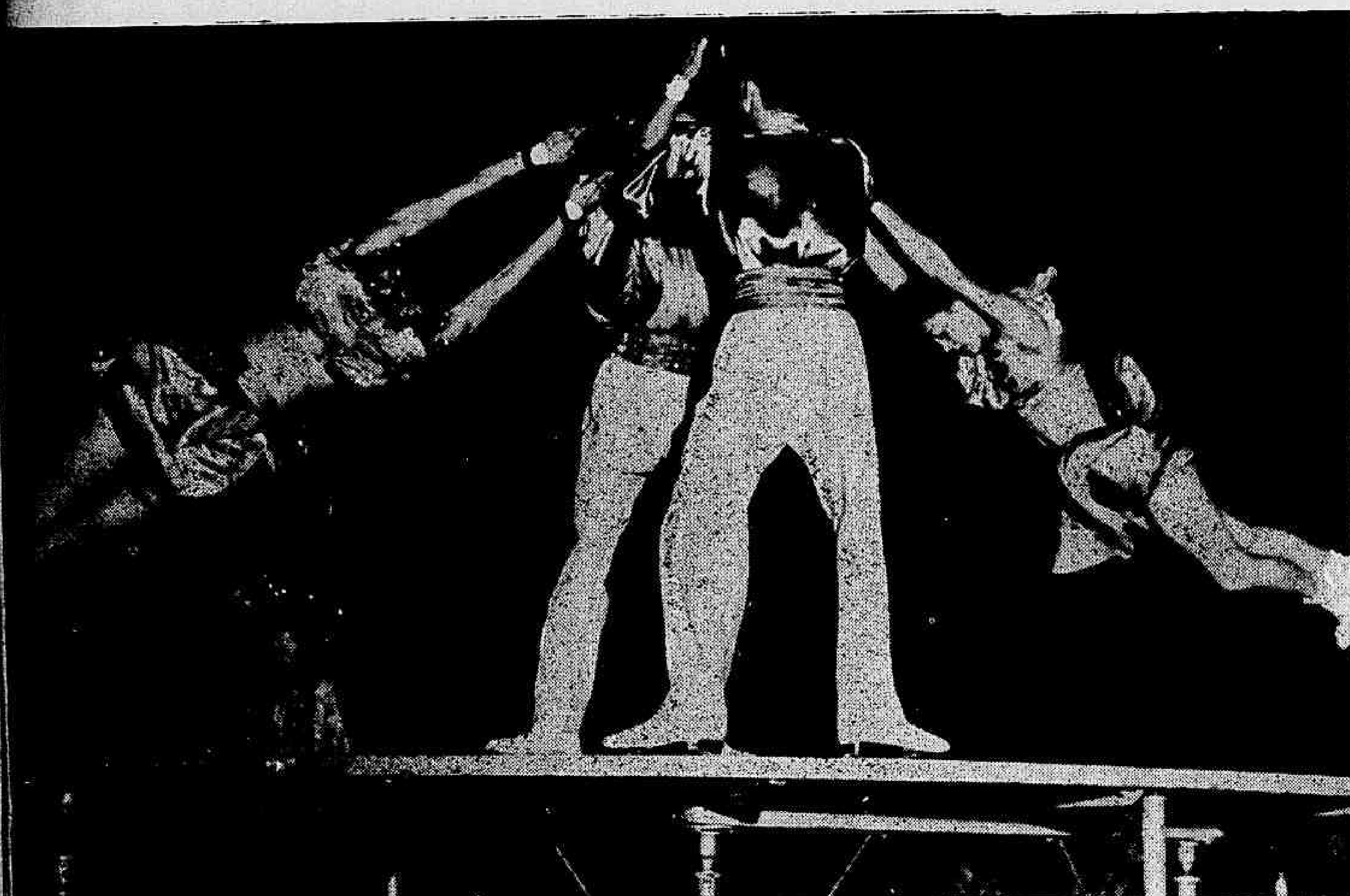
NO mais intimo de nossas recordações, as que guardamos mesmo com ciúme de trazê-las à luz realista da vida diária, todos nós temos as vagas e enfeitadas lembranças dos primeiros contactos da meninice com o mundo circense, misterioso e sempre belo. Seja que a saudade nos leve de volta a uma pequena cidade de interior ou a um pacato subúrbio de grande metrópole, todavia é infalível a lembrança de um misto de sentimentos provocados pelo aparecimento de uma caravana de artistas, casas ambulantes de quatro rodas, com a pequena chaminé fumegante, jaulas cobertas por lonas impermeáveis, mas que não podiam guardar os rugidos ou qualquer outro barulho provocado pelos bichos aí encerrados, caminhões cheios de paus e de outros apetrechos. Que alegria, quando nossos primeiros estudos permitia a leitura do nome, em latras grandes e vermelhas, do circo visitante! Quanta curiosidade nos animava a rondar o acampamento daquela gente ambulante, a espiar seus movimentos, a acompanhar a montagem de suas barracas e principalmente do recinto que iria servir para a apresentação dos espetáculos! O grande cone de lona, suspenso à fôrça de cordas e roldanas, constituiu e constituirá sempre motivo de estupefação para a gente miúda. Que alvorôço, quando depois de alguns dias de preparativos, era afinal



ALEX E RIPOLIM, a dupla de cômicos a cargo de quem está a incumbência de fazer rir. Substituem os palhaços-seresteiros do tempo de Benjamim de Oliveira. Ripolim tem um belo futuro no circo, como acrobata, cômico ou animador



PAN RAN SHUIN. Só os chineses são capazes de equilibrar pratos na ponta de uma varinha. Às vêzes os quebram...

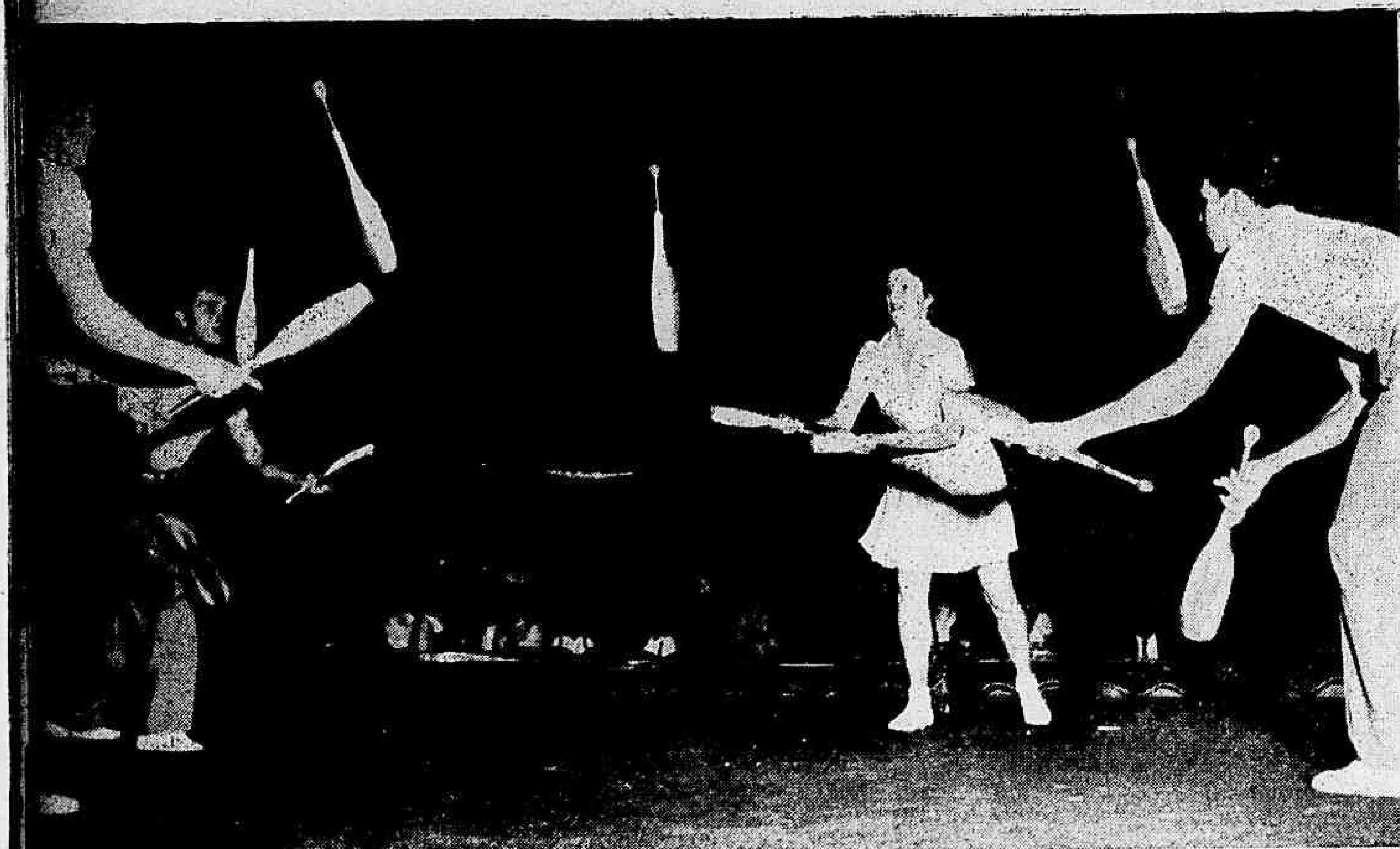


PATINS. Um grupo de irmãos consegue prender a respiração dos assistentes com seus perigosos passos executados sôbre patins, num círculo armado no centro do picadeiro. Belo efeito coreográfico, que requer agilidade, fôrça e coragem

formada uma pequena comitiva pelo pessoal do circo para percorrer as ruas da cidade, todos enfileirados, ostentando vistosas vestimentas e cartazes, um palhaço-cicerone à frente, anunciando o dia, a hora e as maravilhas que a função iria oferecer ao "distinto público"! Quando possível, também alguns animais exóticos para aguçar a curiosidade dos mais refratários. Para as crianças, êsse é o ponto alto do cortejo: ver, poder tocar até, os bichos que ilustram os livros escolares e que povoa seus devaneios da fantasia. Camelos, zebras e o enorme paquiderme! Que sucesso! Felizes as crianças por encontrarem alegria e contentamento em tão pouco! Que bem que faz, lembrar

EQUILIBRISMO. Seis rapazes e moças, em apenas três bicicletas, fazem o diabo, encerrando assim seu número





MALABARES. Os irmãos De Carlo especializaram-se como malabaristas. Com garrafas, aros, etc., conseguem vencer a vista humana, mas não a máquina fotográfica, cuja velocidade permitiu gravá-los, bem parados, no flagrante acima



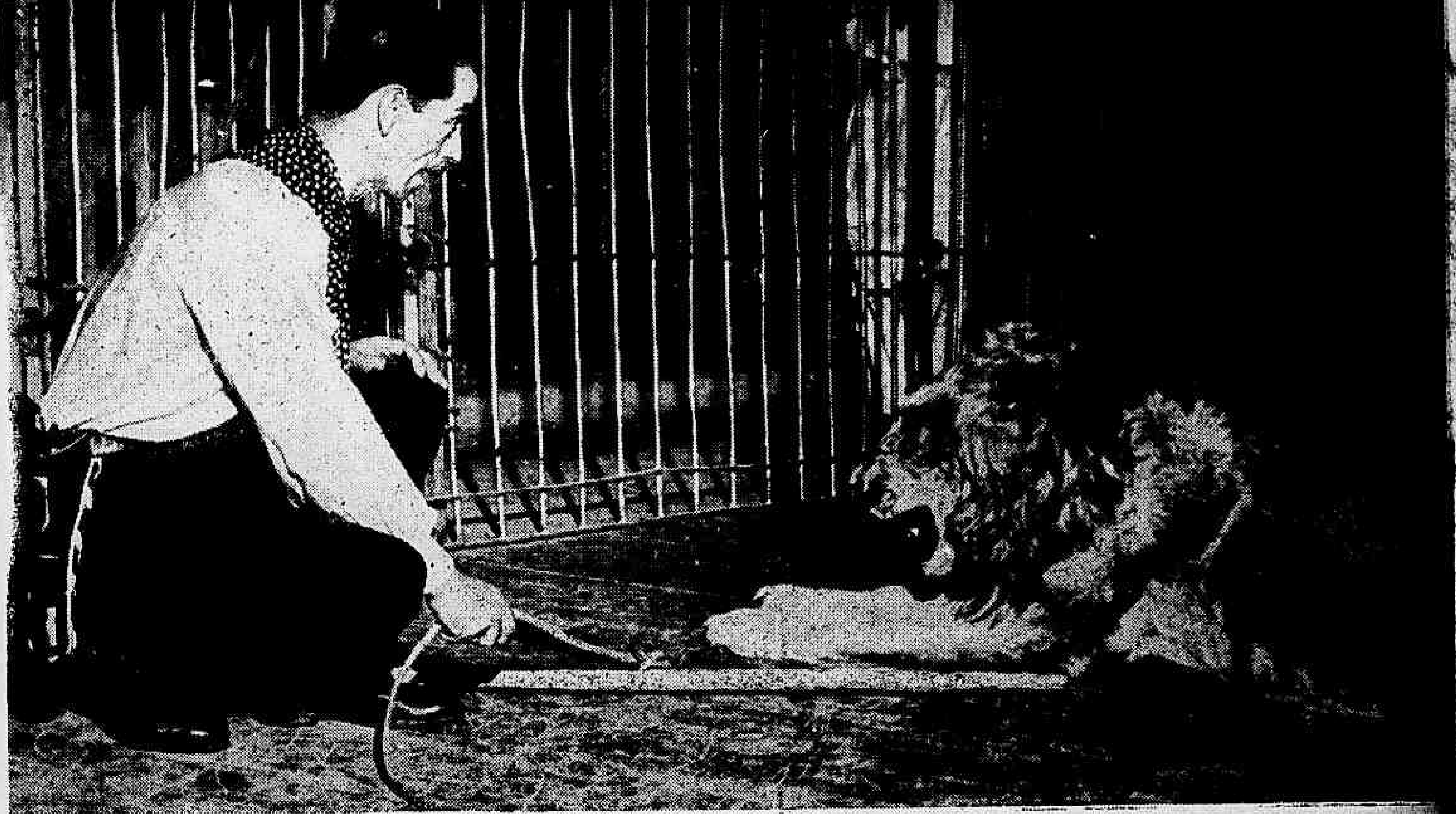
ALTA VELOCIDADE. Segura na haste metálica, vestida com a bandeira nacional, roda velozmente, e o povo aplaude

êsses tempos em que a despreocupação era a característica de nossas vidas!

Lemos certa vez de um fato acontecido nos Estados Unidos. Não garantimos que seja verdade, mas se alguma vez e em alguma parte se deu o que vamos relatar, só o pode ter sido em U.S.A., onde parece que os homens gostam de pensar, às vêzes, como crianças. Num lugarejo em que havia sido levantado um circo, um guarda municipal fiscalizava externamente a integridade da lona, para impedir a entrada furtiva dos molecotes de rua, durante os espetáculos. Mas inúmeros eram os garotos que conseguiam entrar sem serem molestados pelo guarda, conseguindo-o

LOS MARIOS executam êsse perigoso número. Enquanto êle equilibra, a percha no ombro, ela faz acrobacias no alto

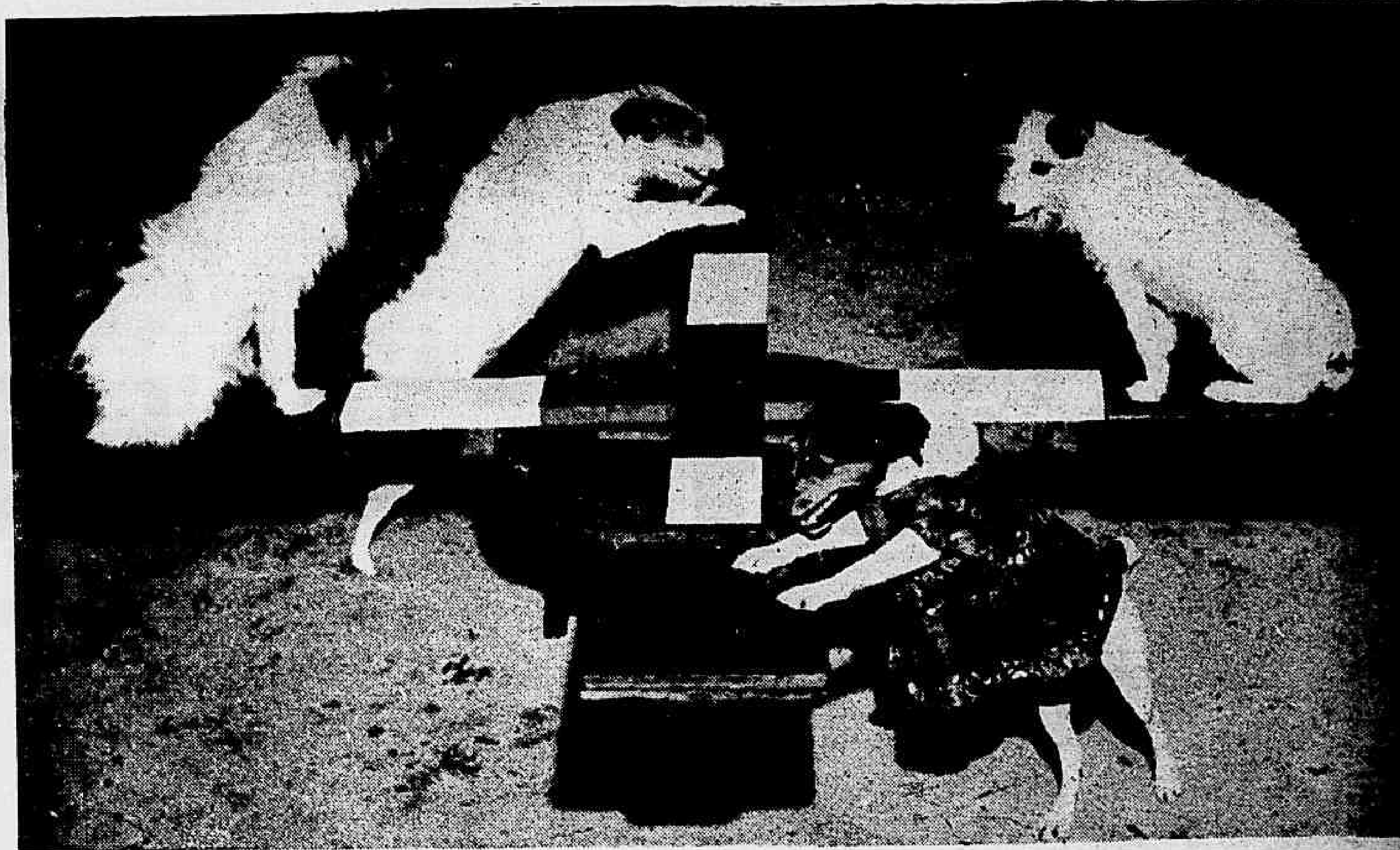




HANS E O LEÃO, reeditando Edipo e a Esfinge. Só que ao invés de querer decifrar o enigma, está apenaas dizendo, «Vamos, Nero, seja bonzinho, é o teu amigo Hans. Não te quero castigar, apenas fazer uma bonita pôse para a fotografia»



PIRAMIDE LEONINA. Após muito tempo e paciência o domador conseguiu que os leões executassem êsse número. Aliás, no circo, tudo é perseverança e fôrça de vontade. Nessa altura os animais já estavam reclamando a presença do repórter



OS CÃES apresentaram-se em grande forma, graciosos, alguns com saiotes. Obedecendo à batuta do prof. Alves e de sua companheira foram aplaudidos pela gurizada que sempre se impressiona com os pequenos seres animados e simples



DAS AREIAS do deserto veio o ruminante, Miss Carolina, pois é fêmea, para provocar risos com seu gingar curioso



AINDA FANNY atravessando uma porta após abri-la e fechá-la depois de passar. Um bravo à inteligente cadelinha



O INDU, A ELEFANTA E O FILHOTE. Os elefantes machos não servem para o circo. O «cornac» que o diga...



NA PINGUELA o leão mostra-se nervoso e temperamental. Nem sempre o domador consegue o número, e não insiste

alguns, mesmo sob os olhares distraídos do representante da autoridade municipal. Estranhando alguém essa falta de dever profissional, foi perguntar ao guarda o por quê de sua conduta. Em grande segrêdo e piscando o ôlho, o polícia respondeu:

— Eu sou contratado para fazer isso mesmo. O dono do circo quer que os garotos sintam vontade de burlar a minha vigilância só pelo fato de eu estar presente e por saberem que não está direito entrar dessa maneira. Estou aqui apenas para convencê-los de que de fato conseguiram realizar uma grande façanha, entrando no circo por baixo da lona e sob as minhas vistas. Imagine a redobrada alegria com que assistem ao espetáculo, pensando que me enganaram! Tudo o que é difícil e proibido tem outro sabor!

Poderá não ser verdade, mas encerra uma grande lição de bondade.

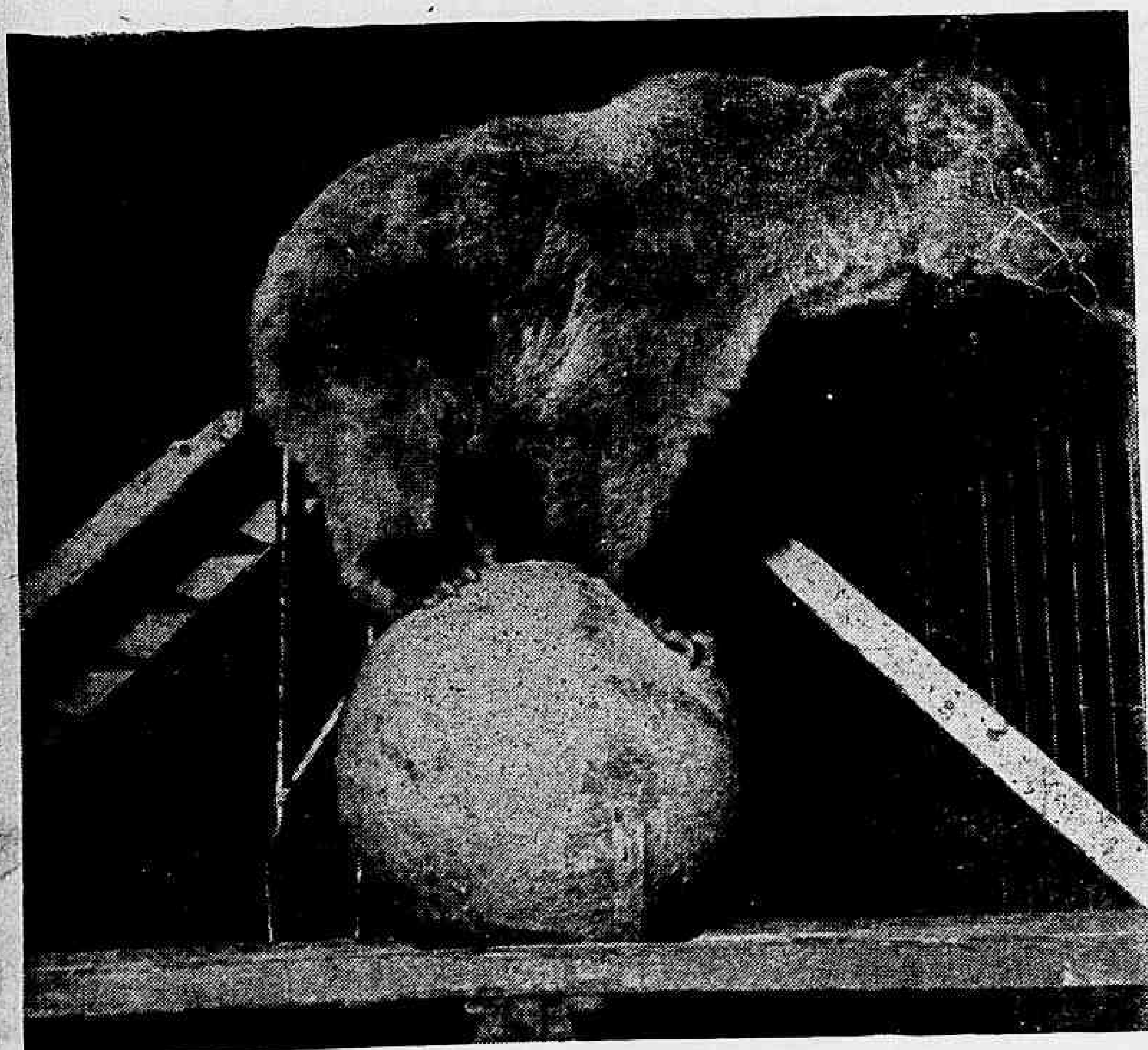
★

Passam os anos, envelhecem os homens, novas gerações surgem, mas o circo permanece exercendo fascínio em todos os meninos até oitenta anos. Já tivemos oportunidade de assistir ao famoso Sarrasani aqui no Brasil, ao Gleich e ao Bush, na Europa. Todos alemães. Suntuosos, verdadeiras cidades ambulantes com os respectivos jardins zoológicos. Apesar disso, o aparecimento do menor cirquinho nos atrai. E reparamos que o interêsse despertado nos meninos é o mesmo. Acompanhando a evolução dos tempos, caíram em desuso os megafones, substituídos pelos microfones e altofalantes, mas quanto ao resto, é tudo como há séculos. Desde que os povos siberianos aprenderam a ensinar os ursos a dançar, usando chapas de metal encandescente, e os ibéricos se tornaram exímios amestradores de cavalos, desde que o homem modificou a natureza selvagem de alguns animais para torná-los domésticos e úteis, e deixou os outros livres para serem exibidos nas arenas, teatros e circos em espetáculos bárbaros de caça, lutas e morticínios como faziam os babilonenses e os romanos, os egípcios e os cretenses, os persas e os chineses, os hindus e os aborígenes americanos, êsse tipo de espetáculo seguiu "pari passu" a história da civilização. Vaquejada, rodeio, tourada, corrida de cavalos e de cães, briga de galos e de canários, caçada à raposa, ao tigre de Bengala ou ao elefante, seja qual fôr o nome que se queira dar, a sociedade continua se divertindo com os animais em tôdas as partes do mundo. Aristocráticos ou plebeus, segundo a moda e as conveniências, os esportes e os espetáculos que apresentam animais são os favoritos.

— Circo sem animais, não é circo e está fadado ao falimento.

Assim nos disse o sr. A. Garcia, proprietário do circo que ora visita o Rio e em cujo interior obtivemos os flagrantes que acompanham o texto. Pelo nome pensávamos que fôsse de origem hispano-americana. Trata-se, pelo contrário, de um legítimo paulistano, chefe de uma organização eminentemente nacional e com 28 anos de vida circense. Quisemos saber algo sôbre tantos anos dedicados à uma profissão errante e, também, ao contrário do que supúnhamos, viemos a saber que êle não é filho de artistas, como se podia esperar, e que entrou no circo por

(Cont. na pág. 51)



EQUILIBRANDO-SE na clássica e infalível bola, o urso sobe e desce por uma gangorra, enquanto o domador, cuidadosamente, trata de evitar um «amigável» abraço



E WEPPY, o jovem hipopótamo que conta apenas dois anos de idade, ao lado do seu dedicado tratador que espera um dia poder mostrá-lo ao público plenamente amestrado

Nicodemus

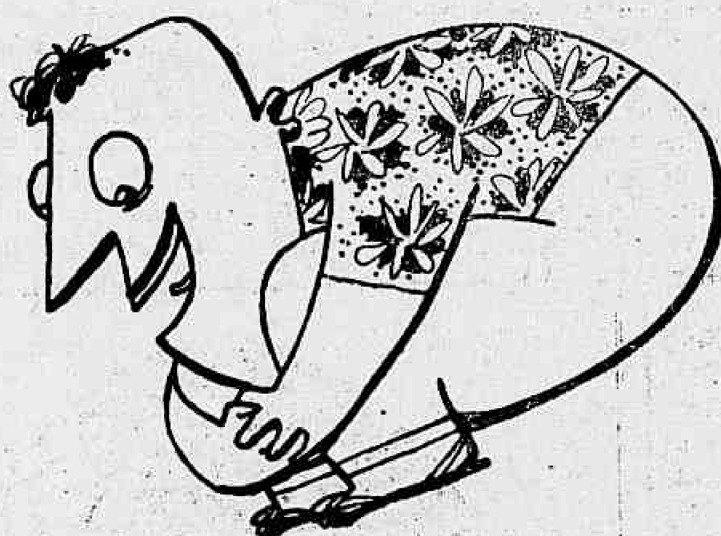
ENFERMO POR GOSTO
DÁ O CAMINHAMENTO
DE INEVITÁVEL E APRECIADISSIMA

DOENÇA

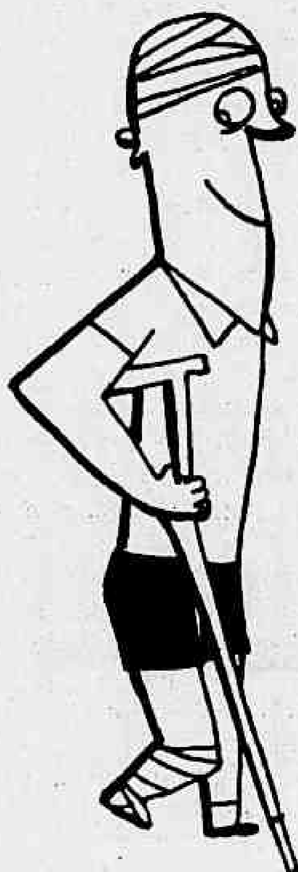
O
HOMEM
ESCAPA
DA
COQUELUCHE ...



ESCAPA DO TROTE
ESCAPA DO TREM
DO BONDE
ESCAPA DA DERRAPAGEM
DO AUTO E
DO LOTAÇÃO ...

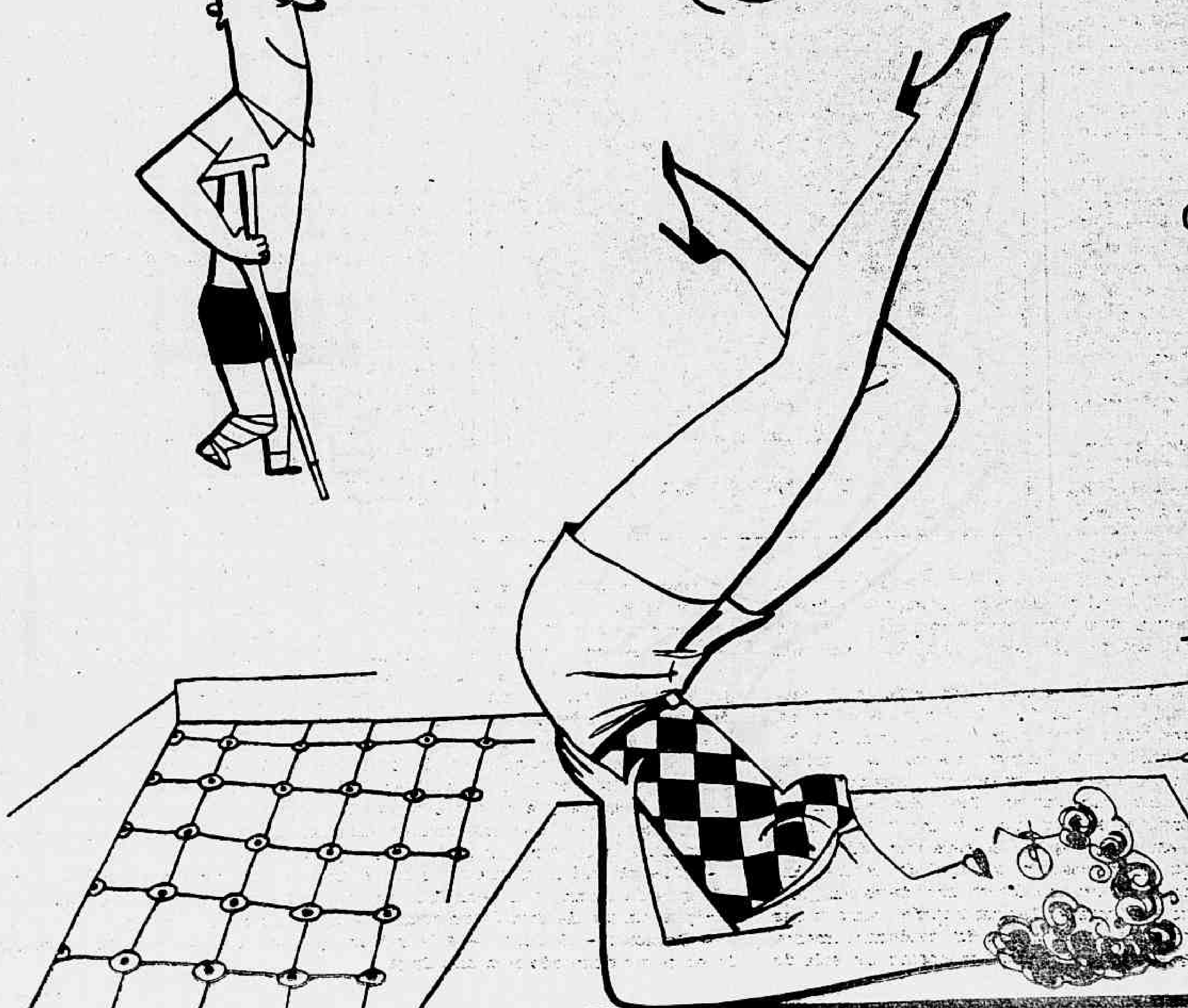


DA CACHUMBA
DO SARAMPO
DA QUEDA
DE PONTA CABEÇA
SOBRE A LAJE
DA VARANDA ...



MAS
NO
FIM
MORRE
DE
FEBRE
DELIRA
SÚA
FAZ
VERSOS
CAI DIRETO
NUM BURACO
BOBO
BOBO
SE
BABANDO
POR
UM
SIMPLES

CORAÇÃO !



A VIDA DE CRISTINA DA SUÉCIA

(1626 — 1689)

Por HENRY THOMAS e DANA LEE THOMAS

(Direitos adquiridos com exclusividade pela REVISTA DA SEMANA com a Livraria do Globo, de Pôrto Alegre)

Os dois primeiros filhos do rei Gustavo Adolfo tinham sido meninas, e ambas haviam morrido na infância. Os astrólogos predisseram que o terceiro seria menino. Não restava dúvida alguma. Êles podiam ler isso distintamente nas estrêlas.

Os astrólogos provaram ter em parte razão. Quando Cristina veio ao mundo, seu corpo era tão escuro e peludo, e seu vagido tão forte, que todos pensaram tratar-se de um menino. Ela veio a ser, entretanto, apenas uma menina endiabrada.

Durante tôda a vida, preponderaram em Cristina os traços masculinos. Ela sabia montar, brigar e praguejar como um soldado, e se abandonar à menos feminina das posturas, atirando as pernas por cima do braço da cadeira: é o que nos conta sem corar uma história de valor duvidoso. Preferia saias curtas, ou antes, calças, a vestidos compridos. «Roupas de mulher e maneiras de mulher eram para mim igualmente insuportáveis». Possuía a resistência de um homem, seguidamente passando só com quatro ou cinco horas de sono, trabalhando tão decididamente com o calor como com o frio intenso, e levando mesmo seus mais robustos companheiros do sexo masculino a um estado de exaustão. «Os cavalheiros e senhoras que estavam de serviço comigo ficaram desesperados pelo modo como os deixei estafados». Ela lhes parecia um grânulo de azougue, sempre rolando irrequietamente rumo a novas aventuras. «Eu não lhes dava descanso nem de dia nem de noite». Desdenhando tratá-la pelo seu título feminino, seus servidores referiam-se a ela como **príncipe Cristina**.

Em suma, o príncipe Cristina manifestava um temperamento masculino em tudo, menos numa coisa: tinha o hábito estabanado de mudar de idéias. A filha de Gustavo Adolfo era, no final das contas, mulher.

II

Ela nascera em meio à Guerra dos Trinta Anos, uma guerra germânica na sua origem. Durante tôda a vida havia de odiar a guerra e de desprezar os alemães. Na sua infância ouvira horríveis histórias sôbre as depredações dos soldados e os sofrimentos dos civis, «sôbre cães famintos que comiam homens, e homens famintos que comiam cães». Criança curiosa perguntava muitas vêzes:

— Pelo que êles estão lutando?

E a resposta invariável era:

— Deus sabe!

Embora admirasse a coragem, odiava a brutalidade, principalmente a brutalidade sem motivo. Quando seu pai um dia a deixou para nunca mais voltar, ela não viu razão para isso. Tinha então apenas quatro anos. Puxara-lhe as barbas para que êle prestasse atenção às palavras de despedida que ela tinha a dizer, palavras que suas amas lhe haviam ensinado. «Quando êle viu aquilo, tomou-me nos braços e me beijou, sem poder reter as lágrimas... Êle tinha o pressentimento de que em breve morreria no campo de batalha».

Cristina adorava o pai; mas não gostava tanto assim da mãe, uma mulherzinha sentimental de muitos suspiros, porém de pouco discernimento. Não cabia em si de contente quando, com a idade de seis anos, foi afastada de sua mãe para ser educada sob as vistas do grande-chanceller Oxenstiern.

E sua educação foi uma educação de homem, ministrada por homens. Ela nunca se sentira à vontade na presença das mulheres. Não lhes podia compreender os artifícios. E as ocupações ridículas delas, tais como, o bordado, a garridice e a etiqueta da côrte. Não gostava de modo algum daquela afetação, daqueles falatórios, daqueles sorrisos tolos que se exibiam para a fátua admiração dos efeminados freqüentadores de salões. Dessem-lhe um cavalo, e ela preferia escarranchar-se na sela como um rapaz a sentar-se obliquamente como uma moça. Queria alimentos e livros de homem. Ensaios de filosofia, tratados de política, cogitações teológicas, dissertações sôbre arte. E lingüística. Um príncipe devia aprender a conversar com muita gente em muitas línguas.

Era uma estudante brilhante, embora não submissa. Quase um gênio, forçada todavia a ser rainha. Odiava o esplendor dos bailes engalanados e a cadeia que a mantinha prêsa à rotina real. Um rei, como um criminoso, deve levar uma vida à parte, afastado das ocupações e dos prazeres que têm os homens e mulheres comuns. Nenhum lugar para êle na competição de cada dia, com a excitante esperança da vitória e o excitante mêdo da derrota. Tolhido pelas prerrogativas de sua régia posição, o rei no seu palácio possuí quase a mesma regalia e quase a mesma oportunidade para desenvolver suas inclinações individuais, como um pimpôlho suado no seu berço.

Cristina, como veremos, tinha suficiente coragem para pular fora de seu rico bêrço. Mas, antes de o conseguir, teve de pregar boas peças às suas aias.

Antes de mais nada, ela insistiu em pôr côbro à Guerra dos Trinta Anos. Essa sua iniciativa foi «um escândalo e uma revolução». Tinham-lhe dito que era atribuição dos governantes **fazer** guerras, e não **dar fim** a elas. Cristina, porém, não deu ouvidos a seus escandalizados conselheiros e assinou a Paz de Westphalia. Tinha a êsse tempo apenas vinte e dois anos. Depois — escândalo sôbre escândalo! — ela se recusou a casar e, como boa rainha, a dar a seu reino um herdeiro. «Minha ambição e minha altivez... tornaram-me incapaz de submeter minha vontade à de outrem, mas despertaram em mim um desdém por todos», especialmente por aquêles «nobres patetas» a quem Oxestiern tinha escolhido para darem a ela uma progênie.

Um outro ato seu que não parecia partir de uma rainha foi a nomeação de Salvius, um homem talentoso mas plebeu, para o Senado. Quando Oxestiern expressou-lhe seu espanto por ter ela feito essa mistura corrutora do sangue ruim com o bom, Cristina ponderou-lhe com um sorriso que o mérito pessoal era mais importante do que a origem de alguém. «Há camponeses que merecem ser reis, e reis que merecem ser camponeses.»

Haveria, talvez, algo de camponio naquela estranha rainhazinha? Quem diria? Os meandros da corrente de sangue real, como os cortesãos sabiam muito e muito bem, eram a miúde escuros e tortuosos. Não se levavam em conta alguns de seus tributários irregulares. Em todo o caso, Cristina não cuidava de representar o papel de rainha. Era uma criaturinha retaca e desajeitada. Raramente penteava os cabelos, usando-os em geral desleixadamente atados com uma fita. Seu rosto era tostado, de traços rudes, como o das mulheres que trabalham no campo. Nariz comprido, lábio inferior caído desdenhosamente, voz máscula. Parecia uma criada de cozinha que tivesse entrado por engano na sala de visitas. «Suas convicções cheiravam a sarjeta.»



CRISTINA DA SUÉCIA

E em que companhia se conservava! Não a burguesia de sangue nobre que, como convinha à sua classe, passava os dias caçando, e as noites namorando e jogando cartas, mas uma chusma de plebeus estrangeiros, que desperdiçavam seu tempo e o tempo da rainha nas «desprezíveis ocupações» de compor músicas, pintar quadros e escrever livros. Aquêle erudito Salvatius, por exemplo, que conversava em latim antigo ao invés de usar o moderno sueco. Ou aquêle professor Boecler, que certa vez se atreveu a afirmar: «Eu prosseguiria, se os suecos fôssem capazes de assimilar isto em suas cabeças tapadas.» Bem-feito quando os estudantes suecos lhe quebraram a cabeça, em vingança. Ou aquêle cientista Stiernhielm, o homem que tentou introduzir uma lente mágica chamada **microscópio**. Com essa sua estranha invenção, êle chamuscara a barba de um campenês e ampliara uma pulga na presença de um padre. O camponês e o padre tinham providenciado para que êle fôsse prêso como feiticeiro e ateu. Ou aquêle filósofo Descartes, um francês que tratara de ensinar a Cristina os mistérios do céu, quando ela devia dedicar seu tempo às diversões da terra. Foi bom, entretanto, que ela insistisse em receber suas lições às cinco horas da manhã. Essas madrugadas e o clima sueco provocaram uma pneumonia em Descartes, e êle morreu.

Um desprezível intruso a menos, pensaram os cortesãos. A rainha, porém, tornou-se ainda mais afeiçoada aos seus sábios e aos seus livros. Que pretendia Cristina a todo custo com os livros? O que lhe competia não era pensar, mas governar.

Não obstante, Cristina persistiu nos seus estudos, e um dia, para espanto dos cortesãos, decidiu abandonar o govêrno.

— Vou abdicar ao trono e mudar de religião.

Foi um duplo raio. A nação sueca ficou estarrecida. As atitudes de sua rainha eram incompreensíveis.

— Esta mulher contraria as leis da natureza.

A maioria da gente daria a vida para ganhar um trono. Cristina dava um trono para ganhar uma vida. De agora em diante — tinha nessa ocasião vinte e oito anos — cessaria de ser uma personagem para ser uma pessoa.

III

Na sua **Autobiografia** Cristina escreve que largou a coroa tendo em vista achar a paz. A julgar por seus atos subseqüentes, parece mais provável que ela tenha aabandonado sua coroa com o fim de granjear aplausos. Estava cansada de representar a princesa para os suecos. «Queria representar a estouvada para o mundo. Queria desempenhar o pápel principal num drama de sua própria autoria. Poucos dias depois da sua abdicação, escreveu: «Sei que o papel em que atuei não foi preparado de acôrdo com as normas ordinárias do teatro.» Isto, em poucas e simples palavras, exprime o propósito fundamental da vida de Cristina: deslumbrar pela transgressão das normas. Suas saídas e entradas no desempenho do seu papel deviam ser diferentes das de qualquer outra mulher. Sua abdicação era mais sensacional do que ter ganho uma guerra. «Quem já viu tal coisa?», escreveu um sábio a outro; e Cristina tomou providências para manter a sensação. Recusando-se a partir com a modéstia esperada depois de tão nobre abnegação, saiu da Suécia com um aparatoso cortejo. Pilhou o palácio da baxela de ouro e prata, do mobiliário, das tapeçarias, das pedras preciosas da coroa. Propalou-se que o seu sucessor ao trono, Carlos Gustavo, «não achou nada no palácio, salvo dois tapetes e uma velha cama.» Embora ela renunciasse ao seu título real, conservou sua real comitiva. Enquanto andava de um lugar para outro, mantinha a Europa curiosa com um contínuo bombardeio de surprêsas. Num dia ouvia-se contar que ela cortara os cabelos, envergara um uniforme masculino, empunhara uma arma e se alistara para lutar em Flandres sob as ordens de Condé. No outro dia ela desaparecia completamente — tinha um instinto de novelista para deixar as coisas em suspenso — para de novo aparecer sùbitamente num vertiginoso vaivém. Certa vez, enquanto a frota esperava por ela num porto prèviamente determinado, Cristina deliberadamente partiu de um outro pôrto. Sempre fazia o inesperado. Sua chegada a uma cidade «fazia crer num circo ambulante». Multidões amontoavam-se em tôda a parte para aclamar « maior curiosidade da Cristandade». Festejada e lisonjeada por todos os lados, às vêzes se portava com a dignidade de uma rainha, outras vêzes com a leviandade de um palhaço.

Sempre ansiosa por surpreender, por deslumbrar, por impressionar. Em Hamburgo aceitou a hospitalidade de um banqueiro judeu; e, quando o clero a denunciou do púlpito, ela retrucou que o próprio Jesus fôra um judeu e que apreciara, durante tôda a vida, a hospitalidade dos judeus.

E, assim, continuou na sua espantosa encenação, mudando o palco de Hamburgo para Bruxelas, para Antuérpia, para Innsbruck, comparecendo ante multidões aclamadoras, saudando soldados, fazendo-se acompanhar de clangores e luminárias. Foi em Innsbruck que adotou a fé católica, que foi para ela o clímax da sua ostentação de humildade. A religião, como tudo o mais, era para ela motivo de exibição. Sua conversão foi motivada, pelo menos até certo ponto, por um sincero desejo de abraçar a verdade. O coração humano é um complicado instrumento de muitas cordas, e ainda está por aparecer o psicólogo capaz de interpretar todos os vários motivos de tôdas as várias cordas na determinação de um simples ato humano. No entanto, parece haver pouca dúvida de que uma sêde de sensações raras tenha desempenhado importante papel na aceitação de uma nova religião por parte de Cristina. «Deve-se sempre começar de novo», era o lema da sua vida, freqüentemente repetido. Ela achou fácil despir o vestuário da sua fé luterana porque sempre usara êsse vestuário um tanto relaxadamente. Quando criança, e mesmo quando mulher feita, lia seu Vergílio durante os sermões de domingo. «Não quero ouvir sermões! Tenho o mais profundo desprêzo por todos os pregadores. E agora que vestira a fé católica, não achou êsse vestuário menos embaraçoso para a liberdade de seus movimentos. Quando os jesuítas de Lovaina propuseram colocar-lhe o nome num painel de santos, ela replicou:

— Não, obrigada; eu preferiria antes encontrar meu nome numa lista de filósofos.

E quando terminou a cerimônia de conversão em Innsbruck, diz-se que ela lembrou a representação de uma ópera cômica para coroar o acontecimento.

— Senhores — declarou — é bem justo que me entretenham com uma comédia depois de eu os ter entretido com uma farsa.

(Cont. na pág. 50)



NO MOMENTO DO BEIJO a empregada correu para assistir o acontecimento. O am biente era sugestivo: uma saleta, à meia-luz, e a cena desenrolada sob um quadro «souvenir» do Panamá, que trazia o dístico: «Kiss of Ocean». — «Como vai ser?», pergunta D. Celeste. «Um beijo de casado?» — «Não, de noivos». E saiu assim. Teria sido aprendido no cinema? Ademir gosta de ver suas fitas e ouvir música popular.

DR. ADEMIR - PROFESSOR DE FUTEBOL

O PITORESCO NA VIDA DE UM JOGADOR FAMOSO ★ HELENO FAZ DAS SUAS MAS TUDO ACABA BEM ★ ADEMIR ENCARA O FUTURO ★ UM "HURRA" AOS MEXICANOS !

Texto de CARLOS ALBERTO MACHADO

ESSA gente do futebol também tem nome. Constituído de prenome e sobrenome. Geralmente, são conhecidos pelo que os caracteriza: alcunha, prenome, corruptela do verdadeiro ou uma justaposição qualquer. Nasceram em algum lugar e se batizaram, agregando ao primeiro nome (que o padrinho achou bonito, escrito num almanaque qualquer) o materno, antecedendo o paterno, procurando demonstrar a origem legítima do binômio: pai-mãe. E o do pai sempre depois, marcando a autoridade e posse. Coisas de convenções.

E, assim é que se aponta, se escreve, se diz e grita: Ademir!

Mas não fica só nisso. Em sua carteira de reservista ou de identidade, constarão outros dados, nivelando-o aos demais homens.

Nome: — Ademir Marques de Menezes.
Naturalidade: — Brasileira (Recife, Pernambuco).
Data: — 8 de novembro de 1922.
Altura: — 1, 72.
Pêso: — Setenta quilos.
Estado civil: — Casado.
Cônjuge: — Celeste Rodrigues de Menezes.

Sim... casado. Há dois anos. Mas não tem filho. E com dona Celeste. E' um direito que se lhe assiste êsse dona antecedendo o nome. Tão jovem, dezenove anos... E essas coisas assim, de D. Celeste.

Foi um amor repentino que surgiu de um gracejo e olhar trocado às pressas nuns minutos que esperavam a hora marcada para o jôgo.

Celeste era u'a mocinha de quinze anos, simples e tra-



SALADA, «FILETS», sardinhas e vinho. Ademir estava, àquele dia, de dieta. Havia engordado um quilo e meio e as redes do Bangu o esperavam.

ADEMIR PÔSA DUPLAMENTE PARA A POSTERIDADE. EM SEU BEM CUIDADO APARTAMENTO DE CASAL COLOCA PELAS PAREDES CARICATURAS DE SUA PESSOA, RETRATOS E PINTURAS. TUDO PRESENTE.





balhadeira. Seu coração, virgem de amor, sonhava com um personagem de Dely ou um príncipe medieval que devia vir montado em fogoso e branco cavalo e de elmo luzidio. Só que seu cavalheiro não trazia um corcel pelas rédeas mas uma pelota de couro nos pés malabaristas. Dava "driblings" espetaculares, tinha o nome nos cabeçalhos de jornais como bom filho e bom amigo. Isso a cativou. Um bom filho dá sempre bom marido. A simpatia veio insinuante, sem avisar, sem pedir licença.

Era uma tarde de domingo. De agôsto, uma tarde sem personalidade. Podia esquentar como chover de noite. São Januário não aguentava de gente. Jogavam Vasco e Botafogo. Àquela hora disputava-se a segunda fase da preliminar. E o momento em que os titulares entram em campo para observar o ambiente e a êle se acostumarem.

— Olhe ali o Ademir — era Acyr, a noiva de Rafaneli, quem falava.

Celeste olhou. Certamente, para o pescoço dêle porque o rapaz se voltou e divisou a menina. Penetraram-se os dois pares de olhos. Questão de segundos. Foi uma satisfação para a Celeste. Os jogadores de primeiro time têm cartaz de "mascarados" dentro de campo. Fora, são boa gente.

Começa a partida e, quarenta-e-cinco minutos após, termina a primeira fase. Ademir vai saindo de campo e diz, passando perto de Celeste:

— Até logo, beleza.

Rafaneli, que se achava junto da noiva, sorriu. Celeste ufanou-se.

As partidas de futebol, depois de dez minutos de descanso, recomeçam e terminam. Os jogadores voltam para suas casas e agem como gente comum. Vão dormir, comer, passear ou namorar.

A idéia daquela menina olhando para êle, não deixava Ademir. Procurou Rafaneli.

— Rafa, quem é aquela moça que estava com sua noiva?

— A Celeta? — era assim que Rafaneli chamava a amiga da noiva.

— Não sei, Rafa. Uma alourada.

Rafaneli sabia dos conceitos rígidos da família da menina. A reputação que desfruta um jogador no seio dessa gente. Relutou um pouco, depois resolveu.

— Alô, Acyr, como vai? E o jôgo que tal, gostou?

Rafaneli fala ainda com um sotaque estrangeiro, entremeando às frases portuguêsas, palavras castelhanas.

— Celeta, está aí? Non, é que Ademir lhe quer falar.

E o desbravador de defesas, esperou a voz feminina, um pouco nervoso. Convidou-a para sair. Celeste, aproveitando a saída da irmã mais velha, uma espécie de tutora, marcou o encontro. Na praça Cruz Vermelha, perto de sua casa. Os namoros são como certas partituras de música. Aumentam de intensidade à proporção que o tempo avança. Diminuem de ritmo ou terminam abruptamente. Depende dos autores. Celeste contou à irmã que consentiu, sob a condição de o rapaz se chegar ao portão.

Exatamente um ano depois, num doze de agôsto, Ademir pedia a mão da menina para se casarem no mês de abril vindouro. A Candelária encheu como nunca. Celeste não gostou. As noivas, em sua inocente vaidade, não gostam de muita gente. O vestido confeccionado à base de pequeninas minúcias, que o diferencia dos outros, não pode ser devidamente admirado. Ademais a solenidade perde o seu cunho de amena e sacrossanta atmosfera. O padre que oficiou no ato, jurou que nunca mais casava jogador de futebol, naquela igreja. Heleno, de pirraça, prometeu ali casar-se. Mas não cumpriu.

ROTEIRO DE UM ASTRO

Ademir morava na Praia do Pina, no Recife. Jogava no juvenil de um time local. Ali deu seus primeiros chutes, num quadro de onze jogadores. Os pais não con-

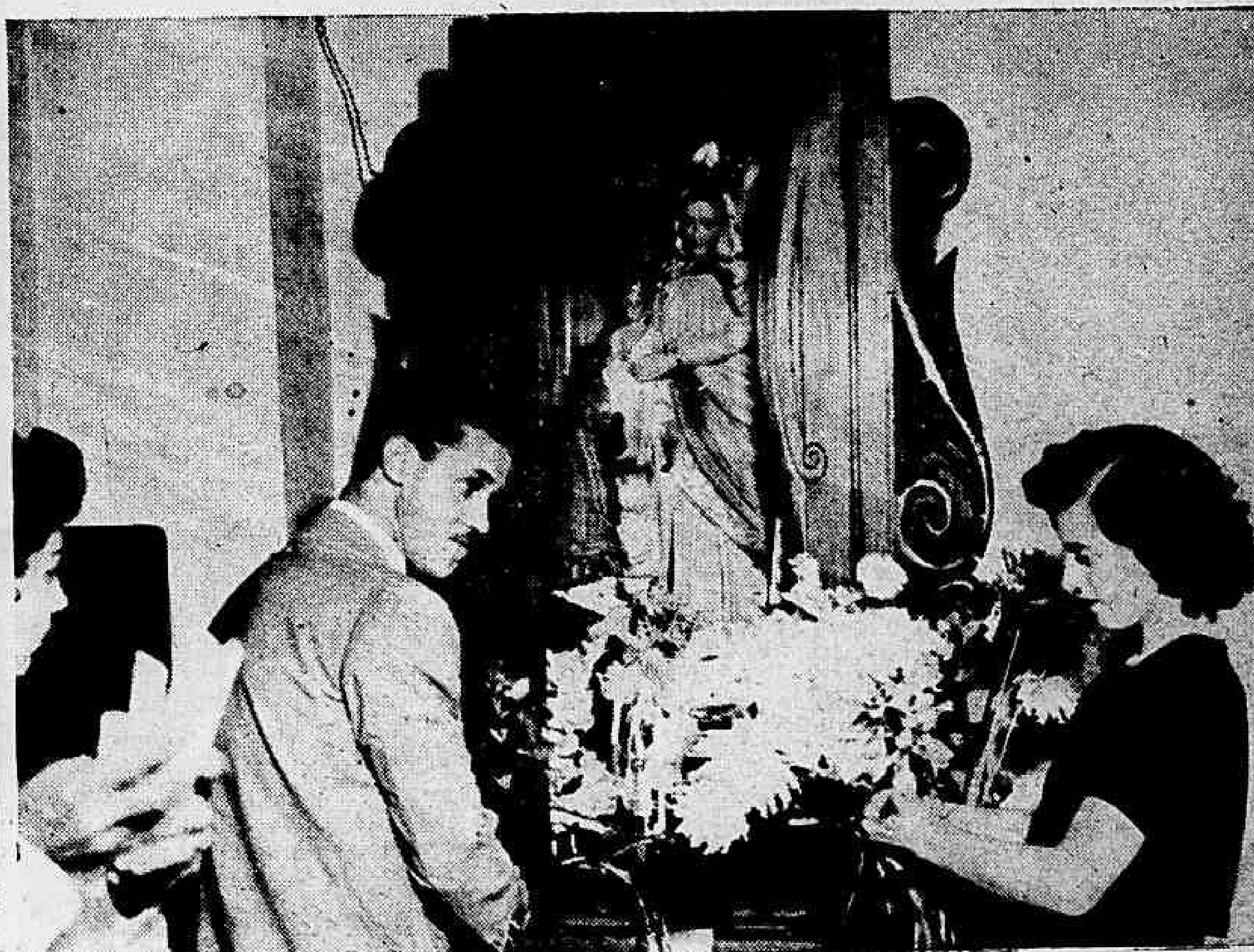
(Cont. na pág. 52)



A MEDALHA DE «ARTILHEIRO» de 1949. Um troféu glorioso que Ademir exibe. Profissional consciente de seus deveres e jogador ardoroso, disciplinado, faz sempre justiça aos prêmios que lhe são dados. Espera o de «goleador do mundo», que ainda não foi entregue pela C. B. D.



O CONTRATO INDISSOLÚVEL foi firmado diante de duas dezenas de pessoas. O tabú de que não se vincularia por tôda vida foi quebrado. E o padre da Candelária jurou que nunca mais casaria jogador de bola.

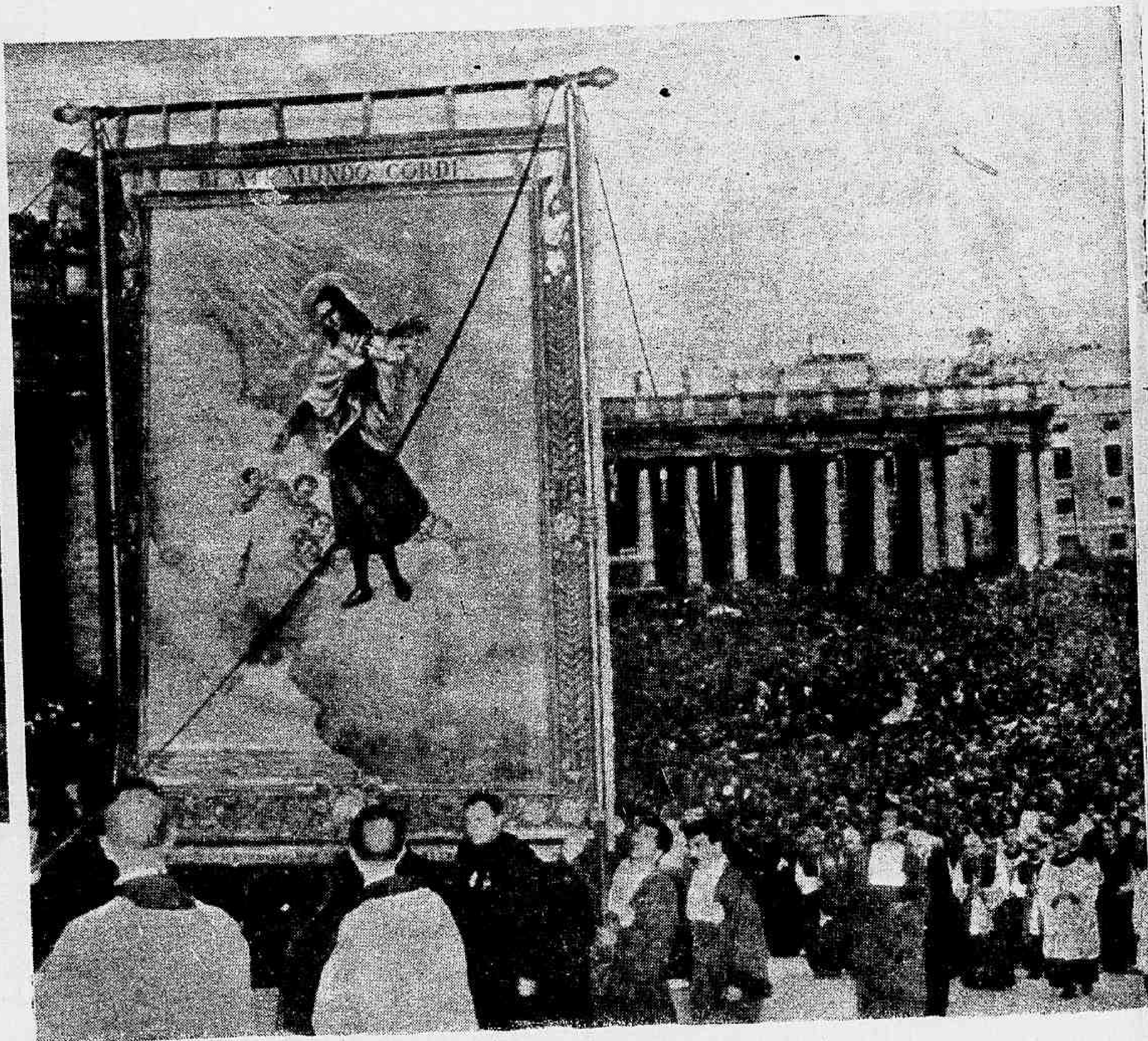


COMO TODO BOM nortista, Ademir é supersticioso. E como jogador, ainda mais. Por isso é devôto de Nossa Senhora das Vitórias e vai ao seu altar para pagar as promessas ou pedir a interferência da santa.



ASSUNTA GORETTI, com oitenta anos de idade mãe da menina-santa, quis também assistir à cerimônia, apesar de possuir já agora uma saúde precária que a obriga a passar seus dias numa poltrona de rodas. Chegou de carro na basílica e foi levada nos braços até o lugar que lhe havia sido destinado. Sem dúvida, foi um acontecimento raríssimo, pois a história da Igreja, em seus longos dois milênios de existência, uma única vez apenas, registrou fato idêntico. Sòmente a mãe de Santa Catarina de Siena assistiu à Canonização da filha.

A CANONIZAÇÃO



300.000 PESSOAS assistiram à canonozação de Maria Goretti, oficiada pela primeira vez ao ar livre para permitir maior assistência. A 24 de junho passado o Papa Pio XII elevou a pequena mártir à honra dos altares





NA HORTA DO CONVENTO de Ascoli, Alessandro Serenelli conversa com um dos frades. Tinha êle 20 anos na época do delito, agora tem 68. Esteve 27 anos na prisão e a lembrança do que fêz, persegue-o ainda, apesar de haver recebido o perdão da santa no leito de morte. O ministro Scelba, o presidente Einaudi, o corpo diplomático e a nobreza estiveram presentes

DE MARIA GORETTI



OS DOIS IRMÃOS da santa, ajoelhados atrás da guarda suíça. Mariano Goretti (à esquerda), vive com a mãe e uma irmã, na Itália. Angelo (de óculos) veio da América, onde vive. A presença de familiares é um fato raro



ALESSANDRO SERENLLI, o assassino da menina-santa, não estava presente à festa em honra da sua vítima. Ficou na quietude do convento dos capuchinhos de Ascoli Piceno, onde vive há 14 anos, como empregado, para expiação da sua culpa, aceitando os mais humildes trabalhos. Coincidindo com a canonização, foi estreado na Itália o filme "Cielo sulla palude", baseado na história de Maria Goretti. Muito realista provocou descontentamento, nos personagens ainda vivos e no povo, motivo pelo qual evitou-se a presença de Serenelli



NESTE LOCAL de uma antiga casa de Ferriere di Conca, Maria Goretti foi morta no dia 5 de julho de 1902. O lugar exato em que foi morta está situado na frente da lareira, entre o balde e a mesa. Ora a casa está alugada ao colono Gomiero, cuja espôsa vê-se na foto. Na parede está um retrato da santa, cuja canonização foi motivada por alguns milagres provados

Fuga

Conto de
DIRCEU QUINTANILHA

(Do livro "Novos Mundos em Vila Tereza": Prêmio Afonso Arinos da Academia Brasileira de Letras — 1948)

Ilustração de
JERONYMO RIBEIRO



PRIMEIRO foi aquela moleza. Parecia febre mesmo. Na sala pequena, punham mesa bonita: carne de porco, couve picadinha tão verde no claro prato, linguiça tostada brilhando de gordura. Negra Zefa chegava em surdina perto dêle, sorrindo macia, limpando as mãos no avental enodoado, num convite:

— Nhorzinho num vai comer?

Bem que tentava. Mas era só sêde que Deus dava. Olhava as mãos, os ossos pontudos, a pele sêca, os cabelos enegrecendo mais no contraste da palidez. Ficava calado. Mano Augusto era diferente: novilho derrubava sem mais nem menos no meio do pasto. Sabia disso sem raiva: Nossa Senhora camarada devia zelar por êle, sim senhor. Regina esperava casório com mano forte no fim do mês. Depois... devia ser gostoso, talvez, ver no sítio quieto, uns sobrinhos rosados.

— Nhorzinho, preta velha fêz guisado. Quer um pouquinho?

A manhã estava clara demais: sentia ganas de reagir da modorra humilhante. Três anos de tropa no Rio, 3º de Infantaria, n. 38, cavando trincheira na chuva, o sertão longe, doendo na saudade, fuzil no ombro, meia volta, três anos descoraram o sangue e voltou meio morto de perna bamba.

— Já viu filho da comadre? Parece até mau-olhado... Credo!

Mas havia sol sôbre os campos no convite irresistível. Secava na cama, meses assim desesperando: cada vez mais fino, galho morto sem seiva nem fôlhas. Tinha vontade de sair. Nem que arrebentasse! Acabara de todo, dentro dêle, a esperança de cura. Que não era mulher pra deitar o dia todo na varanda. Nem remédios. Procuraria, também qualquer Regina de cabelos soltos e gargalhada gostosa. Regina jamais a do irmão, mas que cheirasse a corpo de mulher e tentasse nos olhos. Regina qualquer, com outro nome também podia ser, que fitasse luar e fugisse com êle no escuro da festa do Retiro e beijasse lábios carnudos.. e forte fôsse apertando nos braços de aço corpo moreno. Nossa Senhora da sala, devoto sempre o fôra, espantasse cansaço pra longe, rosto encovado e tosse bêsta de madrugada, acordando gente de casa.

— Toma o cobertor, meu filho. Agasalha o pescoço. Deixa que eu te cubro.

Aceitava os cuidados: mas a inferioridade física doía forte. Augusto sempre abrira a janela no quarto contíguo: o ar frio das madrugadas trazendo cheiro de serra e as estrêlas piscando, visíveis, tão bonitas na limpidez serena do firmamento. Tinha hora que sufocava os soluços enfiando o rosto no travesseiro. Que mal fizera? Vila Tereza era lugar de fortes. E êle ali na solidão, be-

bendo remédio, recebendo visitas do doutor Norberto, as determinações, virando traste que se arruma, muda de lugar, coisa velha imprestável.

— Vou campo afora! Querem coisas da cidade?

Era o irmão nas arremetidas diárias campeando gado. Não que fizesse aquilo de propósito.

Mas naquele dia era demais. Havia muito sol batendo em cheio nas campinas. Seria impossível contornar o desespêro da existência parada. O verde crescendo em côr limitando o leito irregular do rio Prêto. Tossira de arrebentar, tôda a noite. Fizeram chá quente, houve reboliço, negra Zefa chorando pelos cantos, rezando que rosário de contas trazia sempre nas mãos trêmulas.

Desceu as escadas meio tonto, andando sem jeito. O "Amazonas" comia erva rasteira adiante, escarvando a terra na impaciência de animal fogoso prestes a disparar. Acercou-se, desamarrando o cabrêsto, fazendo dêle colar de ouro passado no pescoço do bicho. Havia sol, jamais dia tão luminoso e rico!

Pouco importam os gritos de negra Zefa na varanda da casa:

— Nhorzinho, num monta cavalo! Dona Maria, filho branco tá ensilhando "Mazona"! Num monta, Nhorzinho!

Mas, é a sugestão mágica do dia luminoso. Enfia o pé no estribo e o corpo no impulso, pesa enorme: tem o pêso do céu em cima dêle. Tem o pêso da terra: Vila Tereza grudou no sapato e pesa mais que o mundo. Os braços magros seguram o arreio, esforça-se que negra Zefa vai trazer gente para contê-lo. Quer espaço, libertação definitiva, aquêle vento saudoso batendo-lhe em cheio no rosto — o galope da meninice quando zunia pelos morros montado em pêlo. Retém a rédea, já em cima do animal: olha a porteira aberta e a estrada vazia, num convite de tentação.

— Nhorzinhò, volta!

Campo afora, afinal! "Amazonas" segue caminho, impaciente, mordendo o freio, no passo miúdo forçando corrida. 38, meia-volta! O animal está mais branco banhado de luz e tudo parece transfigurar-se: o riacho cantando alegrias aos seus ouvidos, árvores amigas saudando-o à passagem. Só falta violeiro, amor de mulher que o peito, ùltimamente, parece ter sido feito pra tossir, sòmente. Sorri feliz pela primeira vez. Deve estar curado. O bêsta do médico não tinha razão! Podia como Augusto, galopar também. E afrouxa a rédea e o galope vem mesmo: o rio Prêto acena adeus... Que fôrça misteriosa existe, afinal, em tudo aquilo?

— Boa-viagem! Boa-viagem!

As patas, o vento atormentando os ouvidos, a cachoeira na curva do caminho, os troncos de árvores, o sítio do Ambrósio... tudo grita, tudo vai acenando: Boa-viagem! Boa-viagem!

Só a tosse querendo vir. E gôsto de sangue na bôca. Que foi?! Céu prêto outra vez? E o sol? Volta, bandido sol, que o pêlo do "Amazonas" tá ficando escuro! Não roda terra cachorra! Jamais alpendre da fazenda. Varanda. Febre. Tosse. Nenhuma doença. Lembra-se do chicote: fustiga como louco, vai batendo, batendo... "Amazonas" estaca, resfolega, ergue as patas da frente apontando o sol, recua, ergue outra vez...

E êle cai beijando a poeira. Depois, tosse, sufoca e a bôca enche-se de sangue — um sangue da côr do vermelho da estrada. Meia-volta! Avança outro! Sentido, 38! Rosto de mulher de lábios carnudos... Anoitecera depressa. Depressa, mesmo. Tudo tão bom. A moleza, novamente. Maldito cansaço!

Quer respirar mas o sangue sai em golfadas manchando a camisa rasgada, a terra, o céu e o rio adiante... Tenta erguer-se: os braços não aguentam o corpo franzino. "Amazonas" está sôlto, escabreado, no meio da estrada. Depois, toma o rumo do sítio em galope ligeiro, os estribos vazios sacundindo ao trote rápido.

Cai novamente de bruços. E fica ali mesmo, imóvel, a mão crispada no cabo do rebenque, um rosto feliz de morte amiga desenhando-lhe melhor as feições em arestas, do rosto chupado...

★

Na varanda os homens fumavam. Fulgêncio esqueceu velhos rancores e veio, também. O silêncio constrangia. Comadre estava lá dentro, de prêto, soluçando. Zefa esfregava as contas do rosário nos dedos nervosos, enxugando as lágrimas. No mais, o mesmo ambiente de todo lugar com defunto na mesa. Velas acesas.

Coronel Fulgêncio dá pêsames, fica ali mesmo, ajeitando o cigarro de palha. Hora desagradável. Depois, chega Ambrósio, do sítio de cima. Acerca-se. Conversam, olhando a sala pela janeila aberta.

— Fiz boa compra, sim senhor! O Serra queria duzentos por cabeça!

— Duzentos?

— Foi quanto paguei.

— Barbaridade! Roubo, cumpadre! Eu me admiro, sabe? Pro Antônio êle fêz a cento-e-oitenta!

Alguém pede silêncio. Fulgêncio impacienta-se. Porcaria! E' por isso que não gosta de velar defunto! Bem que não tinha vontade de vir. Mas faz cara triste, acende o cigarro. E procura, também, sentir um pouco de dor: afinal de contas, aquilo era triste mesmo...



NO "LA VILLE", DA RUE BRÉS, ONDE UM "DRINK" FICA POR CERCA DE 400 FRANCOS E A GARRAFA DE CHAMPAGNE CUSTA 2.200, PODE-SE DANÇAR O "JITTZBURG" EM ESTILO AMERICANO ATÉ ÀS 5 DA MANHÃ. AÍ ESTÃO "LES RATS DE LA CAVE", NUM BAILADO ACROBÁTICO



O CABARET VENUS é o clube noturno mais «pouca roupa» de Montparnasse, onde se pode assistir a uma revista em três átos, sem enrêdo. Um cálice de conhaque custa 350 francos e ninguém fica na obrigação de beber champagne. Nas outras casas da redondeza, prevalece a mesma concessão e no bar a bebida é mais barata. O busto nu impera nesses clubes

UM PASSEIO PELAS "BOITES" DE PARIS

PIGALLE E ADJACÊNCIAS

QUANTO CUSTA UMA NOITADA ALEGRE EM MONTPARNASSE? ★ DUZENTOS FRANCOS, SE O TURISTA É ESPERTO. MILHARES DE FRANCOS, SE VAI NA ONDA DOS ANÚNCIOS LUMINOSOS E NÃO TEM UM AMIGO PARA GUIÁ-LO... ★ OS "CAVALHEIROS" DO "LE MONOCLE" E AS GRAVATAS CORTADAS AO MEIO DE MADAME PATACHOU ★ SOPA DE CEBOLAS NO BAIRRO DE HALLES, PELA MADRUGADA, PARA EVITAR A RESSACA

Reportagem de JOÃO ALVARENGA (Fotos da APLA — especiais para a REVISTA DA SEMANA)

NOS bons tempos, quando alguém queria se referir às memoráveis horas noturnas bem vividas em Paris, não deixava de mencionar o "ritual de Montmartre". Hoje, os prazeres da Cidade-Luz, cuja iluminação ficou racionada desde a última guerra, são caros demais para o turista comum e a maioria tem que desistir do desejo de conhecê-los. Não há dinheiro que chegue para se visitar as grãfinissimas "boites" de Montmartre: a verba de viagem se esgotaria logo na primeira noite. O resultado disso é que a maioria se contenta em visitar os cabarés de uma classe não tão alta e requintada. Mas, assim mesmo, todos se divertem da melhor maneira.

Vejamos o que é um dêsses lugares de divertimento e alegria: Montparnasse. Logo na esquina de duas ruas, a Vavin e o boulevard Montparnasse, sente-se que a onda de diversão e prazer está em maré cheia. Mesmo os que não têm a carteira recheiada de dólares se divertem a valer. Aí, uma garrafa de champagne custa apenas 2.600 francos, e fazendo-se uma "vaquinha", pode-se ter o luxo de mandar saltar uma rôlha. Mas olhe lá, apenas uma...

Depois de uma noite agradável, divertida e feliz, vai-se saborear uma sopa de cebolas no bairro de Halles. Ali, também é preciso escolher com cuidado o restaurante, um que seja pequeno e não frequentado pelos turistas, mas preferido pelos parisienses, e dos mais legítimos. Se a gente procurar um restaurante pelos anúncios dos jornais, pode acabar entrando num onde o preço da sopa de cebolas seja muito "salgado", mais do que a própria sopa. E possivelmente o gôsto não será tão bom como no restaurante desconhecido, onde a própria dona vai mexer o caldeirão. Se quiser acertar, leitor que vai brevemente a Paris, dirija-se para a Place Pigalle. E há de se divertir a mais não poder, sem gastar o último franco.

Poderá entrar no "Le Monocle", um bar onde se dança à vontade, no Boulevard Edgard Quinet. Certamente já lhe falaram nesse estabelecimento, cuja característica está no fato dos "cavalheiros" não serem cavalheiros — e sim mulheres. Mulheres que vestem "costumes", e nem sempre adotam bons costumes, frequentam êsse "night-club", ponto obrigatório e infalível para uma visita de quem vai, pela primeira vez, a Paris. A tabela de preços, no "Le Monocle", não é das mais altas: pode beber-se um cálice de



O «JOCKEY CLUB» é um dos mais antigos. Foi inaugurado em 1918. Um grande programa de varieté inclui sketchs e cortinas. Aquí se dança a famosa «Farandela», também chamada a dança do beijo, que é obrigatório.



O BAR NORDLAND é o refúgio dos escandinavos e nele reina, há quinze anos a cordial senhora Frank Raasmussen, O interior do bar é todo decorado em estilo nórdico de grande efeito. Há murais sugestivos que divertem ao turista



«CANNE A SUCRE», na rue Saint Beuve, é um dos mais alegres lugares noturnos de París. Alí se bebe o «Pulch», bebida nacional típica da Martiníca. Os músicos, bem como o público, são na maioria, crioulos. Essas bonitas mulatas dançam a «Cadrine», nacional da Martiníca, usando curiosos lenços na cabeça, chamados «Madrasse». E aali se vê o busto nu em todos os sentidos

SEIS carre que meio dez r cos e



vinho Doubonnet por duzentos francos e ver de perto os murais, com caricaturas de quadros célebres do Louvre. Há mesmo certas inconveniências nesses murais que costumam deliciar os itinerantes.

Se êles estiverem, porém, dispostos a gastar mais um pouco, irão além, entrando no Vênus, clube noturno onde o nudismo entra em vigor cada vez mais pronunciadamente. Ali, por trezentos e cinquenta francos, beberica-se um "cognac" mais ou menos falsificado, e ninguém está na obrigação de pagar champagne, o que também se verifica nos outros clubes das redondezas. E se o freguês está um pouco fraco dos bolsos, bebendo em pé, nas mesas coletivas, pagará menos. Entretanto, de qualquer modo assistirá ao "show", uma revista em três atos. Os dois intervalos servem para prender o freguês à mesa, por mais tempo e maior consumação.

Quase todos êsses clubes noturnos servem aos clientes, um espetáculo variado: o Jockey Club, no Boulevard Montparnasse, dos mais antigos daquele reduto, é especializado nos "sketchs" com desfechos ultra-irreverentes. E a "dança do beijo" — Farandole — vem a ser outro passatempo divertido. Muitas vêzes o freguês da mesa da direita acaba beijando a moça bonita que está na da esquerda, sem maiores consequências, pois tudo corre por conta da Farandole.

O Bar Nordland tem um mural mostrando os Vikings saqueando Paris. Isso não deve ser interpretado como uma alusão aos turistas escandinavos, que ali têm o seu refúgio obrigatório de cada noite. Há quinze anos, no Nordland, a cordial e afável senhora Frank Rasmussen, natural da Dinamarca, serve a gostosa cerveja Carlsberg, de seu país natal. Ela envelhece, mas a cerveja está cada noite mais fresquinha. E nesse curto espaço de tempo (sem alusão), milhares de escandinavos por ali tem passado, ali tem bebido e, às vêzes, adormecido para acordar em lugares muito inesperados...

Muito pitoresco é o varieté "La Boul Blanche", da rua Vavin. Êle fica aberto das 22,30 às 3,30 da madrugada, como a maioria dos bares e clubes noturnos de Montparnasse. De dez em dez minutos, há um "show", ou coisa parecida. Isso quer dizer que a todo momento a orquestra executa um novo número e aparece na sala uma garôta soberbamente despida, acompanhada de outras, em côro, ainda mais despidas, saracoteando e dando que fazer aos garçons, porque a freguesia perde a cabeça nessa altura. Seis negras das Antilhas e uma orquestra típica de Cuba se encarregam de alegrar o Varité, onde um drink ainda custa trezentos francos e uma garrafa de champagne, entre 2.300 e 3.000.

★

O problema do orçamento, é sempre a preocupação maior do turista. Quem vai a Paris de passagem, com a carteira abastecida, não olha muito a despesas e procura matar o tempo, principalmente as noites, da melhor maneira. Veio ao

is alegres
s nacional
, são na
«Cadrine»,
beça, cha-
s sentidos



SEIS NEGRAS das Antilhas e uma orquestra de Cuba se encarregam de alegrar o Varieté «La Boul Blanche», na rue Vavin, que fica aberto das 22,30 até às 3,30 da madrugada, como a maioria dos bares e clubes noturnos de Montparnasse. De dez em dez minutos há um «show». Aí um drink custa cêrca de 300 francos e uma garrafa de champagne custa de 2,300 a 3.000 francos





«LE MONOCLE» é o nome de um bar onde se dança, no Boulevard Edgard Quinet. Sua característica está em que os «cavalheiros» são mulheres. Êsse bar fica exatamente na fronteira com a antiga zona de indivíduos anormais, agora fechada. Um drink fica por duzentos francos. Os murais dêsse estabelecimento, reproduzem em caricatura, as mais famosas pinturas de ilustres mestres do Louvre

"Patachou", um restaurante noturno onde se come razoàvelmente mal, por preços astronômicos, e onde se corre o risco de sair com a gravata pela metade. O motivo é simples: Depois da meia-noite, a dona da casa assume o comando de um "programa de calouros", ou coisa parecida, tendo como participantes da brincadeira, os próprios clientes. A partir de então, ninguém mais pode comer o seu bife sossegado, porque madame Patachou impõe, a cada comensal, constantes interferências no "show". Ordena, por exemplo, que todos os presentes entoem em côro, o hino do seu estabelecimento. No palanque ao lado, um pequeno conjunto musical executa a música, enquanto madame, junto ao microfone portátil, canta o primeiro verso. E ai de quem não fizer côro! O menos que pode acontecer é ter a gravata cortada em duas, porque madame Patachou está sempre munida de uma tesoura de respeitáveis proporções, com a qual mutila, por noite, dezenas de gravatas da melhor sêda italiana e francesa. No teto da sala, estão dependuradas milhares de gravatas, como troféus gloriosos, de fregueses do restaurante que não souberam executar a sua parte no "programa de calouros". Mas a respeitável senhora não se contenta em ordenar que os seus fregueses cantem o hino pitoresco da sua "boite", porque chega a formar grupos de coristas de ambos os sexos, os homens de calças arregaçadas, o casaco pelo avêsso, coroas floridas na cabeça, ordenando-lhes que executem, no recinto, a Dança das Mariposas. E as senhoras, constituindo improvisados grupos de "girls", para bailar uma reminiscência de can-can do princípio do século.

Madame Patachou não paga aos seus "artistas"; pelo contrário, dêles tira o máximo pela honra que lhes proporcionou de se improvisarem em "astros" e "estrêlas". Com frequência, ilustres cidadãos norte e sul-americanos, políticos famosos, diplomatas, homens de letras, saem da "Patachou" com um frangalho de gravata, se não preferiram fazer piruêtas de muito mau-gôsto, sob estrepitosas gargalhadas dos outros fregueses que esperam a vez de fazer as suas palhaçadas.

E se os senhores pensam que alguém protesta, estão completamente enganados. Pelo contrário, quem vai à "Patachou" está disposto a brincar. Noivos e maridos ciumentos, não devem, pelas dúvidas, ir a êsse restaurante em companhia de suas noivinhas ou espôsas, porque na certa hão de encontrar motivos para aborrecimentos. Contudo, terão dois trabalhos: o de se indisporem com madame Patachou e, logo após, o de se reconciliarem com ela. Porque a matrona simpática, sabe ordenar, exigir de cada um o "máximo rendimento artístico", e pela madrugada, dezenas de homens e mulheres formam a mais harmoniosa família que se pode imaginar, quando o champagne subiu à cabeça de cada um e deu conta da sua função perturbadora...

(Cont. na pág. 52)



O diário de um noivo

AS labaredas subiam, desciam, enovelavam-se, afastavam-se rasteiras, surgindo em seguida, um pouco adiante, mais altas, vermelhas, ameaçadoras a crepitarem numa gargalhada sinistra. Laura em pé, os braços caidos, mas conservando ainda, já por hábito, a cabeça erguida, concentrando nos olhos todo o seu desespêro, contemplava a cena. Em volta o movimento de curiosidade era intenso e ninguém reparava na figura extática daquela mulher grisalha. Ninguém suspeitava que aquelas chamas devoravam o que restava de uma criatura que tudo possuira: beleza, talento, amor, posição e fortuna!

— Senhora, por favor, vamos.

Voltou-se ao som da voz amiga da velha servidora. Olhou-a um instante como se não compreendesse as palavras, depois balbuciou: — Para onde?

— Para um hotel, para qualquer lugar onde não a empurrem e onde se possa respirar.

Puxou-a docemente pelo braço.

Lançando um último olhar ao incêndio que tinha alcançado a plenitude de seu trágico esplendor, Laura deixou-se levar, como uma autômata, sem vontade própria.

★

Findava o ano de 1910 e, no palacete agora em chamas, tudo então era vida e alegria.

O barão de Barreto tinha duas únicas filhas, mas a falta de um varão não o entristecia. Elas eram tão belas, tão orgulhosas e tão inteligentes! Podia tranquilo, dispensar o filho que não viera e confiar-lhes o brilho de seus brazões, que a queda da monarquia em nada diminuira perante seus próprios olhos.

Laura tinha então 18 anos e regressava do Sion, onde recebera a necessária educação. Ao penetrar, naquele claro dia de dezembro, no vestibulo, depois de beijar Matilde e abraçar Ana, a criada que era sempre posta à sua disposição quando vinha nas férias, fôra o nome de Marcelo que primeiro lhe surgira ao pensamento; porém, o recato e o orgulho dos Barretos, cerraram-lhe os lábios.

Ela e a irmã, subiram abraçadas para o quarto. Ali indagou dos parentes, dos conhecidos, das festas, dos cães, até poder, com ar que se esforçava por tornar indiferente, perguntar: — E o dr. Marcelo, tem aparecido?

Matilde voltou-se para a cama e consertou com cuidado os folhos da colcha.

— Sim — respondeu sem pressa. — Como sabes tornou-se desde o verão passado, intimo de papai.

Laura teve mêdo de insistir no assunto, a tentação, porém, foi mais forte. Aproximou-se da janela: — E êle ainda se lembra de mim?

O tom brincalhão não conseguia disfarçar o interêsse. Matilde, por um instante, fixou-lhe os olhos perscrutadores...

— Oh! é claro, querida, lembra-se muito.

Laura dominou uma exclamação impulsiva de alegria. Há um ano amava Marcelo, amava-o com essa paixão obsecante das criaturas de temperamento arredio, que só amam uma vez na vida. Amava-o, sem pensar nos 17 anos a mais da idade dêle, sem pensar que nada tinha dêle a não ser as amabilidades e os elogios que se dispensam geralmente à filha de um amigo.

E fôra nesse frágil pedestal que assentara todos os devaneios de um ano consecutivo, em que a lembrança do rapaz não a abandonara.

Agora, novamente em casa, sentia, com essa aproximação, que desapareciam as inquietações de que outra lhe ocupasse a vida antes dela. Mesmo assim indagou:

— Já fizeste amizade com a familia dêle?

— Só tem mãe e uma irmã casada e estas moram em S. Paulo. Não sabes que êle é de lá?

— Não me recordava; e noiva, também não tem?

Matilde conteve um gesto de surprêsa: — Não, querida, por que perguntas?

O sangue subiu ao rosto da moça. Seu orgulho se rebelava contra a idéia de que mesmo sua irmã pudesse notar-lhe interêsse por um homem que ainda não lhe dissera nenhuma frase de amor. Voltou-se, de modo que Matilde não lhe visse as faces coradas, e disse com estudada despreocupação:

— Por quê? Porque vou fazer a minha estréia na vida social e quero que me faças um relatório de todos os acontecimentos a ela ligados.

O olhar de Matilde parou, mais uma vez, por um instante, na cabeça castanha da irmã que se debruçava na janela. Aproximando-se passou-lhe o braço pela cintura e começou a falar em futilidades.

Um ano mais tarde, Laura realizava o grande sonho, casando-se com Marcelo.

Êsse casamento fôra durante todos os anos de sua vida, um escudo contra tudo que a pudesse ter feito infeliz.

No ano em que se casara, os médicos tinham desenganado Matilde; a tuberculose já começava a destruir aquela irmã que a adorava, e, coisa estranha, tão grande fôra o poder daquele amor, que a vira desenganada e mais tarde morta, sem que isso conseguisse toldar a sua felicidade, embora se recriminasse por tal coisa. Muitas vêzes, se sentira envergonhada, quando após a morte de Matilde, lia nos olhos do marido adorado a expressão de imensa angústia, enquanto lhe dizia com voz surda: — Querida, querida, como tudo isso é terrivelmente doloroso! — e sufocando um soluço — Como eu sofro com a tua dor!

E essa sincera solidariedade por uma dor que ela fingia, mais do que realmente sentia, envergonhava-a profundamente.

Tendo a êle, tinha o mundo, a vida, a felicidade... E quando por fim êle também se fôra, quando essa coisa impiedosa que é a morte o havia roubado ao seu carinho, ficara-lhe, como último reduto da fortaleza, outrora inexpugnável do seu amor, a recordação que nada lhe poderia roubar...

Laura passou a mão morena e delicada pela testa côr de marfim velho, onde pequenas rugas, finas como linhas, desenhavam-se nitidas entre as sobrancelhas cheias, contendo um suspiro que lhe vinha do fundo do peito.

Marcelo achava graça dêsse seu horror às pessoas que suspiram e ela costumava explicar: — Querido, as pessoas que suspiram dão-me sempre a impressão de que imploram piedade e eu acho que não há nada mais humilhante do que a piedade que se inspira. Na nossa familia todos sempre pensaram que é preferivel suportar-se em silêncio qualquer sofrimento a inspirar-se piedade...

Era preciso reagir, não dar nem mesmo a Ana o espetáculo do seu desespêro!

Sabia-se agora digna de piedade e que só uma grande calma faria com que não a lastimassem, pelo menos na sua presença. Aquêle curto-circuito acabara de roubar-lhe o resto, senão de felicidade, pelo menos de consôlo, levara-lhe o velho solar, orgulho dos Barretos, com todos os cenários de seu passado; o quarto onde nascera e onde passara a sua primeira noite de amor; o lindo jardim onde tantas tardes de verão passeara pelo braço do pai, de Matilde, do marido, o rico salão de recepções, no qual tantas noites brilhara, a biblioteca onde o Marcelo se refugiava, naquelas noites de recepções; onde êle passara encerrado a maior parte de sua vida de estudioso... A biblioteca com seus negros e pesados móveis de jacarandá, que era, desde a morte dêle, o seu refúgio predileto!

Olhou em volta, uma cama de solteiro, um guarda-roupa, um criado-mudo, uma pia e uma pequenina mesa com um copo e uma moringa... De agora em diante teria que se conformar com isto ou pouco mais! Era só o que restava à última das Barretos!

Ana entrou. — Senhora, não me posso conformar! O seu grande palacete, o seu enorme e lindo quarto! A senhora não poderá viver aqui!

Passou a mão pelos olhos enxugando as lágrimas que rolavam.

Laura encarou-a com olhos secos: — Não compreendes que isto não me pode pròpriamente afetar? Que há muitos anos só vivo das minhas recordações e que estas estão gravadas no meu coração e não naquelas velhas paredes?

Ana concordou, concordava com tudo que

(Cont. na pág. 49)

Novela de YVONE DE MIRANDA

FEMININA

LIÇÃO AS MULHERES PEQUENAS

JUNE ALLYSON é uma jovem de pouca altura que prefere não dar essa impressão. Sua estatura de 1 metro e 55 cms. e seu pêso de 45 quilos e algumas gramas, colocam-na decididamente na categoria das mulheres pequenas.

— «Por muito tempo usei roupa que não me caía bem» diz ela, «até que, finalmente, descobri o segrêdo para vestir-me com elegância, de acôrdo com meu tipo e figura.

Devo advertir que não me limitei a estudar estilos, tendo experimentado pessoalmente quase todos êles. A simples teoria não leva ninguém a parte alguma. Baseando-me na minha experiência, posso dizer que há três coisas que nós, mulheres pequenas, devemos ter em mente quando nos vestimos:

1 — Recordar sempre que, devido à nossa estatura, não nos convém usar grandes bolsos, chapeus grandes ou roupas que nos façam parecer uma menina usando vestidos de sua mãe;

2 — Que os vestidos sérios — e não os de aspecto juvenil — são os que mais nos favorecem;

3 — Que para não parecermos insignificantes, devemos acrescentar algo de atraente à nossa indumentária, como algo de colorido ou um feitio original.»

June, que veremos elegantíssima em «Como Ganhar um Marido», da Metro-Goldwyn-Mayer, assegura ainda que só gosta de usar [illegible] de uma só côr. Segundo ela, a combinação de cores dá a uma pessoa o aspecto mais baixo e mais largo. Para alegrar um pouco seus trajes, costuma usar flores ou um adequado chapeuzinho.

— «Algo que também vigio cuidadosamente» — acrescenta — «é o tamanho de minhas saias. Quando surgiu o «New Look», fiquei encantada e comecei a usar mesmo saias um pouco maiores do que indicava a moda. Descobri, porém que elas não me caiam bem, dando a impressão de que estava usando roupa de alguém maior do que eu. Voltei então a usá-las mais curtas, com resultados muito melhores.»

June diz que o mais importante para estar bem vestida é não preocupar-se muito nem exagerar, procurando sòmente conseguir que haja proporção entre o traje e a

(Cont. na pág. 49)

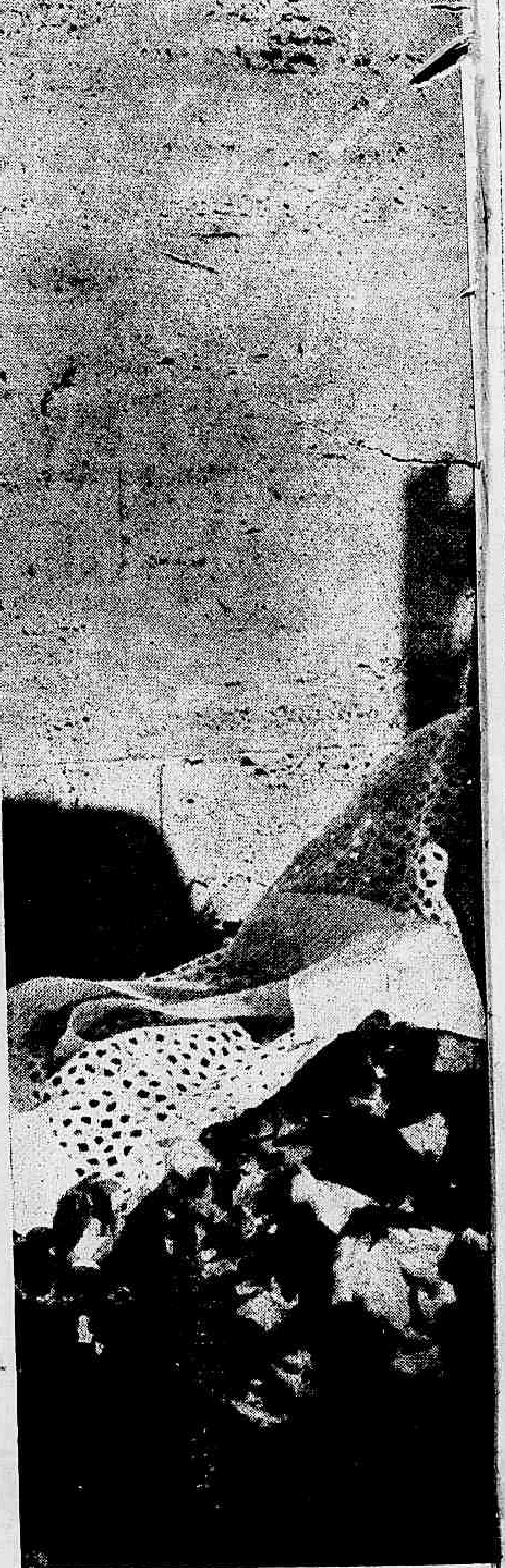




MODELOS DE Primavera

VESTIDOS *Brancos*









COM a vinda da primavera reaparecem os vestidos brancos em todos os tecidos e para tôdas as horas, aquí estão algumas sugestões, bastante originais, na página à esquerda, temos uma originalíssima criação em seda branca, tecido todo recortado, imitando escamas, saia justa formada por três babados, gola alta, mangas curtas, nesta página ao alto, uma outra interessante criação em «laise» branca, e linho, busto sem alças com aplicações recortadas descendo em todo comprimento do corpo, poderá também ser usado com um casaquinho do próprio tecido da sáia — à direita, mais dois elegantes modelos: o primeiro em seda e o segundo em linho branco, gola e punhos com aplicações em azul-marinho.

Shantung







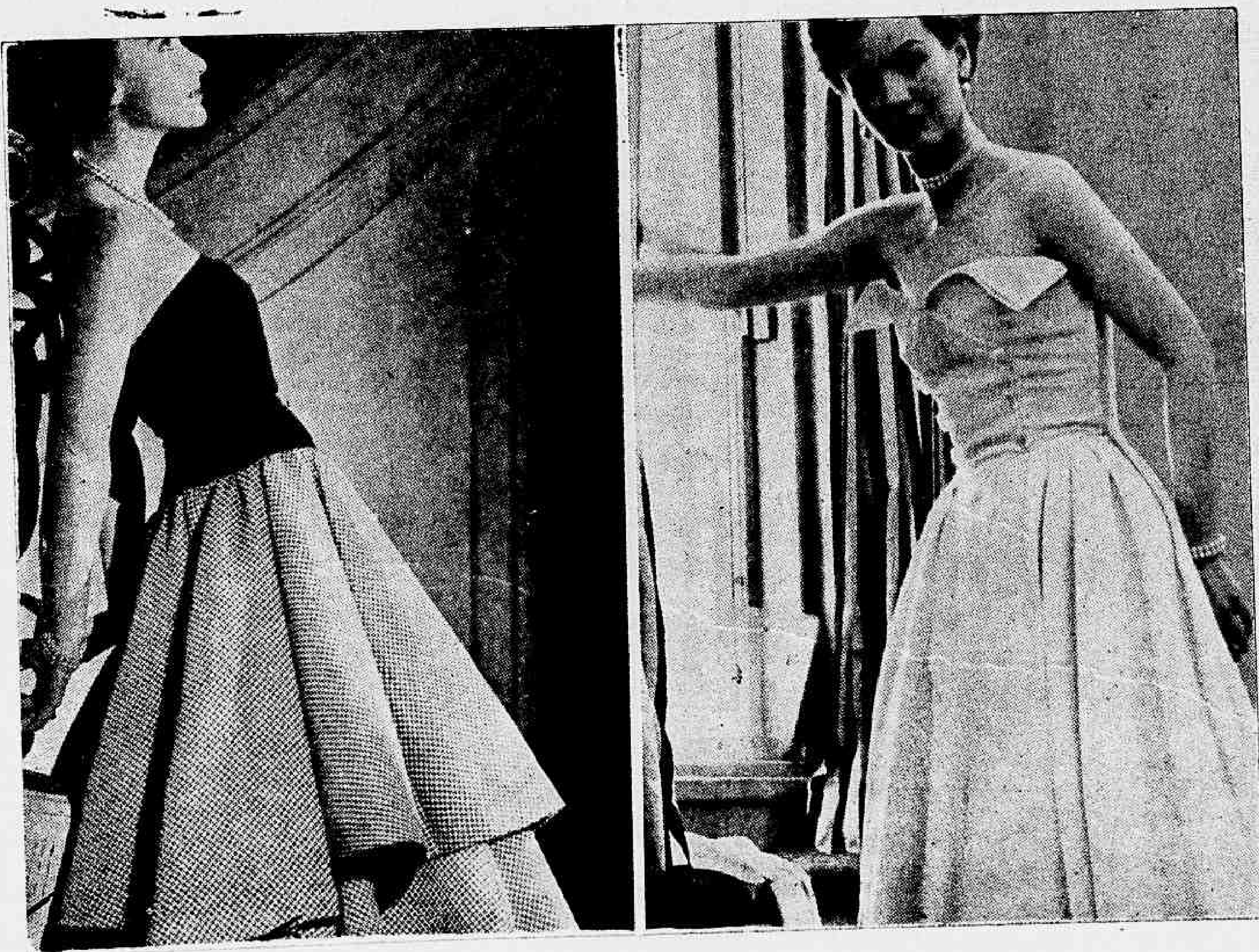
O «shantung» é um dos tecidos mais empregados para trajes de primavera e verão por ser leve e prestar-se para a confecção de vestidos frescos.

Em cima, modêlo com saia preguiada, usado com casaco solto e amplo do mesmo tecido, à esquerda, vestido em seda branca, saia ampla, corpo em traspasse, bainhas abertas, estola no tecido do modêlo, em baixo, modêlo para tarde em «shantung», creme, mangas três quartos, saia ampla, em «godet», faixa de côr viva na cintura.

Sem alças

NAS reuniões elegantes e recepções noturnas estão sempre em moda os vestidos sem alças em todos os tecidos e nos mais variados feitios, nesta página apresentamos às nossas leitoras algumas sugestões elegantes.





À direita, dois sugestivos costumes estampados: o primeiro em seda estampada com motivos e talhe de inspiração chinesa, o segundo em seda clara com debrum no casaco, que abotoa justo na cintura.



Em baixo, um elegantíssimo «tailleur» em panamá branco, casaco justo com três botões, bolsos enviezados, gola fechada, echarpe em sêda grenat



"Tailleurs"

DE PRIMAVERA

À esquerda, mais dois graciosos modelos, o primeiro em linho azul-marinho com vivos brancos nos punhos, nos bolsos e nas lapelas; o segundo, em «shantung» branco com aplicações de veludo preto na gola.

★

Em baixo, outro clássico modêlo em panamá, desta vez rosa bem claro, recortes no busto, bolsos e punhos pespontados, também com três botões, echarpe em seda branca com «pois» azul.



À direita, neste modêlo bastante elegante, temos como nota predominante os punhos e a gola ampla em tecido quadriculado azul e branco. O casaco simples, abotoa na frente por meio de três fivelas, saia justa completamente lisa.

PARA A *Noite*





OS vestidos de noite são confeccionados em tecidos mais grossos e apresentam feitios trabalhosos, como mostram êstes modelos: Combinação de preto e branco, ambos com saias bem justas. A renda é sempre usada nos trajes de noite, como aparece neste modêlo simples, mas encantador. — Dois modelos simples em tafetá, criações de Dior e Jeanne Lanvin.



MODELOS *Estampados*



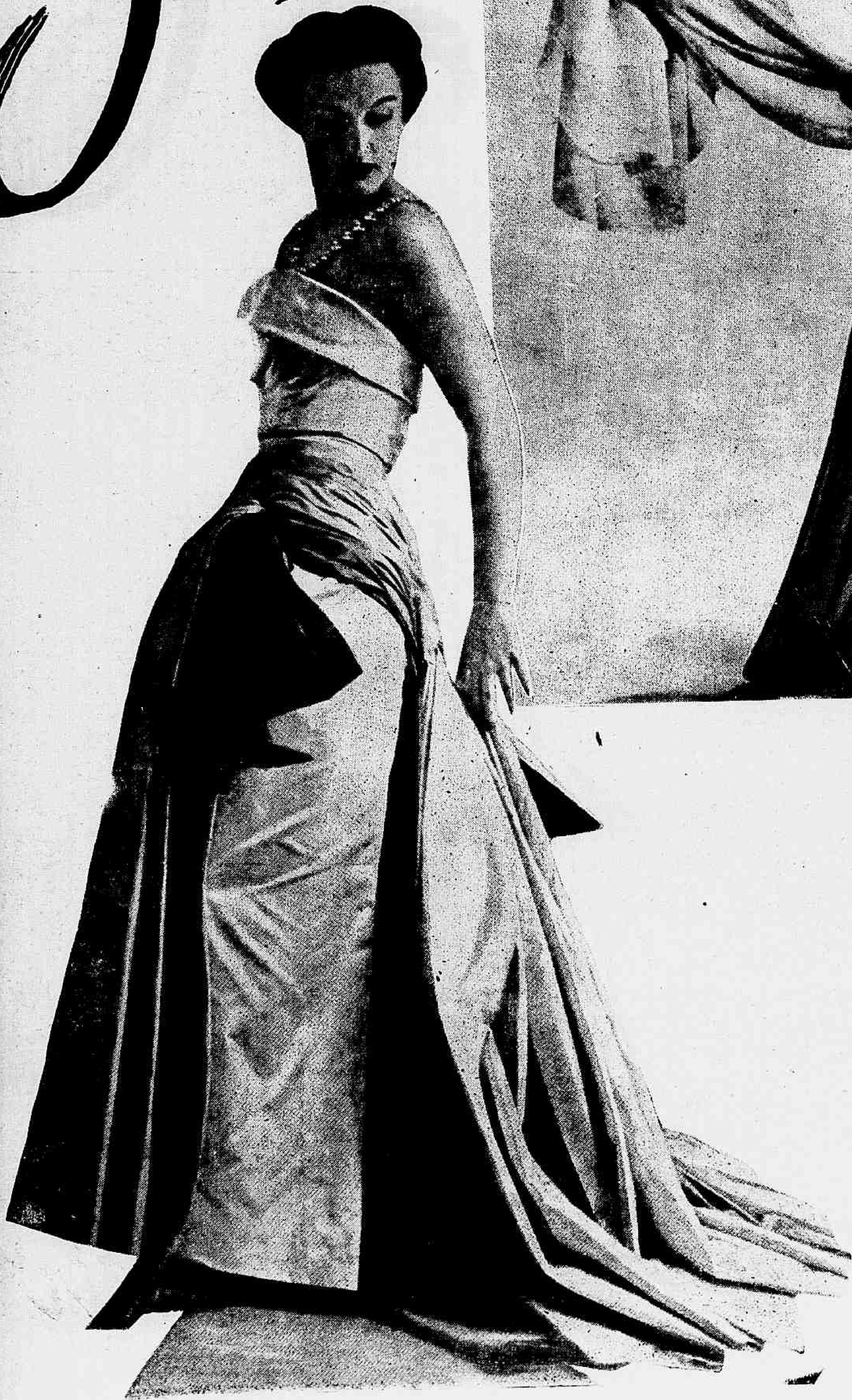
OS estampados traduzem nas suas côres alegres todo o encanto da Primavera, sendo por isso escolhidos para os trajes de tôdas as horas. Para as manhãs de sol, modêlo de Dior, em duas peças, com casaco sôlto. — Um estampado mais graúdo é empregado no tafetá dêstes vestidos para tarde, criação de Jean Patou e Jacques Heim. — Encantador modêlo de Carven. Aproveitando o desenho de estampado, fazem-se os recortes no decote e nos babados da saia. Vestido de baile simples, criação de Schiaparelli, em nylon estampado.







Soirée









PARA as noites agradáveis da Primavera, é aconselhável o emprêgo de tecidos leves e vaporosos nos trajes elegantes. Aqui está uma coleção de modelos originais e sugestivos. Tule, organza, tafetá, gaze e faile são os principais tecidos empregados nesta sugestiva série de modelos para soirée. Na maioria deles predominam as saias fartas e os decotes amplos.

★











CHAPÉUS DE PRIMAVERA

AS plumas e as flôres continuam sendo, entre outros, os enfeites preferidos para os chapéus de Primavera. Um exemplo do que dizemos são êstes dois modelos aqui estampados. Em cima, chapéu em feltro branco, aba larga recortada dos lados, em forma de asas, inteiramente recoberto de plumas brancas. Em baixo, um modêlo pequeno em tafetá azul-marinho com flôres rosas em fazenda cobrindo tôda a borda.



WEEK-END NA C

TORTA DE BATATAS

400 gr de batatas cozidas e raladas, depois de frias, 250 gr de açúcar, 200 gr de avelãs ou amêndoas, uma pitada de sal, 50 gr de manteiga, 4 ovos, casca ralada de limão. Mistura-se a manteiga, bem batida, com o açúcar, as gemas, a casca do limão e o sal. Juntam-se então de leve as avelãs ou amêndoas raladas e as claras em neve, com as batatas: coloca-se tudo em uma fôrma untada com manteiga e assa-se em forno quente.

BÔLO PARISIENSE

6 ovos, 125 gr de açúcar, 150 gr de amêndoas raladas, 5 a 6 colheres de sopa de farinha de trigo, 1 ponta de faca de canela, 1 colher de vinho branco, um pouco de caldo e casca de limão e 1 colherinha de fermento em pó. Misturam-se as gemas, bem batidas, com o açúcar, bate-se, juntam-se os outros ingredientes, e por último as claras batidas.

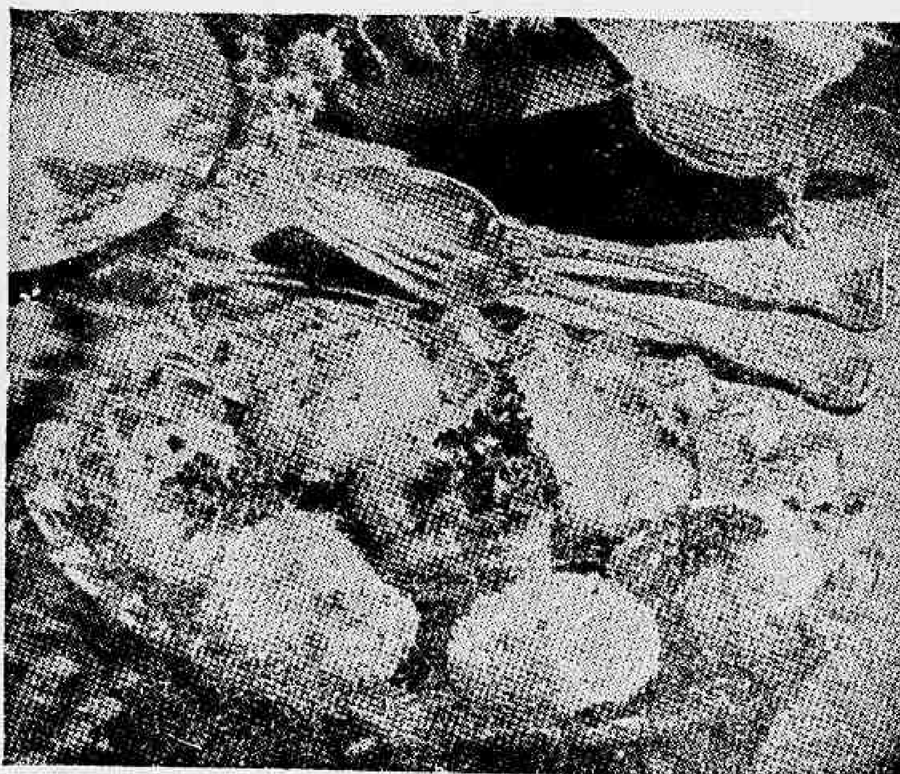
Coloca-se a massa em fôrma de abrir e leva-se ao forno moderado.

CREME DE BAUNILHA

Bata 8 a 12 gemas com 600 gr de açúcar, até ficar como gemada. Vá despejando então, aos pouquinhos, 2 litros de leite a ferver com 1 fava de baunilha ou um pouco de essencia. Leve ao fogo ser ferver, passe por uma peneira fina e deixe esfriar. Pode juntar as calaras em neve, na hora de bater, ou substituir ½ litro de leite por creme de leiterias.

PETITS-DUCS

Torre ligeiramente 50 gr de avelãs e 100 gr de amêndoas e passe na máquina. Junte 250 gr de açúcar e 50 gr de fécula de batatas. Bata 6 claras em neve, junte as gemas e vá deixando cair em chuva os pós. Misture, deite em forminhas caneladas e untadas, e leve a assar no forno moderado. Pode usar castanhas do Pará em vez de amêndoas. Para poucas pessoas basta meia porção.



SALADA RUSSA

Tomam-se diversos legumes em conserva, como por exemplo,' petitspois", palmito, etc. Deixa-se escorrer a água, misturam-se os legumes com maionese e acrescentam-se 6 filets de sardinha, 6 pepinos em conserva, 1 colher de alcaparras, 1 cebola e, querendo, 1 filet de harenque, tudo muito bem picado. Serve-se esta salada com peixe frio ou ovos.

SALADA ELFRIDA

Sôbre um pratinho arrumam-se 4 a 5 fôlhas de alface intercaladas com môlho maionese. Sôbre a alface dispõem-se 2 rodelas de tomate que de antemão se mergulharam em maionese. Por fim dispõem-se aspargos em feixes, aspargos êsses que se guarnecem com 2 tiras de tomates.

KNEDEL DE BATATAS COM TOUCINHO DEFUMADO

½ quilo de batatas cozidas e passadas no passador, 3 colheres de quadradinhos de toucinho defumado, cebola picada, 1 colher de farinha de rôsca, 2 colheres de pão cortado em quadradinhos, 2 colheres de farinha, sal, noz-moscada, 2 ovos. Frigem-se os quadradinhos de toucinho, juntando-se-lhes a cebola picada, a farinha de rôsca e os quadradinhos de pão. Tira-se tudo do fogo, misturando-se com os outros ingredientes durante 20 minutos em água e sal a galinha, passe o caldo por um guardanapo molhado, tempere de sal, esquente, junte o peito da galinha aos pedacinhos e os quadradinhos do bôlo e sirva. Quanto ao resto da galinha, guarde para outro prato qualquer.

POLENTA

Para ½ k de fubá, calculam-se 2 litros de água. Vai-se despejando o fubá aos poucos na água fervendo com sal, mexendo-se continuadamente com uma colher de pau. No princípio, a panela deve estar em fogo forte, e, depois, em fogo brando. Deve-se mexer até despregar da panela, o que se dá depois de ½ hora. Antes de servir, mistura-se-lhe um pouco de manteiga.

ARROZ COM CAMARÃO

300 gr de arroz, ½ k de camarão, queijo parmezão, cebolas, tomates, cheiro verde e sal. Limpam-se os camarões, socam-se as cabeças, despejando sôbre elas água fervendo. Passa-se no passador e guarda-se esta água para com ela cozinhar o arroz. Faz-se um refogado com as cebolas, tomates, cheiro verde e sal. Neste refogado se deita o arroz e, quando êle estiver frito, acrescenta-se-lhe a água das cabeças dos camarões. Deixa-se cozinhar o arroz. Faz-se um outro refogado com tomates, cebolas, cheiro verde e sal, e nêle se deitam os camarões, que se deixam cozinhar com a panela tapada. Quando os camarões e o arroz estiverem cozidos, arruma-se em uma travessa uma camada de arroz, que se misturou de antemão com duas colheres de manteiga, uma de camarão, outra de queijo parmezão ralado e assim por diante, devendo a última ser de arroz que se pulveriza com queijo ralado e que se rega com o môlho dos camarões.

PANQUECAS DE MAÇA

150 gr de aveia (em flocos), 150 gr de açúcar, 3 ovos, 5 maçãs de tamanho regular e banha. Batem-se os ovos com açúcar, juntando-se-lhes as maçãs descascadas e cortadas em rodelas finas, bem como a aveia. Cobre-se a massa que se deixa descansar por algum tempo. Em seguida, frigem-se as panquecas que

END NA COZINHA

devem ser viradas com muito cuidado, porquanto elas se quebram com tôda a facilidade.

CREME DE AMÊNDOAS

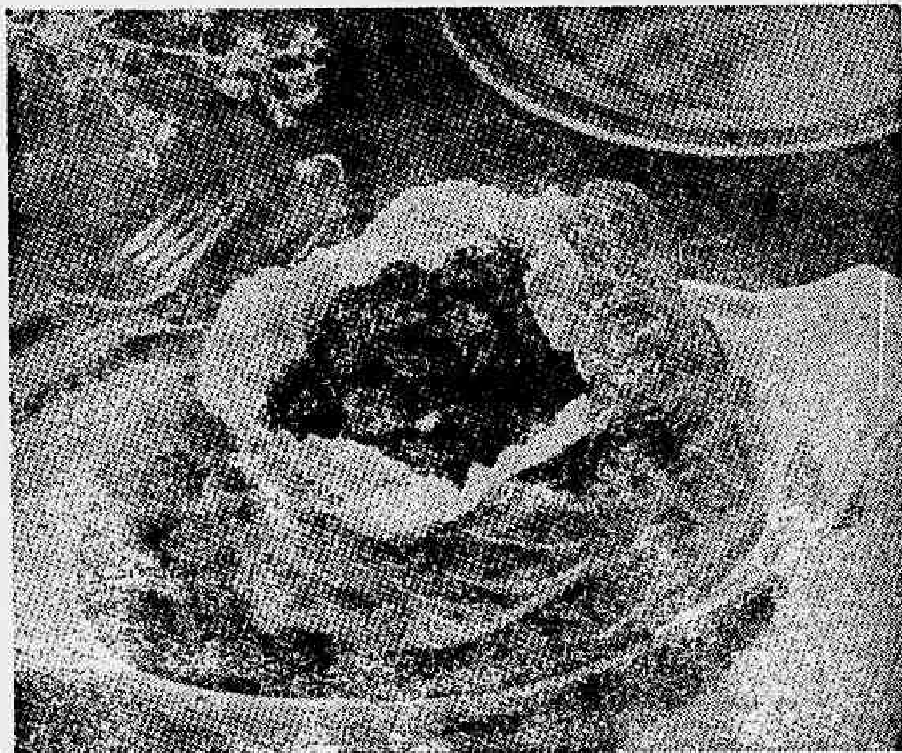
Tome umas 50 amêndoas socadas, junte umas 6 colheres de leite fervendo, esprema bem num guardanapo e guarde. Cozinhe arroz com sal, passe na peneira até obter uma xícara. Desmanche, sem bater, 4 gemas e misture tudo. Tempere de sal, deite numa fôrma untada e leve a assar em banho-maria. Depois de frio, corte em quadradinhos. Tome uma galinha, limpe, corte em pedaços e leve a tostar numa colher de manteiga. Estando bem dourada, junte 1 cebola picadinha, deixe refogar um pouco e junte um alho-porrô, salsa, 1 fôlha de aipo, 2 litros de água e deixe cozinhar até a galinha ficar tenra.

'FONDUE" NEUCHATEL

Um pouco de manteiga, alho, 300 gramas de queijo suíço, 200 gr de vinho branco, 1 colherinha de café de fécula, 2 cálices de 'kirsch", uma pitada de pimenta paprika. Unta-se a panela de barro com manteiga. Toma-se um dente de alho com o qual se fricciona a superfície untada com manteiga. Pica-se o queijo que se deita juntamente com o vinho, na panela. Coloca-se a caçarola sôbre o fogareiro a álcool e mexe-se o queijo com uma colher de pau até que êle se desfaça. Um pouco antes dêle levantar fervura, acrescentam-se-lhe a fécula dissolvida no "kirsch" e a pimenta páprika. Deixa-se levantar fervura e serve-se o 'fondue".

PIROGIS (receita polonesa)

100 gr de manteiga, 3 ovos, 1 prato de rigota, 1 colher de açúcar, casca ralada de 1 limão, farinha. Bate-se a manteiga, juntando-se-lhe os ovos, sal, açúcar, casca de limão e a rigota. Quando estiver tudo bem misturado, acrescenta-se a farinha e amassa-se muito bem. Estende-se em seguida, cortando-se depois em quadradinhos. Cozinham-se êstes quadradinhos em água fervendo e sal. Tiram-se e deixam-se escorrer a água e servem-se com manteiga derretida ou pulverizando-se com açúcar e canela.



BOLINHOS DE QUEIJO

60 gr de manteiga, 60 gr de farinha, ½ litro de leite, 100 gr de queijo ralado, 4 gemas, sal, pimenta e noz-moscada. Deita-se a manteiga em uma caçarola que se leva ao fogo. Quando a manteiga estiver derretida, junta-se farinha sem deixar corar a manteiga. Em seguida acrescenta-se o leite, mexendo-se bem e deixa-se cozinhar assim até despregar do fundo da caçarola. Retira-se do fogo e quando fria a massa, juntam-se-lhe as gemas, queijo, sal, pimenta e noz-moscada. Deita-se esta massa sôbre uma tábua untada com manteiga e, logo depois, sôbre uma mesa que se pulverizou com farinha. Cortam-se rodelas ou quadradinhos que se deitam em farinha, em clara batida e, por fim em farinha de rôsca. Frigem-se em gordura quente.

ROLOS DE QUEIJO

Faz-se uma massa mole ou folhada que se estende e que se corta em losangos. Coloca-se um pedacinho de queijo sôbre cada losango de massa, enrolam-se êstes últimos e assam-se êstes rolos no forno ou frigem-se em gordura quente.

PAOZINHO COM SALSICHA

Cortam-se fatias de pão com 1 centímetro de grossura. Cobrem-se as fatias com uma camada de manteiga de ervas, 1 camada de salsichas, enfeitando-se com pepinos em conserva, 1 rodela de ôvo e tomates. Pode-se empregar qualquer espécie de salsicha ou 'paté".

PRATO NORUEGUÊS

Sôbre um prato redondo coloca-se uma argola de salada de repôlho roxo. Picam-se 300 gr de atum que se misturam com môlho de maionese e que se colocam no centro do prato dando-lhe a forma de cone. Guarnece-se o prato com rodelas de ovos, tomate, pepinos em conserva e 'filets" de sardinha. Em vez de atum, pode-se empregar também salmão ou restos de peixe.

RAVIOLI

Com 500 gr de farinha, 2 ovos e 3 a 4 colheres de água, se prepara uma massa que se deixa descansar para em seguida, estendê-la bem fina. Com um copo cortam-se rodelas de 4 a 5 cm de diâmetro desta massa. Sôbre cada rodela, coloca-se uma colher de qualquer recheio. Pincela-se a beirada da rodela com gema de ôvo, dobra-se dando-lhe um formato de meia-lua. E' preciso deixar secar os ravioli, durante uma hora. Cozinham-se em água e sal durante 4 a 6 minutos, tiram-se com uma escumadeira e arrumam-se sôbre uma travessa, pulverizando-se com queijo ralado e cobrindo-os com manteiga derretida.

FATIAS DE POLENTA

½ litro de leite ou nata, 180 gr de fubá, sal, gordura ou manteiga, 1 ôvo, farinha de rôsca. Leva-se o leite ao fogo e quando estiver fervendo, junta-se o fubá e, logo depois, o sal. Deixa-se cozinhar assim durante 10 minutos, mexendo-se sempre. Em seguida despeja-se sôbre uma tábua pulverizada com farinha e deixa-se esfriar. Corta-se em fatias que se passam no ôvo e farinha de rôsca e que se frigem na gordura.



ENLACE

RIBEIRO COUTINHO — BEZERRA DE MELLO



ÊSTES flagrantes foram tomados em João Pessoa, capital do Estado da Paraíba, no dia 27 de julho próximo passado, por ocasião do enlace matrimonial da srta. Francisca Ninosa Ribeiro Coutinho, filha do sr. Flávio Ribeiro Coutinho e da sra. Berenice Mindelo Ribeiro Coutinho, com o sr. Renato Brito Bezerra de Melo, filho do sr. Othon Bezerra de Melo e da sra. Maria Amália Brito Bezerra de Melo. Os nubentes, que são elementos de destaque da sociedade brasileira, foram alvo de muitas homenagens, destacando-se entre essas a recepção que, a propósito do acontecimento, o casal Flávio Ribeiro Coutinho ofereceu à sociedade em seu palacete na capital paraibana.



A SAÚDE DO BEBÊ

ASMA INFANTIL E ESTADOS ASMATIFORMES

DR. SABOIA RIBEIRO

A dificuldade respiratório com ressonância da árvore tráqueo-brônquica, sugere habitualmente aos profanos da medicina, de imediato, a idéia de asma, nome êsse com que se confundem, em regra, alguns estados em que há embaraço respiratório com sibilos ou estertôres, que, todavia, nada têm que ver com ela.

Assim é que, nos espasmos da musculatura brônquica, deparados na tetania, o ofêgo expiratório dá-lhes a impressão de asma, quando, entretanto, se trata de estado muito diverso, da chamada *diatese espasmofilica*.

O entumecimento, por outro lado, dos gânglios brônquicos, desenvolvendo-se de modo a trazer a compressão e angústia da traquéia e grossos brônquios, e com isso estridor expiratório, como na adenopatia tráqueo-brônquica, é outra que leva também no diagnóstico errado de asma, porém, trata-se, de fato, de uma manifestação diversa, enquadrada numa das formas da tuberculose infantil.

Finalmente, a bronquite espástica, surgindo no desenvolvimento de uma bronquite que se iniciou com febre, e portanto como um têrmo de evolução desta, é um, outrossim, dos mais frequentes erros no diagnóstico de asma.

Ora, antes de firmar um juizo de asma na criança cumpre afastar sempre, com especial cuidado, tôdas essas hipóteses.

Na asma domina o caráter familial, não resulta de uma complicação mórbida, não traz, em si mesma, febre.

As manifestações da bronco-tetania a que dão lugar os espasmos da musculatura brônquica, ocorrem antes em crianças entre o primeiro e segundo semestre, em condições de nutrição precária e em regime artificial.

A informação de uma bronquite que irrompe com 3-4 dias de febre, tosse áspera pertinaz, e logo mais com catarro mais ou menos abundante, sôlto, justifica o juizo de uma *bronquite espástica*, já para um periodo em que a febre passou ao passo que se instala uma respiração ofegante e aflitiva.

A existência de gânglios comprimindo as vias respiratórias no ponto de bifurcação da traquéia, como na adnopatia tráqueo-brônquica, deve ser excluida pelo exame ao Raio X, medida sempre necessária diante da criança com manifestações que façam suspeitar de asma.

Tratando-se de crianças nos primeiros meses a existência da adenopatia é menos provável. Nas maiores é uma hipótese sempre a esclarecer, de qualquer modo escapando a interpretação dos fenômenos respiratórios a quem não disponha de conhecimentos médicos e experiência clínica na patologia da infância.

Muito importante, também, discernir com precisão a *bronquite espástica*, pois a indicação terapêutica obedece, aqui, a principio diverso da asma pròpriamente. O acesso asmático, na *bronquite espástica*, não ocorre com o caráter súbito com que é visto na asma verdadeira, mas, como já acentuamos, surge no seguimento de uma bronquite.

Na asma verdadeira é muito comum a criança haver padecido, anteriormente, o eczema e outras manifestações de diatese exsudativa.

Os primeiros acessos de asma acompanham-se de forte angústia respiratória e lembram o catarro sufocante; não é raro que se faça confusão com a bronco-pneumonia à primeira impressão, o que porém o exame da criança permite afastar em face de seus sinais próprios.

Existe na asma uma sensibilização especial em relação a certos alimentos; outras vêzes o acesso é despertado por certos odores, poeiras, pelos de animais (gatos, cães, etc.) ou penas e penugens.

Com base nesses agentes causadores deve ser empregada uma terapêutica capaz de fazer a dissensibilização da criança mediante o emprêgo de proteinas derivadas dos mesmos; com relação aos alimentos o emprêgo de peptonas é sempre indicado quando não se disponha de provas alérgicas precisas para o preparo de substâncias especificas dessensibilizantes. Modernamente, o uso dos anti-histamínicos entrou na prática corrente, no tratamento da asma, deduzida da natureza das reações que costumam estar em causa, na maioria dos casos.

Nada impede, porém, que se procedam às provas especificas, a fim de que sejam afastados, do doente, quer alimentos, quer substâncias asmogênicas por ventura em causa.

A mudança de casa, em muitos casos, concorre para a cura; de sua vez, bons resultados se colhem com os raios ultra-violeta, a ginástica respiratória e a permanência em clima de montanha.

O óleo de figado de bacalhau é outra indicação das mais preciosas no combate à asma.

O Jôgo
da criança
não é o mesmo
do adulto...



- e também
o **fortificante!**

Para as crianças do Brasil



só o

Não é qualquer fortificante que serve para as crianças. Os delicados organismos infantis exigem um tônico completo em sua fórmula, com ingredientes cientificamente dosados: TÔNICO INFANTIL! As crianças de hoje tornam-se mais fortes, mais inteligentes e alegres com o uso do TÔNICO INFANTIL, um preparado moderno

TÔNICO INFANTIL



Dr. ADEMIR PROFESSOR...

(*Cont. da pág.* 52)

Consulte Gentil Cardoso, o psicologista." Porque Gentil tinha a mania de dizer que era um homem muito instruido, posuindo inúmeros diplomas...

E, no Vasco, também havia aquelas brincadeiras de formar palavras. Um dá uma letra, o outro a segunda, até que se complete uma palavra, assim perdendo quem der a última letra.

Ou então fica-se numa roda, vindo qualquer um de lugar escondido e pergunta: "Masculino ou feminino?" — Responde-se: "Serve para comer? Que côr tem?" — Até acertar.

São, como se vê, jogos os mais simples e infantis, contrastantes com a virilidade que e esporte exige.

O PITORESCO NA VIDA DE UM ATLETA

Episodios interesantes há sempre nas viagens ao exterior. Há o do carnaval no México em que os jogadores se fantasiaram de mulher, hábito aqui no Rio. Baianas, Zazás, bailarinas, domésticas, tudo muito arrumado, tudo pintado e jingando. Os mexicanos menos espantados que curiosos, e as mexicanas menos curiosas que escandalizadas, fizeram um grande circulo em frente ao hotel Scargot, aonde os brasileiros sambaram a valer...

Há também o dos: "Olés!" desencontrados que os .nossos davam nas touradas, por qualquer movimento que o "espada" fizesse. Deixando admirados os aficionados do esporte, que davam os gritos nos instantes em que o toureiro demonstrava técnica impressionante, frieza e coragem...

HELENO FAZ DAS SUAS

Quando de volta do México, em passagem pela Argentina, um dia é Ademir procurado por Heleno:

— Você quer ver se dá um jeito para mim, com o Flávio?

Ademir espantou-se. Heleno, embora seu amigo de concentrações de "scratches", era um tanto orgulhoso. Perguntou-lhe como faria. E êle, alegando saudades do Brasil, deu idéia para que Flávio forçasse junto à direção do Vasco que o contratasse.

Ademir falou aos companheiros. Augusto, Eli e outros acederam e falaram a Flávio.

Heleno veio para o Vasco. Bom comportamento destruindo tôda aquela nuvem que se criara em tôrno de seu nome. Após as primeiras partidas, ao notar que se firmara na posição, modificou-se Heleno, ou melhor, voltou a ser o que sempre foi. Nas concentrações, em que todo mundo se

MÚSICA

OTELO

ROBERTO LYRA FILHO

A apresentação de "Otelo", de Verdi, no encerramento da temporada lírica oficial resgatou os pecados artísticos anteriores e deixou na memória do público um saldo de entusiasmo, eco dos aplausos que consagraram, definitivamente, o melhor dos espetáculos apresentados êste ano. A criação do tenor Mario del Monaco é, realmente, impressionante. Enfrentando partitura que constitui verdadeira prova de resistência, êle venceu as dificuldades vocais e dramáticas, recebendo calorosas e merecidas ovações no final de cada ato. Vê-se que, na sua interpretação, tudo é estudado, calculado, sobretudo a parte cênica, o porte e as atitudes. Entretanto, a composição cautelosa não lhe furta a espontaneidade, pois seu temperamento vibrante transmitiu o drama com tal energia, que o público, empolgado, *viveu*, com êle, os ciúmes e o desespêro do mouro.

Voz de tenor dramático, cuja robustez desafia a exaustiva música, êle desvendou reservas insuspeitadas no colorido e frasеado, perfeitamente à vontade na tesitura do papel, ascendendo aos agudos constantes com brilho e firmeza e emitindo graves densos, como exige a partitura, mas raros tenores atingem com facilidade. Logo à sua entrada em cena, estava oferecendo a medida máxima de seus recursos e marcando, magistralmente, a figura impulsiva do herói. Do duelo de amor, no primeiro ato, ao dueto violento do terceiro ato, seu desempenho seguiu numa progressão, acompanhando a crescente intensidade da tragédia e atingindo a culminâncias inesquecíveis no "Dio mi potevi scagliar" e na cena da morte. Aliás, a unidade da sua interpretação, o perfeito contrôle, a admirável segurança revelada, em tôdas as suas intervenções, não permite o destaque de um trecho especialmente feliz ou de um instante mais significativo na variedade de estados de espirito que traduziu, da paixão ao remorso. Del Monaco soube conduzir seu desempenho numa linha de excelência sem quedas ou interrupções.

ELISABETTA BARBATO

Alçando-se à altura de seus companheiros de elenco, sobretudo del Monaco e Warren, Barbato estava numa grande noite. Guiada pelo poderoso instinto dramático, que inegàvelmente possui, reuniu à elegância e desenvoltura cênicas, excepcionais condições vocais. Sobretudo no quarto ato, quando mais amplas oportunidades de destaque lhe foram oferecidas, dominou o papel e desincumbiu-se admiràvelmente da sua tarefa. A canção do salgueiro e a Ave-Maria foram muito aplaudidas pela profunda emoção com que as interpretou.

Warren, por outro lado, dando soberba demonstração de sua classe, compôs o Iago com finura e sutileza. No terceiro ato, o "Era la notte" constituiu um ponto alto, tal a sugestiva malícia que conseguiu exprimir, cantando a meia-voz, transmitindo ao inquieto Otelo tôda a intriga, insidiosamente tramada. Por outro lado, revelou bravura no Credo e no Dueto final do segundo ato, sendo digno de menção especial, também, o difícil Brinde do primeiro ato. Um trabalho que o recomenda ainda mais à admiração do público — foi, em suma, o Iago de Warren.

Os demais, conquanto não ganhassem o relêvo dos principais cantores, desincumbiram-se, satisfatòriamente, valendo a pena notar que o côro, não obstante certo desencontro no início do primeiro ato, melhorou, sensivelmente, depois das suas desastradas performances em outras óperas. Não seria possível omitir uma referência ao maestro Antonino Votto, seguro, brilhante, que comandou a orquestra com autoridade e entusiasmo. A música de Verdi, uma de suas partituras mais expressivas e valiosas, ajudou-o bastante, mas é justo assinalar a perfeita compreensão e firmeza do regente.

---

apresenta "a esporte", justamente para condicionar um ambiente de fraternal igualdade, Heleno apresentava-se em suas melhores roupas, sapatos finos, dizendo que seu amigo Edu (êsse jovem pilôto que há pouco mais de um mês faleceu no desastre aviatório do sul) trouxera da América, Espanha e outros países europeus. Durante a noite vestia um "robe-de-chambre" e exigia que, ao lado de sua cama, houvesse um "abat-jour". A turma não gostou. As antipatias foram crescendo, até que um dia, após um jôgo, Eli "abotoou" Heleno num canto do vestiário, dizendo que o esperaria lá fora. Heleno saiu pelos fundos, pegou o carro, e, na quarta-feira, durante o treino, trouxe de presente para Eli: umas gravatas e uma cigarreira dourada.

Quando Ademir nos contou isso, foi difícil acreditar.

Com êle e Heleno também houve um incidente. Foi no decorrer de uma partida que o Vasco disputava na América do Sul, que a história começou.

Ademir ia jogar a pedido dos jornalistas e dirigentes locais. Saíra daqui machucado. Nem ia. Porém, como no telegrama que Flávio recebeu dizia que só interessava a excursão vascaina se fôssem todos os titulares, mesmo contundidos, Ademir foi e entrou em campo, para jogar dez minutos. Antes fêz ver a seus companheiros de equipe seu estado de inabilitação. Pediu que não o lançassem, pois não poderia correr. Todos concordaram. Heleno inclusive. A partida começou mal para o Vasco que joga aquém de suas possibilidades. Heleno se irrita e passa a xingar Ademir. A ponto do zagueiro do clube local, notar o fato e estranhar, dizendo a êle:

Está se escondendo! — gritou.

Estou sim, dela... que anda atrás de mim.

E sai de campo. Heleno diz que chegado ao hotel iria brigar com Ademir. Lá chegaram e o "Queixada" já sabedor do desejo de Heleno passou por êle dizendo:

Olhe, você não disse que queria falar comigo? Estou lá no 22.

Daí a cinco minutos, Heleno bate na porta, entra, dá a volta à chave, retira-a colocando-a no bôlso.

Você falou que ia me bater; pois estou aqui, falou cruzando os braços.

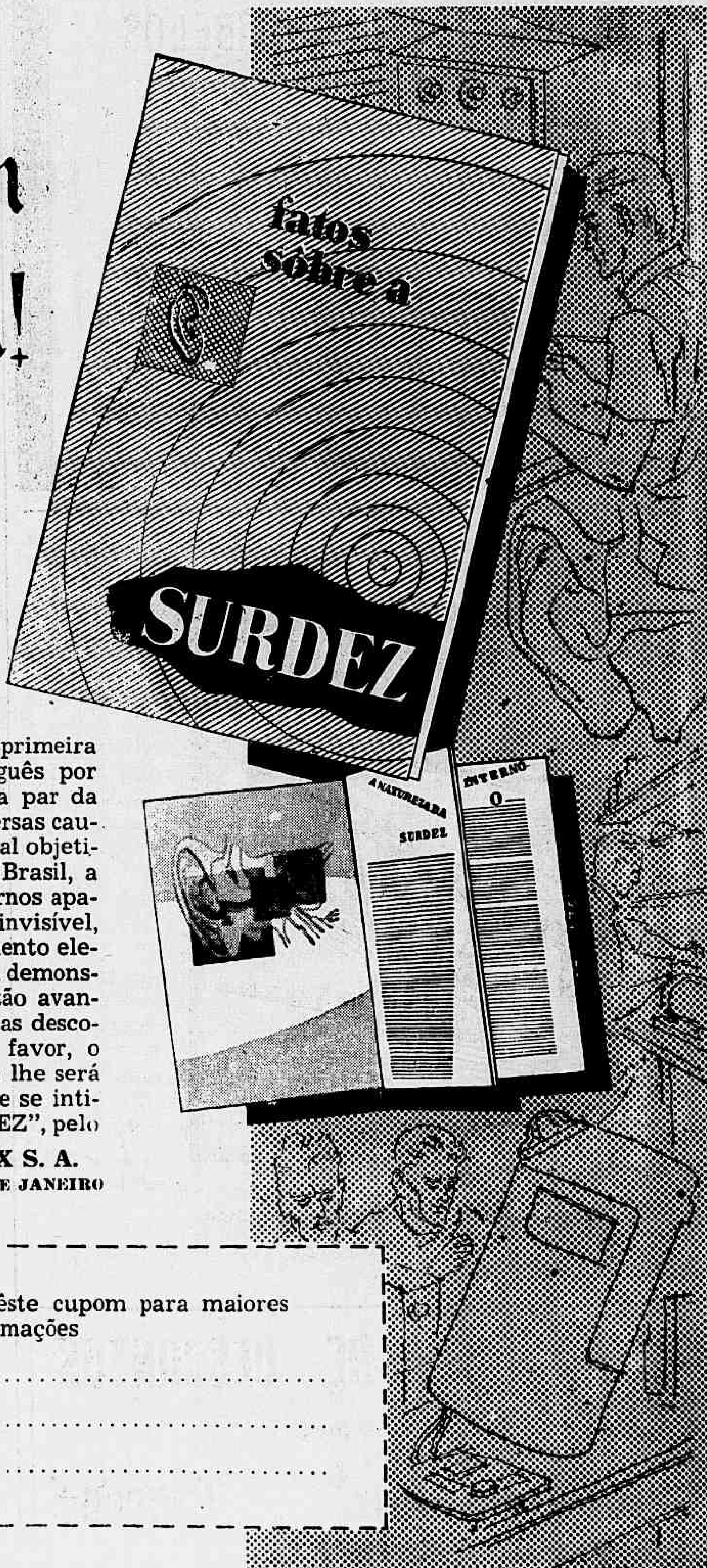
Não, vim apenas lhe dar uns conselhos. Todos têm a mania que sou neurastênico, que sou mal-educado, e você está querendo tirar meu cartaz.

E foi caminhando em direção de Ademir.

O restante dos jogadores, que se colocaram por trás da porta, vendo o momento perigoso, arrombaram a porta, interrompendo um incidente que poderia ter desastrosas conseqüências.

(*Cont. na pág. 49*)

Mensagem de Esperança!



Eis o que significa o folheto que acaba de ser impresso pelo CENTRO AUDITIVO TELEX S. A., exclusivamente dedicado aos que sentem a sua capacidade auditiva diminuida.

As informações relativas à surdez, contidas nesse prático folheto ilustrado foram, pela primeira vez, traduzidas para o português por aquêle Centro Auditivo que, a par da orientação precisa sôbre as diversas causas da surdez tem, como principal objetivo, demonstrar aos surdos do Brasil, a utilidade inigualável dos modernos aparelhos TELEX, de adaptação invisível, som puro e natural, de acabamento elegante e formato pequeno, numa demonstração eloqüente do quanto estão avançadas, no campo da eletrônica, as descobertas da ciência. Envie, por favor, o cupom anexo e, graciosamente lhe será enviado o folheto ilustrado que se intitula "FATOS SÔBRE A SURDEZ", pelo

CENTRO AUDITIVO TELEX S. A.
AV. RIO BRANCO 138-13º and. - RIO DE JANEIRO

Preencha e envie-nos êste cupom para maiores informações

Nome ....

Endereço ....

Cidade ....



PARE!

A QUEDA DE SEUS CABELOS

USANDO

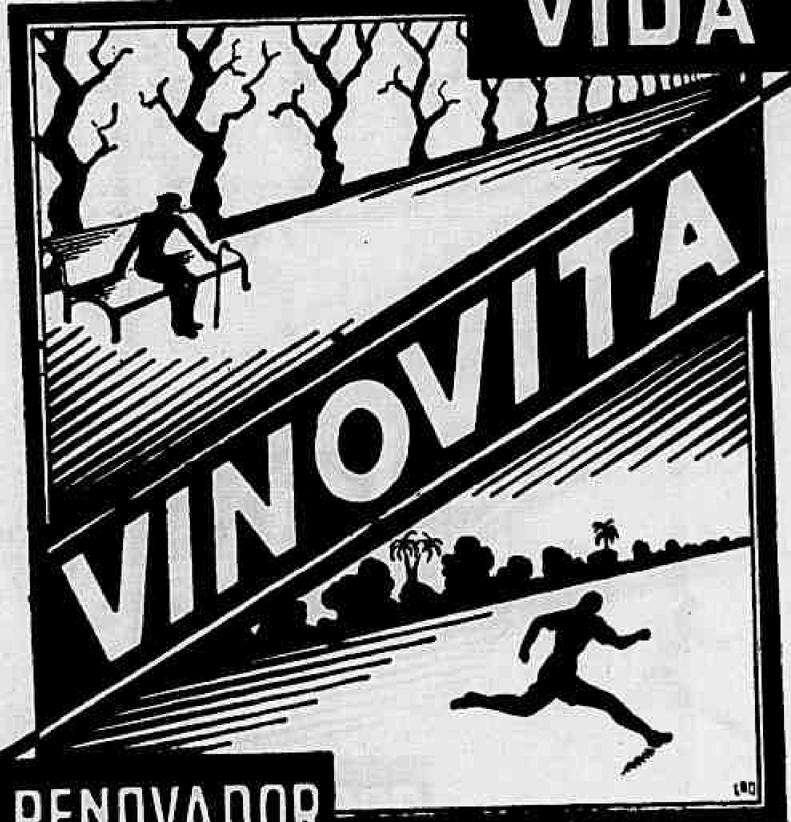
PETROLINA MINANCORA

O TONICO CAPILAR POR EXCELENCIA

CONTRA CASPA, QUEDA DOS CABELOS
E DEMAIS AFECÇÕES
DO COURO CABELUDO

Contra o esgotamento físico e mental!

VINHO DA VIDA



RENOVADOR DAS FÔRÇAS

Tônico poderoso

BANCO NACIONAL DE DESCONTOS

Sociedade Anônima

Depositos -- Descontos -- Cauções

ALFANDEGA n.º 50 - Rio

A LINDA DONA INÊS

(Cont. do número anterior)

— Ora, bolas! Estarei louco?... Por que estaria eu fazendo mau juízo dela?

Nesse solilóquio, o doutor Fausto é repentinamente surpreendido por um rumor de rodas. Levantou a cabeça da rede. Seus olhos pousaram, com surprêsa, no corpo elegante da espôsa, que voltava da cidade. Ricamente vestida, ostentava ela um novo e caríssimo casaco de pele.

O marido estranhou a própria espôsa e, de olhos fixos no casaco, indagou logo:

— Onde lhe arranjaram essa maravilha?

— Não me caiu do céu, Faustinho. Comprei-o numa peleteria, para ser pago a prestações.

E, pisando duro, a linda dona Inês recolheu-se com indiferença. O doutor continuou nas suas ruminações, com o espírito oscilando entre a falência e o comportamento da impassível criatura.

Durante a noite, suas cogitações pioraram. Veio a insônia. Reapareceu o casaco, cada vez mais extraordinário, como um vilão, na tela de seu cérebro. Moeu e remoeu seu pensamento sôbre o casaco, duas horas seguidas, e acabou por não consentir na presença daquela maravilha em sua casa. Não admitiria, de modo algum, a posse do precioso artifício. Houvesse o que houvesse, haveria de devolvê-lo à casa de onde viera.

Levantou-se e, de mansinho, foi até ao guarda-vestidos da espôsa e retirou desdenhosamente o peludo e já tão célebre casaco de suas cogitações. Pôs-se a examiná-lo, peça por peça, numa expressão de repulsa. Sùbitamente, na parte interior da manga encontrou justamente o que procurava: uma pequena nota da casa de peles, por casualidade, ali ficara presa. O doutor examinou essa nota e leu nela as seguintes palavras:

"Vendido para o major Jacobino."

O nosso homem remoeu-se todo. Devia ser ciúme, mas havia também muito de ódio, porque o ciúme era bem fundado. Ali estava a prova insofismável. Era direitinho o que pensara. Era a "proteção" do major Jacobino que já se fazia sentir... Um gato velho o "protetor", mas ainda sabia dar seus pulos...

E, imóvel, quase desnudo, de pés descalços, tiritando de frio, em frente ao guarda-vestidos, reparou em si mesmo e monologou:

— Mas, afinal, que é que estou fazendo aqui!? Eu, doutor Fausto, chegar a esta situação de palhaço?... E' o cúmulo! Não é ciúme, é a dura realidade! Ou então estou ficando doido... Ora esta! Calma, tenha calma, doutor...

Lançou um olhar feroz à espôsa, que dormia o perfumado sono da virgem (conforme gostaria de dizer o Mantegazza), e teve ímpetos de acordá-la aos solavancos, de estrangular aquela eterna boneca que nem sabia dizer "meu filhinho" (porque não tinha virtudes para isso), e que nunca tivera a felicidade de ouvir uma bôca pequenina dizer "mamãe"...

Mas conteve-se o doutor, embora sem perfeito domínio de si. Afinal, era preciso ter calma, mesmo porque êle a conhecera sempre assim.

Seria, porém, que ela admitisse realmente aquêle amor de que fala Bourget, — amor de instintos cegos, que não mede consequências, que vacila entre a honra e a desonra?... Ou seria que ela admitisse para si ùnicamente o amor que Michelet aconselha, — sentimento que constrói, que sublima e se torna cada vez mais belo na razão direta de sua espiritualidade?

Não sabia êle de que modo poderia a espôsa pensar. Verdade era que se feria no íntimo daquela mulher uma luta entre o desejo de ser tudo e não dever ser mais do que uma simples espôsa. Parecia intensa aquela luta íntima, que, por mais que a linda Inês fugisse ao seu desejo, tanto mais nesse desejo ela se aprofundava!

Mas, talvez que as cogitações do doutor não passassem de simples agitação cerebral. As sombras se dissipariam, talvez, pela manhã. O dia seguinte lhe daria pleno conhecimento da verdade.

E passou o infeliz homem uma noite angustiosa, entre a dúvida, o ciúme e o amor-próprio ferido.

★

No dia seguinte, não se alterou o estado moral do doutor Fausto. Continuava agitado. Não podia sequer olhar para a espôsa. Por cima de tantas mágoas no campo financeiro, ainda a indiferença, a traição, talvez, daquela mulher fria, inquisitorial, mentirosa.

Não almoçou naquele dia. Também, a linda dona Inês nem procurou saber por quê. Era todo um corpo ardente, mas sua alma era gelada...

O pobre doutor não tinha mais com que se distrair. Seus bois de estima, o "Soberano" e o "Ditador", seu gado de cabeceira, as suas glebas, benfeitorias, — tudo, enfim, ia agora para outras mãos. Seu papel, ali, agora, era apenas de depositário de seus próprios bens, que seriam rateados entre os credores gananciosos do arruinado Laranjal.

Ao entardecer, quando o doutor buscava alguma euforia nos ares do patamar, deu sùbitamente com a espôsa, que voltava da piscina.

Quase sem o querer, o nosso homem a interpelou, decidido:

— Inês, devolva imediatamente aquêle casaco! Não quero que você faça uso dêle!

— Por quê? — indagou ela, abrindo um sorriso de desdém.

— Você não o comprou! Foi presente do major Jacobino!

— Pois foi mesmo, "seu" Fausto! E que tem isso? Aceitarei presentes de quem bem entender! E não tolerarei suas imposições!

Por essa vez, o marido não se dominou. Não suportou mesmo o cinismo que enchia aquela voz melosa. Esqueceu-se de que a mulher só tolera pancadinhas com uma flor, e, de sopetão, marcou o rosto da linda dona Inês com um magnífico tabefe. Repetiu a dose, com mais calor, uma, duas e três vêzes, até quando a impassível criatura começou a gritar:

— Covarde! Patife! Monstro! Molambo de homem!...

Proferiu mais algumas amabilidades e caiu em síncope sôbre a escada do patamar, rolando até o gramado.

Minutos após, voltava a si, continuando a gritar. Quis fugir. O doutor não deixou. Nova crise, com estertores histéricos.

O doutor teve uma idéia genial:

— Vou internar esta mulher! Quero submetê-la a um teste de último recurso. Só assim poderei descobrir se tenho ou não razão...

E, com essa decisão providencial, transportou a espôsa, incontinente, para o seu automóvel e dirigiu-se para a cidade, à desfilada. Ali chegando, nada mais fêz do que internar a espôsa no mais confortável hospício, temporàriamente, em estado de semi-louca.

O diretor do Hospício era um velho amigo dêles. O doutor Fausto o procurou e lhe comunicou:

— Meu caro colega, acabo de internar aqui a minha espôsa. Não está de todo louca, mas tem transviado a moralidade e cometido desatinos... Por isso, resolvi interná-la provisòriamente... Que me aconselha?

— Você próprio o sabe, doutor Fausto. Nesses casos, sou sempre partidário da eliminação... Portanto...

— Não desejo ir a tanto, amigo. Prefiro deixá-la com o destino que lhe pertence, para que sofra as consequências. Depois, esta clausura aqui lhe poderá modificar um pouco os hábitos. Pelo menos, aqui, queira ou não queira, terá ela de proceder bem direitinho...

★

Dias depois, o nosso hábil doutor abandonava o doce Laranjal às mãos dos credores e retomava a sua antiga clínica, que deixara para ser pecuarista.

Auxiliado pelo diretor do hospício, logo depois, conseguia êle colocar-se ali como psiquiatra, fazendo-se assistente de sua própria espôsa.

Mas o desfecho do caso foi mais além. Quando, certo domingo, regressava o doutor Fausto ao hospício, aonde fôra chamado com urgência, foi surpreendido com uma notícia sensacional:

— Doutor, dona Inês desapareceu! Desapareceu pela madrugada!

A linda dona Inês tinha fugido...

Propositadamente, o doutor tinha dado ordens aos enfermeiros no sentido de que

deixassem a falsa louca à vontade. E a falsa louca desertara...

Ao que se soube mais tarde, a trêfega mariposa batera as asas, naquele mesmo dia, para o Uruguai, em companhia do major Jacobino, o "bondoso" protetor do Laranjal.

O doutor Fausto suspirou com alento, como quem sente di,ssipar-se um pesadelo. Acendeu o cachimbo, calmamente, e, dizendo para os seus próprios botões — "parabéns, doutor Fausto!" — tomou seu automóvel e tocou em disparada para a Pampulha, aonde foi saborear uma taça de "champagne", exclusivamente em louvor da linda dona Inês, que êle tivera a felicidade de perder...

PRIMAVERA

(Cont. da pág. 33)

figura. Os tecidos suaves, de aspecto feminino, são os que devem ser usados, tomando-se, naturalmente, o mesmo cuidado com a escolha de acessórios.

— «Sempre gostei de sapatos de todos os estilos,» — continúa June — «porém, são os de salto alto que nos ficam melhor, pois combinam mais com a roupa além de acrescentar alguns centímetros à estatura. Outra coisa que tenho observado,» — conclúi ela — «é que não podemos usar qualquer tipo de pele. As únicas que uso são as lisas, embora, tenha desejado sempre ter uma «raposa prateada». Mas imaginem o efeito: daria a impressão de que a raposa estivesse carregando uma menina!» — LYSE.

ADEMIR — PROFESOR...

(Cont. da pág. 47)

ADEMIR ENCARA O FUTURO

Ademir Menezes, dentro de dois anos pretende abandonar o futebol. Deseja dedicar-se a seu escritório de corretagem. No entanto, não pretende continuar seus cursos: de Medicina, que interrompeu em Recife, no primeiro ano, porque um professor de Química, que não suportava futebol, o reprovara; nem o de Odontologia, aqui cursado, também em sua primeira série. Entretanto, para salvaguardar o futuro, Ademir tem vontade de fazer um curso de técnico de futebol, na Escola de Educação Física.

UM HURRA DOS MEXICANOS

O pitoresco na vida do jogador de futebol, via de regra, sucede nas excursões ao estrangeiro.

E foi numa dessas, no México, que os atletas vascainos mais gozaram. E' aquêle com os "hurras".

Até pelas estações de rádio os jogadores andaram dando os hurras — mas em castelhano. Encontraram uma senhora, conversavam durante alguns minutos e, por fim, uma saudação: um "hurra" — mas em castelrano.

— Gente louca essa. Por qualquer coisa saúdam, devem ter pensado. Entretanto, se soubessem...

A VIDA DE MARIA STUART

(Cont. do número anterior)

Ainda pior do que isso. A condêssa sustentava além do mais, escrevia Maria Stuart, que Isabel tinha na perna uma ferida purulenta (uma clara insinuação de que ela herdara uma doença venérea do pai;) que ela perdera a mocidade, mas não a luxúria; que ela procurava continuamente prazeres ilícitos, os quais, entretanto, era incapaz de alcançar devido a sua prematura frigidez; que, afinal — e era êsse o golpe mais profundo — "a senhora não é como as outras mulheres". Isabel pensava que essa sua peculiaridade física, êsse defeito que a excluía das ocupações normais de uma mulher sã, fôsse conhecido só dela. E eis que sua mais odiada inimiga lançava-o em rôsto.

Depois dessa explosão de animosidade, não havia mais que brincar com sua vítima. O jôgo devia ter um rápido fim. E nessa altura Isabel concebeu um plano digno de Maquiavel. Forjou uma conspiração contra si própria e urdiu um enrêdo junto a Maria, indiretamente, como de costume, de modo a torná-la cabeça dessa conjuração.

Quando chegou aos ouvidos de Maria que o plano se destinava a matar Isabel e que ela assim podia subir ao trono inglês, entrou àvidamente na armadilha que lhe fôra preparada e aceitou o punhal colocado em sua mão para sua própria destruição. Um inteligente ardil fôra descoberto, pensava Maria, para estarem em contato com ela na sua prisão. Uma vez por semana um barril de cerveja era introduzido no castelo pelos serviçais. E os "partidários" de Maria, na realidade espiões de Isabel, haviam substituído o tapulho do barril por uma rôlha de cortiça na qual podia ser escondida uma carta. Dessa maneira Maria mantinha uma correspondência regular — com a própria Isabel, embora não soubesse disso — com o fim de promover a perdição de Isabel.

A rainha escocesa estava agora inflamada por um ardoroso entusiasmo. Sua ambição de tôda a vida ia afinal ser realizada! Em suas cartas ela esboçara o plano da conspiração inteira. Logo que escapasse da prisão, ela regressaria à Escócia, reuniria suas fôrças, invadiria a Inglaterra com auxílio de um contingente enviado pelo rei espanhol, e recompensaria o rei com a corôa da Escócia e com o direito de sucessão (depois dela própria) à corôa da Inglaterra.

Isabel estava encantada com o "progresso" dessa conspiração. Só faltava uma pequena prova necessária para incriminar fatalmente a rainha escocesa. Uma declaração escrita de que Maria aprovava o assassínio de Isabel. Finalmente, depois de muitas importunações e insistências, e de lhe acenarem com róseas esperanças obtiveram dela a declaração que a inculpava. Maria acedeu em redigir a ordem para a "trágica execução" de Isabel, a "pretendente" ao trono britânico.

Quando Maria percebeu que o jôgo chegara ao fim, pediu apenas uma coisa: que tivesse uma morte impressionante. A vanglória do sangue imperial até à beira da sepultura.

A morte foi impressionante. Não só para Maria como também para Isabel. Maria Stuart solicitara que lhe permitissem desaparecer dramàticamente, vestida com seu traje mais fino. E Isabel sentiu-se particularmente satisfeita em atender essa solicitação. Não era pouca coisa alcançar uma vitória sôbre tal mulher!

DATAS IMPORTANTES NA VIDA DE MARIA STUART

1542 — Nasceu em Linlithgow.
1548 — Contratou casamento com o delfim francês, Francisco; foi para a França.
1558 — Casou com o delfim.
1560 — Tornou-se rainha da França. Perdeu seu marido, Francisco II.
1561 — Regressou à Escócia.
1565 — Casou com Henrique Darnley.
1566 — Deu à luz um filho, Jaime.
1567 — Seu marido foi assassinado por instigação de Bothwell. Ela casa com Bothwell. Um mês depois, foram derrotados na batalha de Carberry Hill. Foi feita prisioneira em Lochleven Castle e forçada a abdicar em favôr de seu filho Jaime.
1568 — Fugiu de Lochleven. Foi à Inglaterra.
1569 — Foi encarcerada em Sheffield Castle.
1585 — Foi acusada de conspirar contra a rainha Isabel.
1586 — Foi levada a julgamento.
1587 — Foi condenada à morte pela rainha Isabel. — 8 de fevereiro. — Foi executada.

O diário de um noivo

(Cont. da pág. 32)

a patroa lhe dizia, embora nunca a compreendesse.

Bateram na porta e a empregada foi abrir:

— Um bombeiro lá em baixo deseja falar com a Madame.

— Vá você e resolva seja o que fôr, estou repousando, não quero receber ninguém, entendeu?

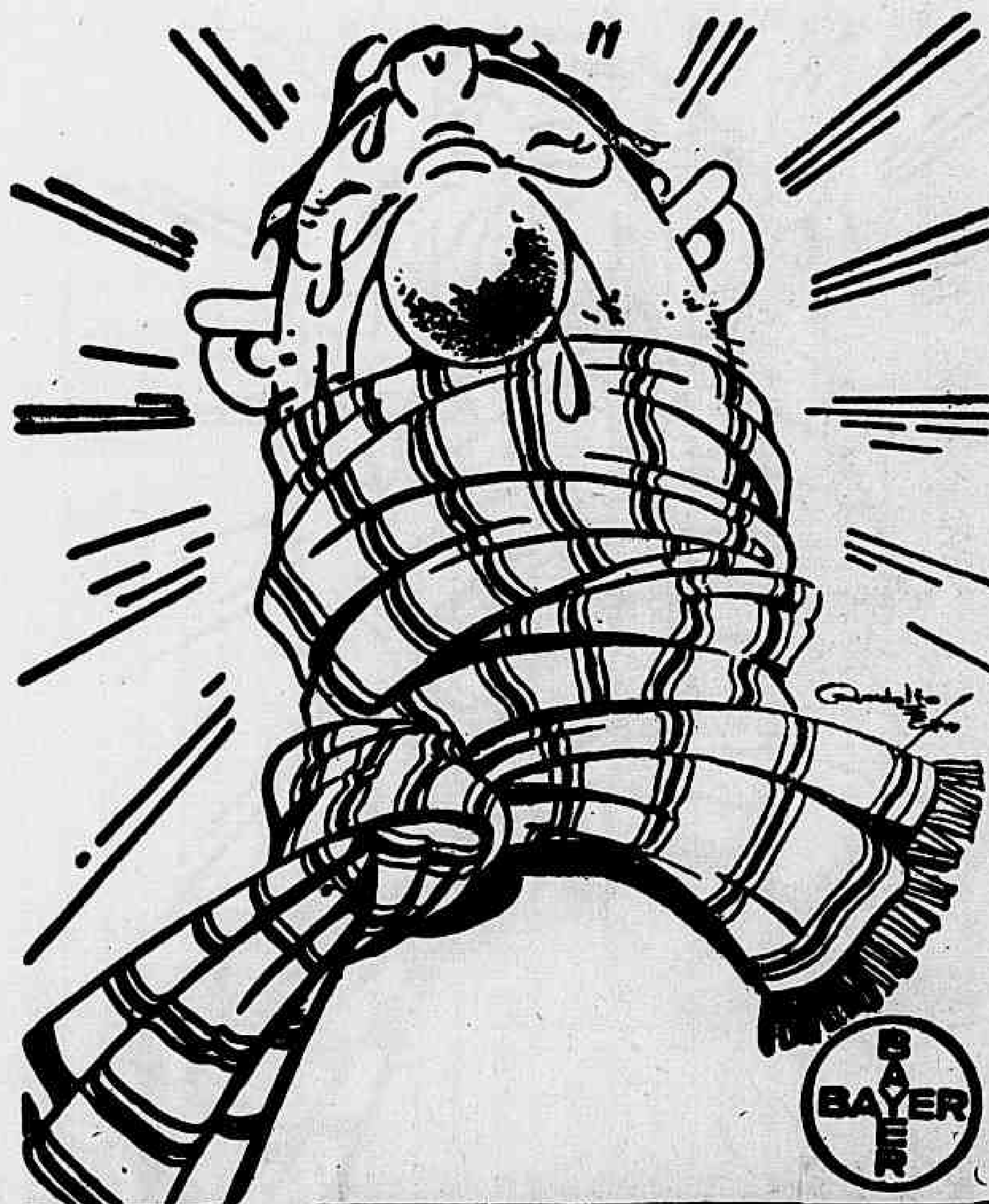
A velha serviçal assentiu e acompanhou o empregado do hotel.

★

Laura olhou o relógio de pulso e depois o pequeno cofre que estava diante dela, na mesinha. Fôra-lhe entregue com diversas outras coisas de valor, que os bombeiros haviam salvo da destruição das chamas. Tudo que lhe viera ter às mãos, era-lhe familiar aos olhos, mesmo alguns em que já há anos não reparava, vistos agora, eram como velhos amigos que reencontramos depois de anos de separação; só aquêle cofre lhe era completamente estranho, tinha absoluta certeza de jamais o ter visto e, entretanto lhe pertencia, pois estava na sua casa...

Talvez algum remoto Barreto o fizesse confidente de seus segredos e o escondesse em alguma falsa gaveta dos antigos móveis, só dêle conhecida.

Agora aquelas chamas que tinham destruído todo o patrimônio da nobre fami-



Instantina
corta os RESFRIADOS

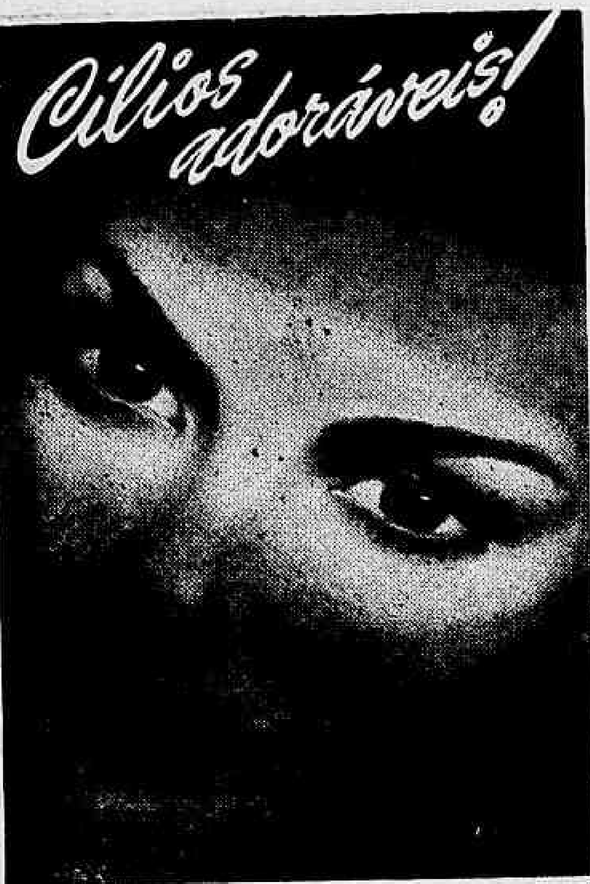


COMO APRENDER A DANÇAR
AGORA EM 3.ª EDIÇÃO

Ampliada, com os últimos passos de Bolero, Swing e Samba, contendo 94 gráficos e 254 passos, facilitando as senhoritas e cavalheiros aprenderem em suas próprias casas em 10 dias apenas, no princípio sem companheiro ou companheira.

Método de ritmos modernos pelo Professor Gino Fornaciari, Diretor e professor de "Aulas Práticas de Danças Ritz". Aulas particulares e a domicilio RUA DA LIBERDADE, 120 — PREÇO CR$ 41,00 — Pedidos pelo Reembolso Postal, com o autor — CAIXA POSTAL, 649 — S. PAULO

Cristais da Bohemia!
O MAIS SUNTUOSO SORTIMENTO ATÉ HOJE!
Magníficas exposições de cristais, porcelanas, faianças e serviços de mesa
LUSTRES DE CRISTAL DA BOHEMIA
E OBJETOS DE PRATA PARA PRESENTES
Visite as incomparáveis exposições da
Princesa dos Cristais
ASSEMBLÉIA, 90
A 10 metros da Avenida



Use Cilion que escurece e recurva os cílios, embelezando-os

Cilion

evita caspas e terçóis

PREFIRA O TUBO GRANDE QUE RENDE MAIS

TERREMOTO!!!

NO MERCADO DE PERFUMES!

NOVA TABELA

TIPOS DE PERFUMES	Essências 10 gr. Cr$	Extratos 50 gr. Cr$	Loções ¼ Cr$
Crepe A — Super ...	12,00	22,00	30,00
Madeiras A — Super	12,00	22,00	30,00
Rosa Natural — Super	13,00	22,00	30,00
Jasmim Super	10,00	22,08	30,00
Violeta B — Super ..	13,00	22,00	30,00
Q. Fluors — Super ..	15,00	25,00	35,00
Fl. Amor — Super ..	15,00	25,00	35,00
Mitzko — Super	18,00	25,00	35,00
Arp. S — Super	29,00	35,00	40,00
Tabac B — Super ...	21,00	35,00	40,00
Tabul — Super	25,00	35,00	40,00
Chan 5 — Super	25,00	35,00	40,00
Nuit N — Super	25,00	35,00	40,00
Cuir R — Super	25,00	35,00	40,00
Narcisse N — Super..	25,00	35,00	40,00
Pretx — Super	35,00	45,00	55,00
Rumores — Super ...	35,00	45,00	55,00
Escandalo — Super ..	35,00	45,00	55,00
Tabul GR — Super ..	35,00		
Flor Maçã LF	50,00	70,00	70,00
Soupplesse LF	50,00	70,00	70,00
Biarritz LF	50,00	70,00	70,00
Monte Carlo LF	50,00	70,00	70,00
Arabesque LF	60,00	80,00	80,00
Heno del Campo LF..	60,00	80,00	80,00
Casino LF	60,00	80,00	80,00
Violette Feuilles LF ..	85,00	105,00	105,00
La Rose Rougeatre LF	85,00	105,00	105,00
Despesas Reembôlso..	6,00	6,00	6,00

Não aceitamos pedidos menores de Cr$ 100,00. Os perfumes marcados LF são legítimos franceses

VENDAS PELO REEMBOLSO POSTAL

A FEIRA DAS ESSÊNCIAS

Av. Marechal Floriano, 67 — Sob.

RIO DE JANEIRO

BANCO DO COMERCIO S. A.

FUNDADO EM 1875

O mais antigo da praça do Rio de Janeiro

Sede:

RUA DO OUVIDOR, 93-95

TEL. 43-8966

Agências no: Distrito Federal, Estado do Rio, Estado de São Paulo, Estado de Minas Gerais

★

Tôdas as operações bancárias, inclusive câmbio.

lia, num requinte irônico do destino, respeitaram o pequeno cofre, para revelar a outros, talvez algum segrêdo ciosamente guardado.

Ana entrou e entregou-lhe o envelope, que continha qualquer coisa sólida e pequena.

Ela abriu-o e, pousando a pequena chave na palma fina e branca da mão, ficou imóvel fitando-a.

Ana compreendeu êste gesto por uma ordem para se retirar e, silenciosamente, como chegara, saiu.

A patroa, porém, não pareceu notar a sua ausência, continuou imóvel, imersa em seus pensamentos.

Teria o direito de violar êsse cofre que não lhe pertencia?

Por fim, com a mão ligeiramente trêmula pela emoção e por um irreprimivel sentimento de curiosidade, introduziu a chave na minúscula fechadura.

O que estivesse ali guardado, segredos ou objetos, só podia pertencer a um membro da familia e, portanto, tudo que tivesse pertencido a um Barreto só a ela pertencia, qualquer segrêdo, qualquer reliquia, seria também por ela venerada.

Ergueu a tampa e encaixado como num estôjo realmente feito para êle, repousava um pequeno livro, ricamente encadernado de marroquim vermelho.

Voltou a capa e parou surprêsa e emocionada ao mesmo tempo. Na letra esguia e bem delineada de Marcelo estava escrito: "Quarta-feira, 19 de setembro de 19...

A emoção turvou-lhe os olhos, com um gesto carinhoso seus dedos delgados alizaram o papel.

"Estive hoje em casa do barão e sinto que dia a dia minha paixão por ela cresce. Tenho mêdo de sufocar ao pêso de tão fortes emoções..."

Continuou a ler e o seu rosto de linhas clássicas, suavizado pela doçura da primeira emoção, foi se enrijecendo e quando o caderno, acabada a leitura, lhe caiu das mãos para o assoalho encerado, tomara a rigidez do mármore.

Ficou assim muito tempo, até que os dedos, a refletirem os sentimentos que a dominavam, se cerraram violentamente.

Então fôra assim! Todo aquêle amor que a enchera de felicidade e de orgulho tinha sido apenas o resultado da piedade que inspirara às duas pessoas que mais amara na vida!... Tinha vivido e sido feliz à custa da piedade de terceiros; ela que odiava a idéia de inspirar compaixão a inspirara naquilo que mais podia deprimir uma mulher: no amor!

Agora, depois da leitura daquelas páginas, era como se tudo de repente se tivesse tornado tão claro que ela não compreendia como nunca suspeitara. A tarde em que os encontrara no jardim, ambos pálidos e perturbados, êle, alegando um pretexto qualquer, se afastara, Matilde tomando-lhe as mãos dissera com voz trêmula: — "Sabes, querida, dr. Marcelo acaba de pedir-me a tua mão...". E o seu ridículo transporte de alegria ao ouvir tal notícia!

Agora, tudo ali estava revelado: A irmã já se sentindo doente e percebendo o seu amor por Marcelo não quisera casar-se com êle, para não destruir-lhe as ilusões, deixando-lhe pouco depois o viúvo de uma tuberculosa que, ela Laura, no seu orgulho, não aceitaria para espôso! Por compaixão renunciara e o obrigara a renunciar ao casamento entre ambos, embora mais tarde, sentindo que não viveria muito e como a se compensar e a êle por aquêle noivado que não o interessava, tornara-se sua amante...

Sim, só agora compreendia porque o rapaz cheio de vida, se transformara, até a morte, no homem estudioso e retraido; vivera da recordação daqueles poucos encontros de amor... e a sua dor ao vê-la morta não fôra uma dor de solidariedade, só ela na sua ignorância acreditara em tal!

Se ao menos se pudesse vingar!

Ergueu-se e foi até o espêlho. Uma mulher alta e magra, vestida de prêto, com os cabelos grisalhos e o rosto macerado, fitou-a com olhos frios e duros...

Como num sonho reviu a morte dêle, seu desespêro, o ar de dignidade ofendida com que recusara os dois homens que lhe vieram mais tarde oforecer-lhe os nomes... Mas isso se passara há doze e quinze anos atrás!

Compreendeu que já nada podia fazer para macular-lhe a memória; qualquer reação, só a ela tornaria indigna e ridicula, estava uma velha e nenhum homem a poderia desejar para espôsa.

Sua cabeça sempre erguida curvou-se, e apoiando a testa escaldante na superficie polida do espêlho, deixou que as lágrimas rolassem livremente.

Batidas leves na porta a fizeram voltar-se rápida; devia ser Ana.

Correu para o caderno e ergueu-o, trêmula de ódio, porém com cuidado. Ana entrou. Laura viu que a velha ama olhava seus olhos, ainda vermelhos, em muda interrogação.

Então, acariciando o caderno, murmurou com voz doce: — E' de Marcelo, Ana, do meu querido Marcelo...

CRISTINA DA SNÉCIA

(Cont. na pág. 20)

IV

Encantada por se achar agora como centro de uma tempestuosa discórdia — violenta execração de parte dos luteranos, apaixonada adoração por parte dos católicos — dirigiu-se ruidosamente a Roma e desconcertou bastante o papa aparecendo perante o SS. Sacramento, em São Pedro, vestindo calções de montaria e um vistoso chapéu. O Santo Padre ficou profundamente decepcionado com a convertida. Esperara encontrar uma santa rainha, e em vez disso, topou com uma pecadora sem coroa. Também os cardeais sentiram-se amolados com a presença daquela pecadora. Tentaram transformar-lhe o coração, e aconteceu que ela lhes virou as cabeças. Especialmente a do cardeal Colonna. Êsse pobre prelado deu para empoar o cabelo e fazer serenatas para ela, como um trovador com sua guitarra. Quando o papa soube dêsse despropósito por parte de seu cardeal outrora sensato, ordenou que êle saísse de Roma. Quanto a Cristina, Sua Santidade enviou-lhe um rosário com seus cumprimentos e recomendando-lhe que rezasse pela salvação de sua alma. Em vista do que Cristina lhe respondeu, com um sorriso de insolente doçura, que achara no catolicismo outras e maiores satisfações do que rezar o têrço. E, quando o pontífice procurou censurá-la por sua leviandade, ela caíu de joelhos e pediu-lhe a bênção.

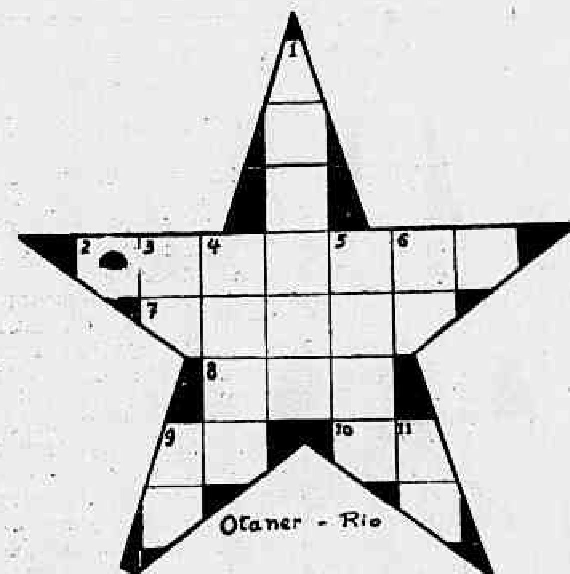
Contudo, a contrição, mesmo em presença do papa, era apenas uma das comuns características dela. Tinha a vanglória de uma atriz não totalmente segura de seu talento. De vez em quando ela fala de sua grandeza, como que tentando precaver-se contra um julgamento mais verdadeiro a respeito de si mesma. "Em muitos aspectos", escreve, falando de sua infância, "eu fui precoce". Outra vez, dando notícia da missão de embaixadores russos à Suécia: "Todos esperavam que eu me espantasse com as longas barbas e os costumes estranhos dos russos... Mas eu me limitei a rir, dizendo: — Por que me assustaria deles? Digam-me o que tenho a fazer, e deixem o resto por minha conta. — E assim fiz. Recebi meus visitantes, sentada no trono, da maneira do costume, tão senhora de mim e tão majestosa, que, em lugar de me assombrar, como outras crianças em tais ocasiões, fiz os embaixadores sentirem o que todos os homens sentem quando entram em contacto com os grandes." Ainda uma outra vez, falando agora de seus méritos como mulher: "Meus talentos e minhas virtudes... elevam-me acima do resto da humanidade." Sua **Autobiografia** está cheia de tais trechos de autoglorificação. **Plaudite, cives!** Aplaudi, oh! cidadãos! Exaltai-me pelo brilho da minha inteligência: — "Oh Senhor, que saber infundistes em mim!" — pela perícia com que monto, pela habilidade da minha diplomacia, pelo ardor da minha paixão, pela sinceridade da minha devoção, pela audácia da minha coragem, pela fôrça da minha vontade. Contemplai-me, a mim Cristina da Suécia, a oitava maravilha do mundo!

Por algum tempo o mundo contemplou, e se maravilhou, e aplaudiu. Mas por fim se fartou da encenação dela. Era mais melodramática do que dramática. Cristina se desaviera com tantas pessoas em Roma, que afinal tôdas ficaram contentes por se desembaraçar dela. Ela, por sua vez, ficou satisfeita por se livrar daquela gente. Mantivera sua glória por mais tempo do que outros. Certa vez convidara quarenta pessoas para jantar, e nem um único dos convidados tornara a aparecer. Seu dinheiro minguava. Ela voltaria à Suécia, onde seus ex-súditos ainda a adoravam; e le-

PALAVRAS CRUZADAS

PARA NOVATOS

PROBLEMA Nº 18

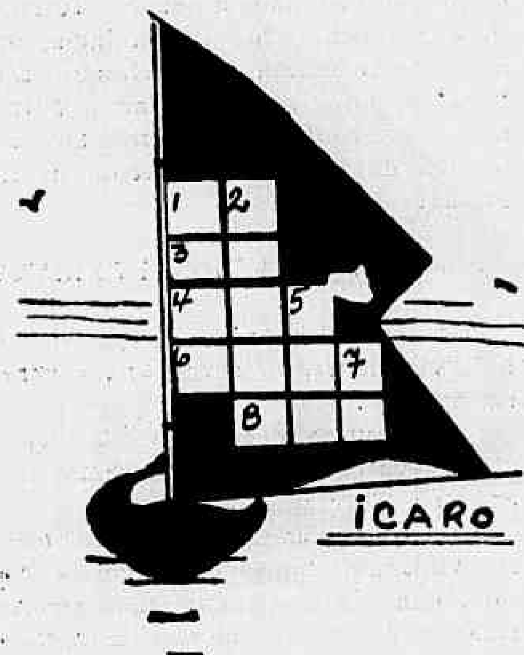


HORIZONTAIS: — 2. Mentiras — 7. Enxutos — 8. O antônimo de bem — 9. Perversa — 10. Outra coisa.

VERTICAIS: — 1. Aldeia de indios — 3. Artigo mascudino plural — 4. Move com os remos — 5. Bôba — 6. Pessoa exímia na aviação — 9. Pedra de moinho — 11. Ali.

PARA VETERANOS

PROBLEMA Nº 18



HORIZONTAIS: — 1. Nome de Buda na China — 3. Filho primogênito de Judá e Sua — 4. Cidade na India, na provincia de Alahabad — 6. Orixá que preside às lutas e guerras — 8. Mineral formado por monazita com zirconita.

VERTICAIS: — 1. Inculto, sanhudo — 2. O Santo da invocação que dá o nome a um templo — 5. Sectário de uma seita hindu — 7. Pedra de afiar instrumentos cortantes.

★

SOLUÇÕES DOS PROBLEMAS DO NÚMERO ANTERIOR

PARA VETERANOS

HORIZONTAIS E VERTICAIS: — Fadar — Afago — Dados — Ágora — Rosar.

PARA NOVATOS

HORIZONTAIS: Cá — Amam — Urubu — Melro — Soa.
VERTICAIS: Cabra — Amuo — Ares — Mulo — Um.

★

Colaboração e correspondência para: REVISTA DA SEMANA — PALAVRAS CRUZADAS.

Exposição João Luso



A 15 do corrente mês de setembro será aberta aos amantes das Belas Artes, a Exposição dos quadros que pertenceram ao escritor e crítico de arte, João Luso, recentemente falecido nesta capital.

Tendo dedicada toda a sua existência ao culto do Belo, o inesquecivel literato que tanto brilho deu às letras brasileiras, contribuindo para elevar o nivel de nossa cultura, possuia João Luso selecionada pinacoteca, notando-se obras de grande valor entre telas de artistas nacionais e estrangeiros. Esses quadros vão ser agora apresentados à sociedade do Rio de Janeiro, e refletirão na alma carioca os fulgores de uma vida de artista sensivel às conquistas do espírito, à serviço ininterrupto de nossas artes.

Diante dessa exposição é como se todos nós estivessemos a falar a João Luso, sentindo-lhe o calor de seus conhecimentos culturais, o poder emotivo de seus conceitos sobre Arte, o segrêdo de sua inteligência atraente e sempre à serviço das boas causas. Homem de pensamento e coração João Luso pode ser estudado nessas facetas que apresenta o cristal da vida dos homens de espírito: os seus quadros, os seus livros, suas obras de arte. A exposição que se vai inaugurar a 15 deste mês, sob o patrocínio da Associação Brasileira de Imprensa, merece o prestígio dos amigos do intelectual que se foi e dos apaixonados pelas artes plásticas. As telas que vamos admirar no salão de exposições da ABI são um reflexo da sensibilidade artística de João Luso, que além de intelectual de altos méritos tanto se dedicou à crítica do pincel, com aquela acuidade que lhe deu o maior prestígio nos meios artísticos e consolidou até o dia de sua morte, o conceito que lhe garantiu renome entre os centros culturais do país e do estrangeiro. Enriquecendo-se um lar com telas que pertenceram a João Luso, é transmitir de gerações a gerações um patrimônio de altíssimo valor artístico e homenagear o nome de um lutador intelectual que muito contribuiu para o nosso progresso espiritual.

A BELEZA DOS SEIOS
BÉL-HORMON
Quando o busto fôr insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON nº 1; e quando fôr ao contrário, demasiadamente volumoso, use BÉL-HORMON nº 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios, é um preparado modernissimo, eficiente, de aplicação local e resultados imediatos. Adquira-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.
BÉL-HORMON
Distribuidores para todo o Brasil: Soc Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. Rua da Carioca, 33 — Rio de Janeiro



Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queiram enviar-me pelo Reembôlso Postal um vidro de "BÉL-HORMON" nº ....
NOME ....
RUA .... Nº ....
CIDADE .... ESTADO ....
Preco para todo o Brasil Cr$ 35,00

DIA LONGO

(Cont. da pág. 13)

Fusco, além de outros; como o grupo do Sul, onde surgiram Augusto Meyer, Érico Verissimo, Dionélio Machado, etc.; o do Norte, com Jorge de Lima, Gilberto Freyre, Ascenço Ferreira e outros.

Daí por diante, outros grupos surgiram, os primeiros se dividiram em várias tendências e assim se formou e se depurou o grande e significativo movimento literário de 1922.

O modernismo brasileiro é, hoje, um marco em nossa evolução literária, social e política — pois é inegável que a revolução de 1930 saiu dessa batalha, inicialmente apenas literária.

E' uma etapa já superada.

O modernismo, com suas características mais primitivas, com os seus arroubos e o seu cunho militante, combativo e iconoclasta, já nos parece do mais terrível passadismo.

Foi, sem dúvida, uma necessidade, uma fatalidade. E prestou serviços inestimáveis sobretudo aos grandes poetas nossos que ainda estavam presos às regras do academismo estreito, já desafinado com a época, pois a primeira Grande Guerra adiantara o relógio do mundo, retirara à poesia sua função meramente decorativa de «sorriso da sociedade» — como a definiu um acadêmico brasileiro — negando aos poetas o direito de puro jôgo de imitação dos clássicos. O modernismo de 1922 pôs os ponteiros de nosso relógio poético certo com o do mundo. E de tudo isso muito devemos ao vate Ribeiro Couto, o poeta que com sua obra alta e harmoniosa, nos tem dado um longo dia de poesia e de beleza.

CRISTINA DA SUÉCIA

vantaria fundos para a nova produção de seu super-drama.

O papa fêz-lhe presente de 10.000 coroas, como que a despedindo com uma "Boa viagem!", e Cristina se dirigiu à Suécia (19 de julho de 1656).

No caminho para a sua terra, porém, a "raínha vagabunda" parou na França para um intervalo interessantíssimo, se bem que não muito saboroso, no seu drama que atraía a atenção mundial. Após uma tormentosa cavalgada através de várias cidades francesas — "ela montava como homem um grande cavalo branco, pistolas nos coldres, a cabeleira postiça sôlta, de aspecto selvagem como o de uma cigana, mãos desenluvadas e não muito limpas" — pasmou o mundo com uma nova doidice, desta vez nada menos do que um assassínio. O cenário desta última manifestação de régia avidez de sensacionalismo foi o palácio de Luís XIV, em Fontainebleau; e a vítima foi o conde italiano Monaldeschi, professor de equitação de Cristina. Êle escrevera uma porção de cartas em que a raínha era insultada. A intrometida raínha — "os negócios de quem quer que seja são negócios **meus**" — interceptara essas cartas e acareara Monaldeschi com elas. Monaldeschi, confessando seu "crime", implorou perdão. Mas Cristina era inclemente. Chamando ao quarto o prior de Fontainebleau, disse-lhe serenamente:

— Padre, entrego êste homem aos seus cuidados. Prepare-o para a morte.

E então incitou os "carrascos", três espadachins amadores que fizeram um horroroso trabalho, gastando várias horas para matarem sua aterrada prêsa.

(Cont. no próximo número)

CIRCO

(Cont. da pág 18)

acaso. Muito moço ainda, ganhava seus dias trabalhando no comércio. Gostava de teatro e, junto com outros companheiros, alugava os salões dos clubes paulistas, onde se davam festas dançantes em que também eram exibidas peças por êles representadas. Certo dia, num circo de que êle conhecia o proprietário, veio a faltar a primeira figura masculina do elenco teatral. Usava-se muito, então, juntar num só êsses dois espetáculos. Para sair do apuro, o dono convidou Garcia a substituir o faltoso. Após alguma relutância, aceitou o jovem comerciário e assim estreou como ator. Deu-se bem. Instado a prosseguir, abandonou o comércio e fêz-se artista efetivo daquela companhia. Habilidoso que era, foi aos poucos tentando as demais exibições, clown, palhaço e mágico, coisa que deixou há uns quatro meses apenas. Trabalhou com Benjamim de Oliveira, fêz parte de circos de algum renome assim como de mambembes, percorreu o Brasil todo, de artista passou a interessado e sócio, terminando proprietário absoluto. Encenou no interior as peças que obtinham sucesso nas capitais. Êle mesmo escrevia, dirigia e ensaiava. Tomou gôsto pelos animais e começou a apresentá-los nos espetáculos. Descobriu que garantiam muito maior renda que qualquer peça teatral por melhor que fôsse. Importou animais exóticos e criou-os para revendê-los aos outros circos. Possui agora dois circos independentes, um aqui no Rio e o outro em São Paulo. Tem artistas brasileiros na maioria, alguns estrangeiros, podendo permutar números inteiros entre os dois, conforme os lugares que visita. Dos nacionais, são os circos mais bem montados, podendo apresentar animais nada fácil de serem importados por dificuldades burocráticas nos países de origem iguais às que se encontram em nosso país: canguru, hipopótamo, leões, zebras, camelo, elefantes, etc. Conta com um domador experimentado, Hans, que permitiu que entrássemos na jaula dos leões, para facilitar os ângulos das fotografias. O Indu, antigo amestrador de elefantes, está agora às voltas com um filhote aprendiz. Os espetáculos apresentam apenas uma entrada cômica, a cargo de Alex e Ripolim, sendo êste último também animador, locutor, cantor, acrobata, junto com seus irmãos, os Queirolos. Diàriamente há ensaios, seja dos artistas como dos animais, para não perderem a forma. Êsse conjunto, além de percorrer o Brasil todo, já visitou os paises da América do Sul e Central, até o México. Isso diz da qualidade do espetáculo apresentado. Foi do Circo Garcia que saiu o "Indio Manolo", que junto com sua filha constitui o número de maior sensação no Barnum de New York. Perguntamos ao proprietário dêsse mundo de atrações se estava satisfeito com a sua realização.

— Sinto-me felicissimo, e por nada nesse mundo trocaria minha vida atual e o que possuo. Tenho certeza que fora do circo não encontraria as mesmas satisfações. Apenas uma única circunstância empana um pouco minha felicidade. Por levar uma vida errante, não tenho casa, mas tenho familia, sendo obrigado a viver quase sempre longe de meus dois filhos, um rapaz que está seguindo a carreira militar e uma moça, estudante de filosofia. E' por causa dêles que continua com a minha vida, para que um dia possam ter o que eu não pude.

Essas palavras retratam bem quem as proferiu, homem simples, bom, que poderia ser a encarnação do sujeito da história que contamos atrás. Cremos mesmo que maior deve ser a sua felicidade quando nas matinées pode contemplar a meninada alegre e ruidosa que lota as dependências do circo, desde os camarotes fidalgos aos humildes e sempre chelos degraus do poleiro. Não só as crianças se entusiasmam com os números de acrobacia, com as piadas dos cômicos ou com o aparecimento de tantos bichos gozados; escutamos gostosas gargalhadas dadas por verdadeiros marmanjos e palmas calorosas estrugindo, a melhor paga para qualquer artista. Tentamos, assim, num giro rápido, reproduzir para os leitores o muito que vimos e lembramos nas visitas que fizemos ao circo, pôsto à nossa disposição. Certificamo-nos que os homens, por mais que o não queiram demonstrar, gostam de se reintegrar, nem que seja apenas por duas horas, no mundo quase irreal em que há animais amestrados, exercicios dificeis, tudo misturado com uma profusão de luzes, de música e de momentos emocionantes. E' a saudade da meninice que não volta!...



FREDERICO TROTTA
Antigo Vereador pelo Partido Autonomista 1935—1937
Ex-Governador dos Territórios de Iguaçu e de Guaporé

BRASILEIRO!
Dá teu voto em defesa da Democracia e dos interêsses do Povo e da Tua Cidade.
Manda novamente, com teu sufrágio para a CAMARA MUNICIPAL, aquêle que sempre esteve a teu lado:
FREDERICO TROTTA
Sua atuação no passado, garante sua ação no futuro.
★
P.S.T. P.S.T.

"Ele" depende da Sra...
e a Sra deve confiar na
ÁGUA INGLÊSA
GRANADO
o tônico das lactantes



PUXE PELO CÉREBRO

1 QUEM FUNDOU A FILOSOFIA DOS "CINICOS":

— Sócrates?
— Diógenes?
— Antístenes?

2 QUANTOS HOMENS TRABALHARAM NA ABERTURA DO CANAL DO PANAMÁ:

— 40 mil?
— 50 mil?
— 22 mil?

3 DE QUE ANO DATA A CONSTRUÇÃO DO PALÁCIO DO CATETE:

— 1808?
— 1862?
— 1790?

4 A QUEM PERTENCIA O PALÁCIO DO CATETE ANTES DE SER SEDE DO GOVÊRNO BRASILEIRO:

— Ao Conde d'Eu?
— Ao Visconde do Rio Branco?
— Ao barão de Nova Friburgo?

5 QUANTOS ESPECTADORES CABIAM NO COLISEU ROMANO:

— Cem mil?
— Oitenta mil?
— Cinquenta mil?

6 QUE NOME DAVAM OS ANTIGOS À TÔRRE MÓVEL, DE MADEIRA, EMPREGADA NOS ASSALTOS A CASTELOS E FORTALEZAS:

— Helópole?
— Baluarte?
— Aríete?

7 QUAL O CHEFE DE ESTADO QUE O ENCOURAÇADO "SÃO PAULO" TRANSPORTOU DA EUROPA AO RIO, EM 1920:

— O presidente de Portugal?
— O rei da Bélgica?
— O presidente da Argentina?

8 EM QUE MÊS E DIA DE 1930 FOI ASSASSINADO JOÃO PESSOA:

— 26 de Julho?
— 1 de Junho?
— 2 de Outubro?

9 EM QUE PARTE DO TERRITÓRIO NACIONAL D. PEDRO II VISITOU A FRENTE DE COMBATE NA GUERRA DO PARAGUAI:

— Mato Grosso?
— Santa Catarina?
— Rio Grande do Sul?

10 QUE NOME SE DÁ À PESSOA QUE PROTEGE AS ARTES E AS LETRAS E AUXILIA OS INTELECTUAIS:

— Taumaturgo?
— Demiurgo?
— Mecenas?

11 QUAL O MAIS VELOZ ANIMAL DO MUNDO:

— O galgo?
— A chita africana?
— O cavalo?

12 QUANTAS PULSAÇÕES EXECUTA O CORAÇÃO DE UM ADULTO NORMAL NO ESPAÇO DE UM DIA:

— Duzentas mil?
— Cinquenta-e-oito mil?
— Cento-e-três mil?

13 QUE NOME TINHA ANTIGAMENTE A RUA SETE DE SETEMBRO:

— Caminho da Carioca?
— Rua do Cano?
— Travessa da Misericórdia?

14 QUAL FOI O PRIMEIRO PAÍS DO MUNDO A ADOTAR O SÊLO POSTAL:

— Inglaterra?
— Brasil?
— Suíça?

15 EM QUE ANO OS PIRATAS INGLÊSES CAVENDISH E COOK TOMARAM A ENTÃO VILA DE SANTOS:

— 1730?
— 1611?
— 1591?

16 QUAL FOI O BANDEIRANTE DO AMAZONAS QUE CHEFIOU UMA EXPEDIÇÃO DE 2.000 PESSOAS EM 70 CANOAS, DURANTE O ANO DE 1637:

— Luiz Raymundo?
— Pedro Teixeira?
— Napoleão do Carmo?

17 EM QUE CIDADE ESTREOU A PRIMEIRA COMPANHIA DRAMÁTICA BRASILEIRA, FUNDADA POR JOÃO CAETANO:

— Rio?
— São Paulo?
— Niterói?

18 ANTES DE SER TERRITÓRIO DOS ESTADOS UNIDOS, A QUEM PERTENCIA O ALASKA:

— À Inglaterra?
— À Rússia?
— Ao Canadá?

19 QUANTOS METROS DE ALTURA MEDE A TÔRRE INCLINADA DE PISA:

— 54?
— 22?
— 40?

20 QUEM MATOU O REVOLUCIONÁRIO MARAT:

— Mme. Roland?
— Carlota Corday?
— Rouget de Liste?

(*Respostas na página* 58)

PIGALLE

(Cont. na pág. 23)

Mas, à saída, os sentidos se recuperam em dois minutos. E' quando a nota das despesas aparece, nas mãos sôfregas do garçon, cúmplice de madame Patachou: Dois casais que se divertiram à grande mas ainda mais divertiram os vizinhos da mesa, dispenderam brincando, brincando, quinze ou vinte mil francos. O suficiente para uma família não muito modesta atravessar um mês inteiro, com duas refeições por dia.

★

Madame Patachou, "Le Monocle", "Jockey Club", "Vênus", "Nordland"... Place de Pigalle, Montparnasse, adjacências... Lugares que visitados pela primeira vez, nunca mais são esquecidos. E só não volta a frequentá-los quem não pôde voltar a Paris. Porque os outros voltam sempre e muitas vêzes...

LUTA PELA BELEZA

Na luta incessante pela sua beleza, pela sua boa aparência, pela sua estética a mulher não pouca, sacrifícios, nem os de ordem econômica, adquirindo e usando o mais variado sortimento de cremes, pomadas e todos os artigos de perfumaria e de farmácia, nem os de ordem física, submetendo-se paciente e corajosamente a tôda sorte de regimes, massagens, ginásticas etc. Censura nenhuma ela merece por isso, uma vez que lutando pela obtenção ou pela conservação de sua beleza ela nada mais faz que lutar pela sua própria vitória, isto é, pela sua própria felicidade. Não se pode, pois, censurá-la em relação ao objeto de sua luta. Mas muitas observações nos sugerem os meios nem sempre eficazes e adequados de que ela lança mão para atingir êsse objetivo. Quantas moças e senhoras tratam com especial cuidado de sua pele, de seus cabelos, de suas unhas, de suas sobrancelhas, de sua boa aparência enfim, esquecendo-se do principal: da sua saúde íntima. Muita ginástica, muitas massagens, muitos cremes, tinturas, etc.. Mas nenhuma providência, nenhum tratamento, no sentido de regularizar o seu organismo, de afastar perturbações que são geralmente a causa primeira dos defeitos da pele, da obesidade e de mil outros inimigos da boa aparência, da beleza! Ilusão perigosa e prejudicial! Sem saúde não há beleza! Antes de qualquer providência, antes de qualquer tratamento visando assegurar a sua beleza, garanta a regularidade de seu organismo, combata os males do seu sexo e os afaste definitivamente recorrendo ao remédio que é fabricado de acôrdo com a natureza deles: REGULADOR XAVIER. O Regulador Xavier N.º 1 se plica nas regras abundantes, hemorragias e suas conseqüências. O Regulador Xavier N.º 2 se aplica na falta ou diminuição de regras e suas conseqüências. O Regulador Xavier — o N.º 1 ou o N.º 2 conforme o seu caso — lhe dará saúde, saúde permanente, saúde integral. E a saúde é a fonte única e inesgotável de sua beleza. Grave bem: REGULADOR XA-VI-ER.

DR. ADEMIR, PROFESSOR...

(Cont. na pág. 31)

cordavam com a preferência do filho pelo esporte. Ademir andava pelos quinze anos.

— Êsse negócio de futebol, está prejudicando os estudos dêsse menino.

Um dia convidou o velho Menezes para vê-lo jogar. E o pai gostou. Deu liberdade ao filho. O menino era mesmo do futebol.

Ademir era alto, muito magro, parecia um pernilongo. Por isso apelidaram-no de Murissoca. Jogava já no primeiro time do Esporte Clube de Recife, com dezoito anos, alcançando-o diretamente do juvenil. Sem o pêso necessário (pesava sòmente 42 quilos quando tinha que pesar 45) para disputar as partidas usava de um ardil cabível à época e ao local. Colocava nas meias e na cintura do calção, pedaços de chumbo — o legal era serem pesados nus. Assim, para satisfação dos dirigentes do Esporte e estranheza dos funcionários da Liga, aquêle menino alto e magricela pesava 45 quilos! Isto em 1941. O Esporte fêz uma excursão ao Rio Grande do Sul, levando Ademir como meia-direita. Campanha belíssima de dezoito vitórias em vinte jogos. Dinheiro, porém, não havia.

Os times do Rio voltaram os olhos para aquêle garôto de qualidades embrionárias. O Vasco, usando de inteligente política, convidou o quadro pernambucano para uma temporada no Rio. Passagens, estadia, tudo grátis. Fixaram-se no Vasco. Banquetes, jogos, discursos e, ao cabo, um convite para deixarem Ademir aqui na capital. Aquela gente do Vasco tão gentil, cativara os dirigentes nordestinos. Falaram ao rapaz, que ficou um pouco sem jeito, pois tinha um compromisso de palavra com o Fluminense. Acedeu, entretanto. Firmou um contratozinho no clube da colina. Jogou uns tempos no aspirante e, com o advento da diagonal, com Ondino, Ademir foi lançado no primeiro quadro. Superou-se. Ganhou a posição de Lelé.

★

— A maior emoção de minha vida foi ocasionada por uma escolha para a seleção. Fomos convocados quatro, para a meia: Zizinho, Lelé, eu e Tovar. Ao fim sobraram Zizinho e eu. Numa noite, em casa, recebi um telegrama da Confederação, onde dizia que estava convocado. Passei a noite tôda sem poder dormir. Pensando, sonhando...

★

Após atuações magníficas nas seleções do país, Ademir firmou seu nome no cenário futebolístico. Houve aquela ida inesperada para o Fluminense, quando tudo fazia crer que Ademir criara raizes no Vasco da Gama.

— Mas como foi aquilo? — perguntamos-lhe, certa ocasião.

Ademir deu um sorriso, pensou um pouco — porque êle é assim, sempre foi assim, antes de falar alguma coisa aos semi-estranhos, passa em revista o que vai dizer — para falar sôbre uma questão de dinheiro e cláusulas. Deram duzentos-e-cinquenta contos ao trio na renovação. E, a êle, que desfrutava a mesma situação de Lelé, só queriam firmar, na base de 150 contos. Havendo ainda cláusulas absurdas, com multas, caso adoecesse ou perdessem um jôgo. O pai não o deixou assinar. Firmou com o Fluminense um contrato em branco. Vantajoso.

Ademir, sempre que pode, elogia o pai, mostrando-se agradecido por tudo que fêz.

— Depois, o Vasco passou a convidar-me para voltar, rompendo com o tricolor. Respondi que nada podia fazer. Não havia motivos para rompimentos. A oferta do Vasco, então, era tentadora e eu, saudoso, comecei a fazer tudo que era proibido aos jogadores. Ia para a piscina, apreciava o jôgo de tênis, àquela época era noivo, saía para ver a Celeste. E nada me faziam. E assim fui ficando até ao fim do meu contrato. Você sabe aquêle sistema do Vasco durante as concentrações: brincadeiras, jogos, *shows*. Pois eu instituí, quando estive no Fluminense, o programa de calouros. Há nesse clube, uma vez por semana, a reunião de diretores e jogadores, onde êstes falam de seus desejos ou reclamações. Numa dessas reuniões dei a idéia do programa de calouros feito pelos jogadores, ao qual o clube ajudaria com a doação dos prêmios. Foi aceita e começaram os programas. Eram na casa de um diretor do Fluminense — Antônio Leite — na rua Marquês de Abrantes. O Màsinho, que tocava violão com o Newton Teixeira (aquêle compositor), anunciava o programa comigo. O Rodrigues cantando tangos; o Bigode, música italiana; o Juvenal, sambas; e outros mais.

Os anúncios eram interesantes. Pedro Amorim, daí a pouco tempo se formaria em medicina, e, pelo seu gênio retraído, não participava dos programas. Então eram feitas as locuções do programa assim: — "Seu cachorrinho está doente? Tem gosma, bronquite, pé quebrado? Procure dr. Pedro Amorim."

"O sr. Tem algum problema sentimental em sua vida?

(Cont. na pág. 46)

SALVA PELO AMOR



Assim começou aquilo tudo. De comêço houve alegria e divertimentos. Pareceu-me que se desenhava boa oportunidade. Uma noite, quando Beth, Jim, Kirk e eu estávamos no "Night-Club"...





Eu tinha a chave de tôdas as murmurações em minhas mãos; Mas não duvidei das palavras de Kirk. Na noite seguinte encontrei Ty Parnell...





Olhei para Ty e reconheci que êle era o meu tipo de homem. Nenhum melhor. Entretanto percebi murmurações em uma mesa próxima...



Depois daquelas noites, tôdas as festas incluíam Ty Parnell. Kirk não gostava. Num festival de caridade...



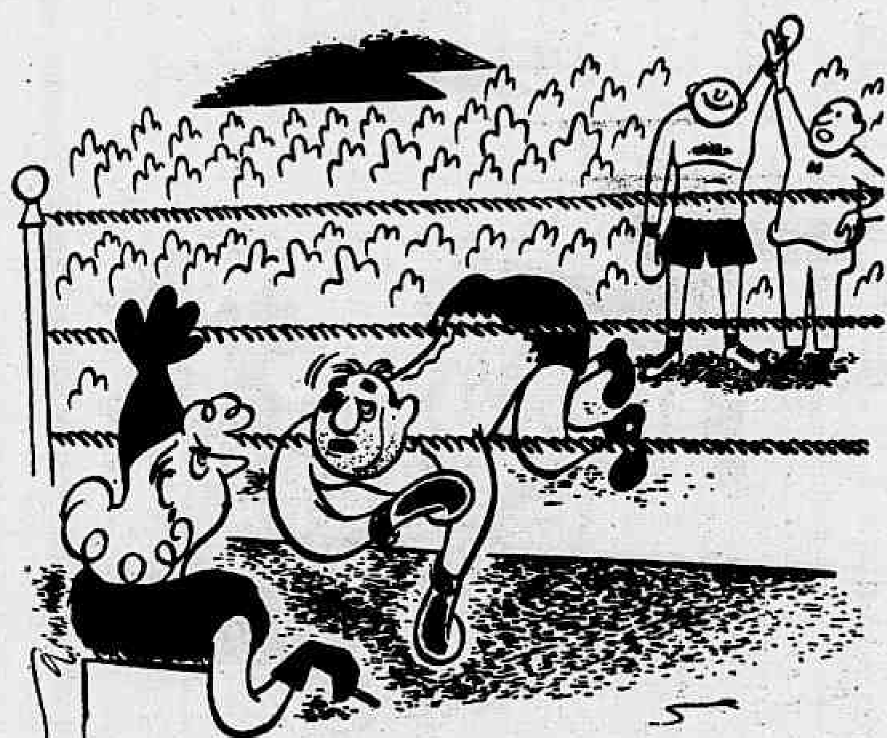
Tudo se resolveu numa mesa com os cinco...



Isso era muito desagradável



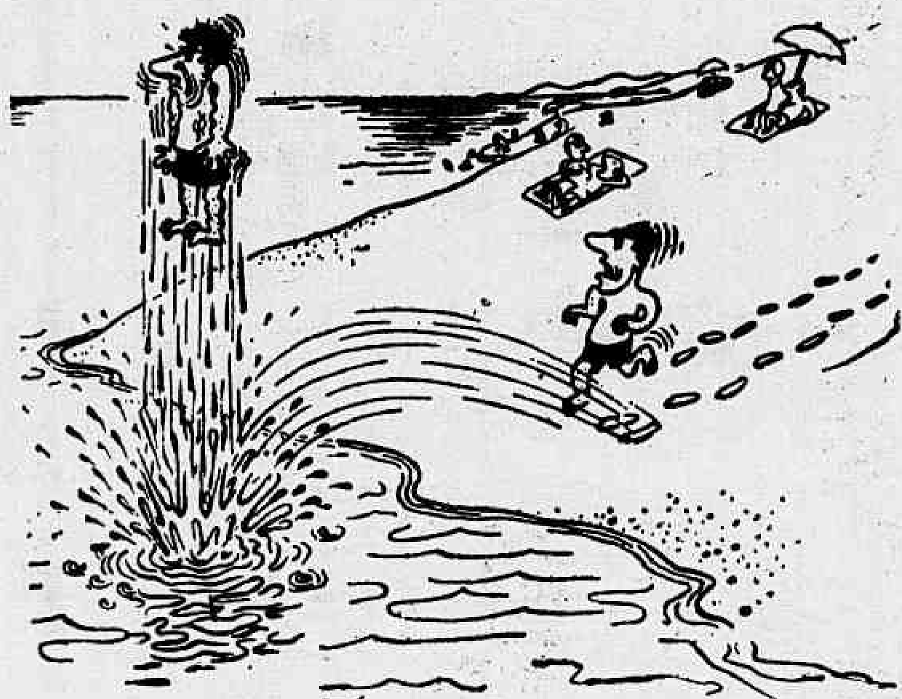
ESTARÁ MELISSA EM MAU CAMINHO? ROMPERÁ COM SUA AMIGA?



— Querida, acho melhor não contares comigo para voltar para casa...



— Cruzes! Ouviu o que êle disse para o assado?

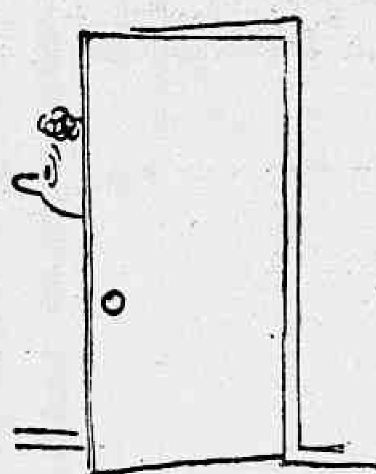


— Deus do céu! Está tão fria assim?!

BOM HUMOR



— Depois de tudo, querido, lembre-se que não és um mecânico e sim um intelectual...



1.



2.



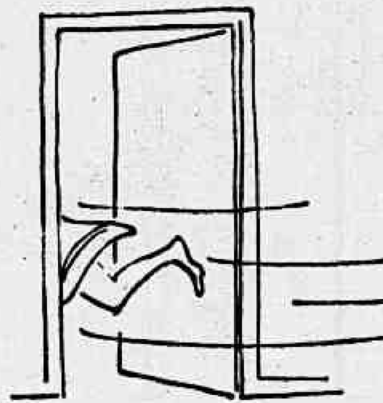
3.



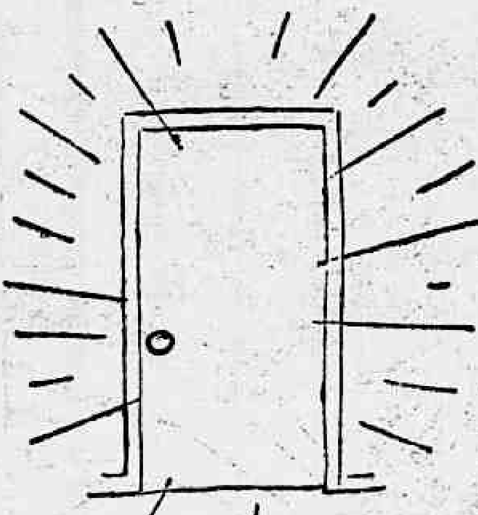
4.



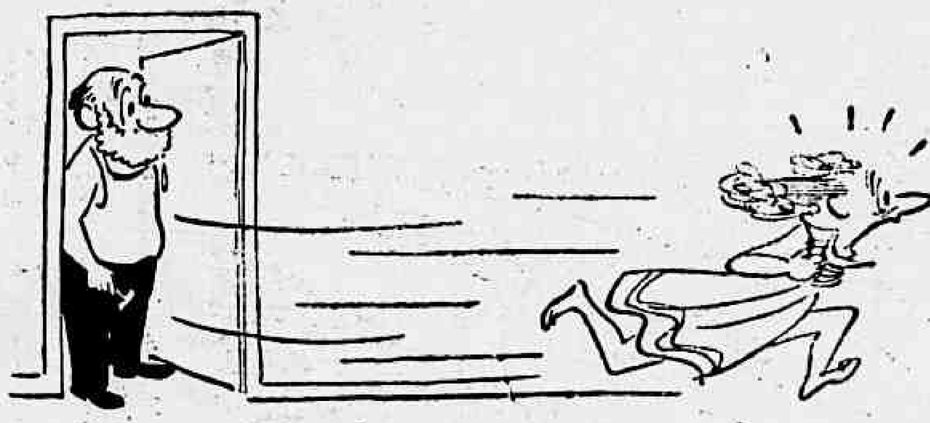
5.



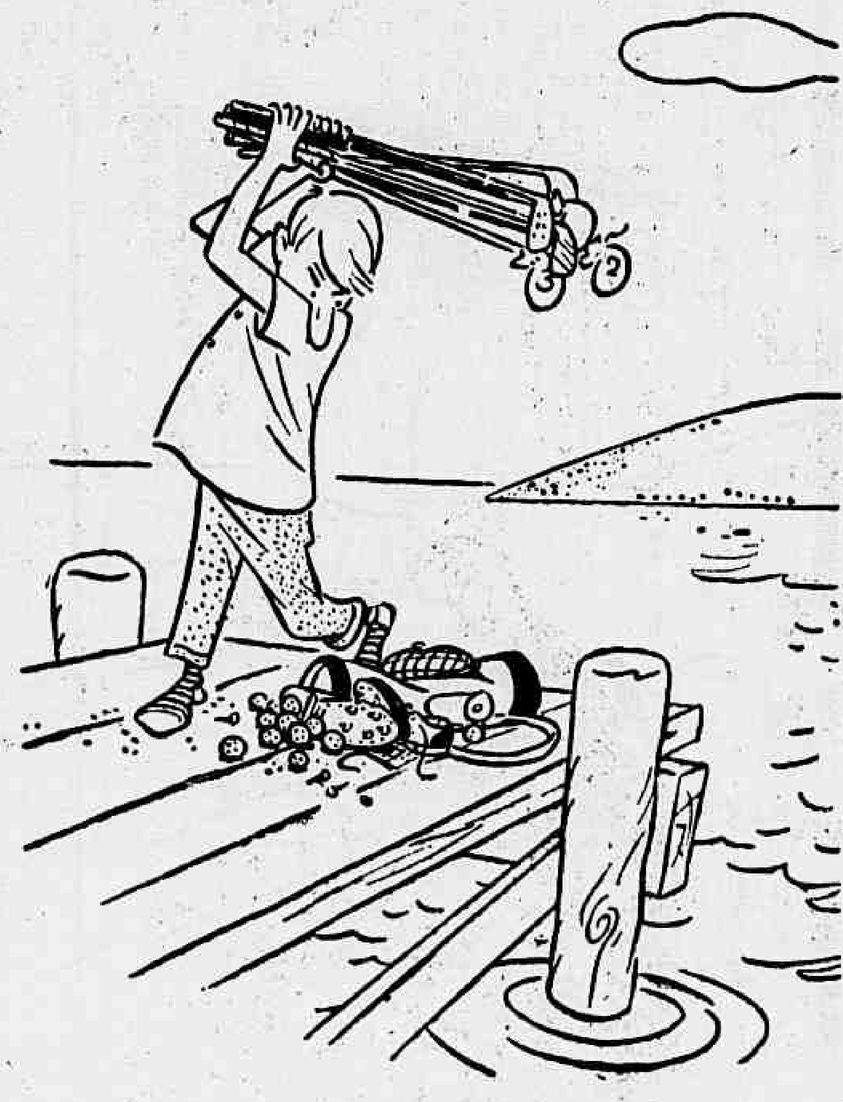
6.



7

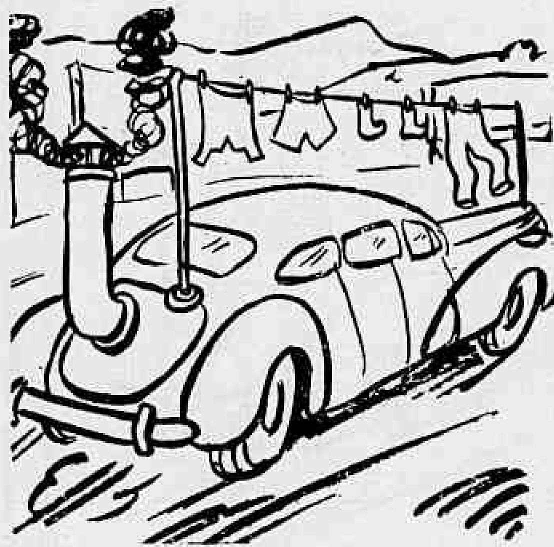


8

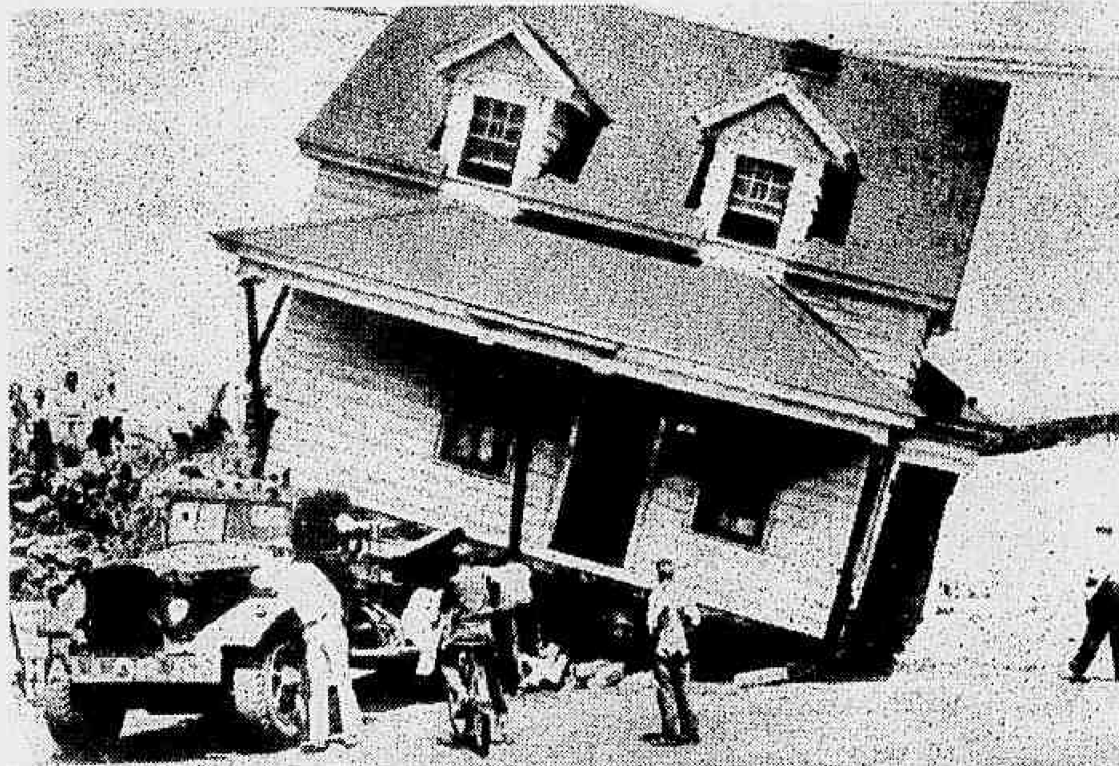


TUDO ISTO ACONTECEU...

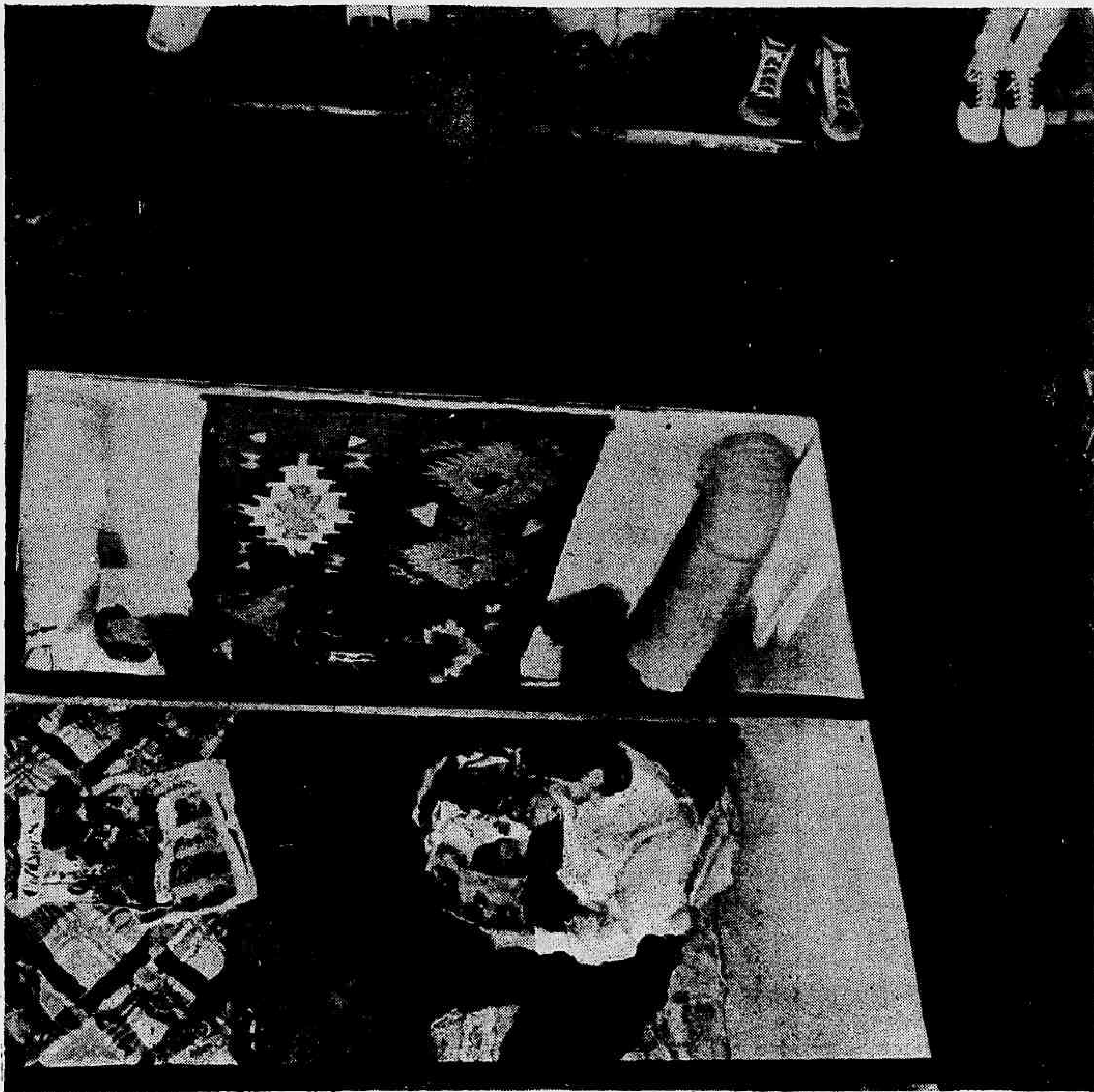
RESIDÊNCIA: UM AUTOMÓVEL



É universal a crise de habitações nas cidades. Parece que todo mundo fugiu da periferia e veio morar nos centros, nas capitais populosas, agravando cada vez mais o problema que já é sufocante. E isso não sucede apenas no Rio, S. Paulo, Recife, etc.. Também nos Estados Unidos a coisa já chegou ao limite da paciência humana.. Vejam os leitores o que acaba de acontecer com uma família inteira, na cidade de Nova York. O sr. Benjamim Fox, passou pela desgraça de ver sua casa reduzida a cinzas, destruída por um incêndio. Onde adquirir outra casa? Onde comprar terreno e levantar outro lar? Depois de noites e dias a pensar, resolveu o problema pelo lado mais simples: iria morar no seu automóvel... Chamou a espôsa e os cinco filhos menores, acomodou o resto de terens que pôde salvar da queimada e se instalou no carro. Na parte trazeira do veículo colocou maletas e utensílios, e dispôs as outras para dormitório e sala de jantar... Desta forma, Mr. Fox passou a morar com a família no carro. E tem lá suas compensações: não fica sujeito a suportar maus vizinhos, temperaturas quentes ou muito frias. Quando a coisa está ruim, desagradável, êle movimenta seu "lar" e vai aí por êsse mundão de meu Deus, a procurar outro pouso. Sua "casa" está hoje sôbre rodas. Quando um pneu estoura não quer dizer que os alicerces estejam periganda. E' só substituir e encher de ar. O resto é sopa. A vida assim "corre" muito melhor. Mas, se lá na América do Norte é isso possível, de maneira que se conserta um auto em "lar volante", aqui o jeito que temos é cavar um buraco e morar nele, mesmo sem ser Fox...



HÁ, NO FUNDO DOS MARES e sôbre a face da terra certos moluscos que moram em carapaças calcáreas de variadas formas. Sáem delas e entram nas mesmas, como nós entramos no banheiro e dêle saímos. Êsses bichos dão inveja aos que não têm jeito de levar a casa onde moram, sempre que mudam de residência, porque sua casa os acompanha para onde desejam ir. Mas, o que aconteceu agora com o sr. Odilon Roseberry é verdadeiramente sensacional. Mudou-se e transportou a casa num caminhão! Tipo caramujo...



O MAIS ESTRANHO E ORIGINAL protesto já levado a efeito por um cidadão neste mundo, foi o realizado pelo sr. Paul Abbott, na cidade de Monticello, Estados Unidos. Êsse cidadão americano mandou fabricar uma cabine impermeável medindo três metros cúbicos, tendo teto de vidro. Para não ficar privado de certos requisitos modernos, mandou instalar corrente elétrica, ar condicionado e receptor de rádio. Tudo isso feito, ordenou que descessem a casa cúbica ao fundo dágua e ali ficou como protesto contra elevação de impostos. Escolheu o lago Shafer, pelas águas transparentes que possui, permitindo que os curiosos o vejam em seu cubículo de protesto. E muita gente tem ido vê-lo, pelos pés que aparecem em cima. Não sabemos se o Congresso norte-americano se comoverá diante dêsse homem que protesta até debaixo dágua...

ÁGUA SUJA

HÁ em Minas, na zona de Uberlândia, uma povoação com o reprovável nome de Água Suja, nas proximidades de Monte Carmelo. Todos os anos se realizam ali as festas de N. S. da Abadia de Água Suja, a qual acorrem mais de trinta mil romeiros vindos de todos os cantos de grande área do Brasil Central. Mas, como sempre sucede, há em tais aglomerações, espíritos gananciosos que procuram tirar proveito da tolerância, boa-fé e credulidade dos sertanejos em proveito próprio, mesmo infringindo as leis do país que são iguais para todos. Diante da enorme quantidade de veículos que chegavam à localidade, um cidadão teve esta lembrança: criar um imposto sôbre todo caminhão que aportasse a Água Suja conduzindo gente. E foi arbitrada a cobrança: os menores e com pouca gente, Cr$ 40,00; os maiores, tipo bonde de Cascadura, com avantajadas lotações, Cr$ 70,00. Se não houvesse muita resistência, talvez até que a tabela fôsse aumentada. Tudo estava subindo, não seria estranho que as tarifas dêsse "rodágio" também se elevassem... Os primeiros pagaram, não sem uns sussurros. Mas, quando chegou a vez do motorista Nestor Guimarães, vindo de Uberlândia, o estilo rompeu. Intimado a pagar a "licença", o rapaz resistiu. Aquilo era uma extorsão. A estrada era livre. Sua carga não era contrabando e sim gente, devotos, pessoas classificadas que vinham à festa da Santa. Rompeu a briga e o rapaz foi prêso. Mas, como tudo neste mundo se sabe, espalhou-se a notícia e descobriu-se a esperteza, procurando-se envolver a própria dignidade eclesiástica. Soltaram o prêso. Mais de cem outros motoristas formaram em parada de protesto e D. Alexandre, bispo de Uberaba, ordenou imediatamente a suspensão da tramóia e devolução das importâncias recebidas. E Água Suja ficou em pratos limpos...





O LEITOR JÁ TINHA VISTO



um casamento de nudistas? Não é comum, evidentemente, pois que as colônias dos que não aceitam roupas ainda não se espalharam por todos os países dentro de certa liberdade de disseminação. Ultimamente, por tôda a Europa se criam colônias nudistas, sendo uma das mais famosas e povoadas, a da ilha de Levan, próxima de Tolone, no Mediterrâneo. Um jovem amou uma nudista e a pediu em casamento. Os pais da menina concordaram e se organizou a cerimônia. Êle não levou nenhum trajo, mas à noiva foi permitido o véu e a grinalda de flores de laranjeira. Ora, como aquêle véu nada encobria, o nudismo da noiva também estava perfeitamente legal. Depois, o opíparo banquete ao ar livre, tendo-se tirado estas vistas com um fotógrafo de tanga... Numa das cenas, a futura sogra, está com a mão ao rosto, um tanto envergonhada pelo «maillot» que enverga. E vejam o juiz como está imponente! com calção e faixa tricolor!



AGARRE SEU NOIVO

OVIEDO, a bela capital do antigo reino das Astúrias goza na Espanha e no mundo de justo prestígio. Quem não lhe admira os monumentos como a excelsa catedral? E suas mulheres, de grandes olhos negros, andar graciosa, tez morena e sedosa? Pois Oviedo acaba de ser teatro de uma cena trágica entre dois exércitos que disputavam um mesmo homem. E' assim mesmo leitor: exércitos antagônicos a lutar pela posse de um rapaz chamado Antonio Garcia. Até agora as guerras tinham sido crusadas por mulheres. Daí o dito francês: "cherchez la femme". Na Espanha, porém, essa verdade histórica mudou de figura e passou a ser também "procure o homem". O caso ainda hoje é comentado. O jovem Garcia se enamora de Josefina e iam casar na santa lei de Deus; mas, inesperadamente surgiu na encruzilhada da vida do noivo uma viuva de nome Esther Castro, que lhe entonteceu os sentidos. O pobre Garcia ficou numa dúvida cruel: "to be or no to be", isto é, ser noivo de Josefina ou não ser... E escolheu esta última alternativa: não ser. Deixando de canto chorado a noivinha, Antonio Garcia aderiu aos carinhos da viuva e marcaram o casamento. A cerimônia seria realizada



com tôda a pompa na catedral de Oviedo. Mas, justamente quando iam entrar no templo, foram os noivos surpreendidos com a presença de Josefina acompanhada de vários parentes. Tomando posição os dois exércitos, começou a batalha. Depois do choque, restabelecida a ordem pela polícia, havia numerosos feridos, mas sòmente a dentadas e arranhões de unhas. Garantidos pela polícia, Antonio e Esther foram ao altar e se uniram "ad eternum"...

ENGANANDO MOSQUITOS

ATÉ agora o mais aconselhável método para da: cabo de mosquitos é o petróleo. Flits, fly-tox, DDT ou como lhes chamemos, o certo é que tudo isso e mais aquilo é resultante de petróleo convertido em pulverizações. Mortas as larvas, não há mosquito adulto. Mas êsse processo acaba de ser superado por um outro concebido e pôsto em prática pelo prof. Morton Kahn, chefe do Departamento de Parasitologia do New York Hospital e catedrático da Universidade de Cornell. O engenhoso invento dêsse inimigo número um dos estegomias e anofeles, é fantástico. Êle mata os mosquitos pelo canto da sereia... Sabendo que os mosquitos machos são atraídos pelas fêmeas pelo sussurro que estas fazem com as asas em pleno vôo, "cantar" muito nosso conhecido, o dr. Kahn gravou em disco essa voz maviosa das madames mosquitas, ampliando-as um milhão de vêzes. Feito isto, faz o disco funcionar protegido o aparelho emissor por uma rede eletrificada de 10 mil volts. Logo que os senhores mosquitos ouvem o "canto da sereia" de seus sonhos, voam em chusma para os lados do chamado gentil. Encontrando pela frente a rede de arame finíssimo e portador de forte corrente capaz de matar mosquitos, os pobres diabos cáem fulmi-



nados. O sistema é encantador, embora não deixe de ser reprovável em face da lealdade na guerra entre homens e mosquitos anofeles quadrimaculatos, como dizem os senhores de laboratórios Mas, como a guerra não conhece leis, achamos que o método do dr. Kahn pode ser aprovado por tôda a humanidade. O diabo é que o extermínio é sòmente dos machos. E se as madames anofelíneas descobrirem a maromba e passarem a "cantar" de outra forma? Mosquito é bicho inteligente...

QUEIXOU-SE AO BISPO

NADA mais triste do que a lelinqüência infantil; mas, o episódio ocorrido agora em Florianópolis não deixa de provocar risos. Dois garotos de identificação desconhecida, resolveram acabar com as dificuldades transitórias em que estavam e organizaram um plano de furtar sem maiores perigos. Compareceram à portaria do Colégio Coração de Jesus, dirigidos pelas irmãs da Divina Providência e, falando em nome do arcebispo, pediram que lhe entregassem uma lata de banha, pois essa mercadoria estava faltando na dispensa do chefe da Igreja. A irmã correu à cantina e, depois de verificar que só dispunha de uma lata aberta, pesou-a e entregou o volume aos meninos recomendando-lhes que apresentassem desculpas ao sr. Arcebispo, pois era só de que podia fornecer naquela emergência. No dia seguinte os garotos voltaram: "O sr. Bispo mandou pedir uma lata de café". Já a essa altura a religiosa desconfiou da malandragem dos meninos. Não era possível que estivesse tão pobre o palácio do arcebispo! Bateu o telefone e informou ao Paço o que se passava. Ouviu



então que jamais o arcebispo havia mandado pedir banha à cantina do Colégio. A diretora ligou então para a polícia. Os meninos estavam um tanto desconfiados da demora e um deles, mais esperto, deu o fora, ficando o outro, mais confiado, à espera da lata de café. Foi a conta. A polícia o agarrou, levando-o para o xadrez; mas, lá já estavam outros menores delinqüentes. Combinaram uma fuga em massa e assim fizeram. Como fôra delito sem nenhuma identificação, ainda hoje está a polícia sem saber de quem se trata...

SAIU BRAMINDO



MOZART Lacerda Vieira, apesar do seu primeiro nome, achou que não era negócio ganhar a vida a cultivar a música. Embora tivesse grande vocação para a valsa, êsse Mozart nordestino da zona de Quixadá, não se deixou levar pelo lirismo. Com êle era no duro, no toma lá e dá cá, convertendo coisas em metal sonante. Depois de matutar por algum tempo e de aconselhar-se com amigos do comércio e da indústria, Mozart resolveu fundar uma fábrica de cerveja. E o nome? Nada mais fácil: "Brahma". Dentro de seus recursos começou a lançar no mercado local a sua cerveja. O produto ia tendo saída vantajosa, até que um dia chegou ao balcão de um dos seus clientes esta alarmante informação: a cerveja era falsificada. A "Brahma" fabricada pelo esforçado Mozart Lacerda Vieira era feita com uma hedionda massa de milho, água do açude do Cedro e bicarbonato. Tudo isso reunido resultava em produzir cólicas intestinais em seu consumidores. Verdade é que o milho era empregado pelos índios tabajaras das serras cearenses, mas como "cauim", bebido forte, ácida, capaz de "matar o bicho" a qualquer pessoa que estivesse com as morrinhas próprias da zona tórrida. Mas, que de milho se fabricasse cerveja "Brahma", com a adição de bicarbonato e água do pote, isso já não era muito aconselhável. E as autoridades sanitárias da capital ordenaram a imediata apreensão de todo o produto mozartiano do Quixadá, a destruição da fábrica clandestina e a prisão do responsável pela fraude. Não foi difícil pegar o bicarbonato, o milho e a água do açude; mas, quanto ao chefe da turma, saiu bramindo, por êsse mundo a fora...

O CONTO DA MAGIA NEGRA



DE espertalhão está cheio êste mundo. Para acabar com certas infelicidades sociais, bastaria que nossa imprensa, nosso rádio, escolas, polícia e governos, organizassem campanhas de esclarecimento público. Não se combatem superstições e crendices com cadeia e multas. E' mais um fato de caráter pedagógico. Em São Paulo acaba de acontecer o que sucede diàriamente em várias localidades dêste país. Um cidadão qualquer, deseja melhorar de vida, ser feliz no jôgo, nos amores, nos negócios ou combater reumatismos, e, a conselho de amigos procura um curandeiro do físico e do astral. De ordinário o ambiente impressiona .Orixás, bandeiras, castiçais, velas, flores, garrafas de parati por todo lado e os cambonos a ajudar o ritual bárbaro. O pai de santo é atuado e a receita é fornecida ao consulente. A carteira é aberta e o pagamento é vultoso, sempre que a gravidade do caso e a situação do cliente o permite. O sr. João Monteiro, julgando-se prejudicado por macumbas que lhe mandara fazer a espôsa da qual está separado, foi ao "gongá" de Ormine Mirabele, curandeiro e rezador, homem famoso pelo poder que tem junto às falanges de Oxum, para retirar malefícios e juntar corpos... Depois do trabalho feito, forneceu ao consulente várias imagens e uma garrafinha contendo água milagrosa, vinda das graças de Iemanjá, benta pela Rainha do Mar, e suas três filhas, as princesas Rosa, Celina e Guiomar... Mas, no final da coisa, havendo um jôgo de Cr$ 3.000,00 que andou do bolso de um para o do outro, o visitante desconfiou da parada e deu o berro. O curandeiro foi prêso e metido no xadrez. Mas os consulentes deviam também ser advertidos. Só há Ormines Mirabeles porque são muitos os crédulos da marca do Monteiro...

OS SEGREDOS DE ROMA



NÃO era de hoje que os arqueologistas procuravam descobrir o túmulo do primeiro Papa, o apóstolo S. Pedro. Segundo se dizia, os despojos do grande Santo estavam enterrados em sítio da área do Vaticano, talvez em subterrâneos da própria basílica. As pesquisas e excavações começaram a ser feitas há mais de dez anos. Enorme zona começou a ser excavada e analisados os detalhes de tudo o que vinha à tona. De súbito encontraram os operários os vestígios de algo que se assemelhava a um circo. Estudados os elementos achados, os arqueólogos exclamaram cheios de alegria: "O Circo de Nero!" Os técnicos e sábios a serviço da Santa Sé chegaram à conclusão de que estavam, em verdade, diante de uma obra que vinha sendo buscada há séculos, isto é, o local onde os primeiros cristãos eram supliciados e lançados às feras. Ficou evidenciado que essa obra da Roma pagã estava fora da área atual ocupada pela Basílica de São Pedro. Acharam a prisão do Circo de Nero, justamente sob a atual praça Pio XII, ao lado esquerdo da basílica. O descobrimento do local onde estava situado o Circo de Nero, após dois mil anos, coroou os trabalhos realizados durante nada menos de dez anos de escavações sob a Basílica e a Praça de São Pedro. Procuravam o túmulo do primeiro Papa da cristandade e encontraram uma obra famosa que se escondera aos olhos de todos: o Circo de Nero. Mas, ao que parece, está próximo o descobrimento final. Se já está desvendado o Circo de Nero, pouco falta para vir à luz do século XX o cemitério pagão que existiu ao lado do Circo já descoberto, e onde foi inumado o corpo de São Pedro.



ESTAS MULHERES QUE SOPRAM OVOS



não estão sendo punidas por algum delito praticado, como pensaria o leitor, assim, à primeira vista. Trata-se de um esporte de salão e muito divertido, mas sòmente praticado pelas senhoras e senhoritas parisienses. Onde se usa tal brincadeira? Em Manica, praia de banhos e mundanismos de Touquet, no departamento do Passo de Calais. O ambiente natural dessa praia é belo, circundado de florestas de pinheiros, a praia ampla, havendo grande número de restaurantes, hotéis, pensões e, como não podia deixar de ser, vários cabarés. O mais famoso dentre êles é o«Chatam». Foi nesse elegante estabelecimento de diversões, bebidas, música e danças, que inventaram êste esporte da «corrida do ovo». Cada concorrente (sòmente mulher se põe de gatinhas e com um dêsses canudinhos de palha com que sorvemos refrescos, passa a soprar na direção de um ovo sem nada lá dentro, isto é, tendo apenas a casca, fornecida pela direção da casa. A que usar o canudo é desclassificada. Apenas para sucção é permitido o canudinho na ação de recuar o ovo, quando se vai desviando da rota traçada. A que conseguir chegar em primeiro lugar, é proclamada vencedora... Além dêsse jôgo, há ainda, no «Chatam», o esporte da «conquista da banana», êste executado por homens e mulheres. Coloca-se uma banana suspensa por um cordão à altura do rosto do disputante, para que êste consiga descascá-la e comê-la... sem o uso das mãos que deverão conservar-se prêsas às costas. As cenas que se desenrolam mantêm em permanente hilaridade os espectadores.





PRIMEIRA posição: Dedo no gatilho.



DIABO! O outro foi mais rápido...



BONITO... O patife acertou em cheio!

ASSIM SE MORRE EM HOLLYWOOD

(Foto U. International)

JÁ disse o outro: Morrer é fácil, custa é saber morrer. E o outro é quem está com a razão. Expirar com arte, dar o último suspiro com elegância, ficar na posição de incontestavelmente morto, horizontalmente caído, numa pôse adrede estudada sob o controle do diretor, não é para qualquer um, não. Aprende-se até à hora da morte, diziam os antigos, que já devem ter morrido. Enganavam-se. Aprende-se até a saber morrer. Em Hollywood, pelo menos. O mocinho defende a mocinha das investidas do vilão, ranzinzam, perseguem-se, discutem, fazem cara feia um para o outro — e na hora do ajuste de contas, quando um dêles está sobrando, chega a hora crítica do artista mostrar suas belas qualidades de agonizante profissional. Revolver na sinistra, dêdo no gatilho, mira tirada em cima do adversásio, dois desafôros trocados à queima-roupa e dois tiros em idêntico estilo: Pum, pum! Claro que o mocinho tem de salvar-se, é êle quem vai dar o beijo de «happy end» na mocinha romântica, enquanto o pobre vilão, coitado, de carranca fechada e cabelos ao vento, põe as mãos no ventre, cabriola, verga a cabeça, saracoteia no terreiro e estende-se a fio comprido, num jeitão de quem entregou os pontos contra a vontade, de perna cruzada, que é mais chic.

Mas quando o diretor deu o basta para o cameramen, o rapaz ressuscita, ergue-se sem sangue nem auxílio de terceiros, tira o pó da roupa e vai tomar um ice-cream no bar do estúdio em companhia da primeira «girl» que aparece. Ou mesmo sósinho, por medida de economia. Está pronto para outra. Para outra morte no filme seguinte, porque morrer com elegância é a sua especialidade.

E assim se morre, no mais belo estilo e com muita arte, lá longe, em Hollywood. — M.C.



E PRONTO... Era uma vez o vilão Dan Duryea, que andava perseguindo a mocinha mas perdeu a parada com o galã...

NESTE NÚMERO

REPORTAGENS

Teresa Delta — a mulher-forte de São Bernardo (Celestino Silveira) 6/11
Circo (Sabino Canalini) .. 14/18
Dr. Ademir — professor de Futebol (Carlos Tenório) 21/23
Pigalle e Adjacências (João Alvarenga) 28/31

LITERATURA

Vida e morte de um chapéu (Renato de Alencar) ... 3
Semana Literária (Edmundo Lys) 12/13
A Vida de Cristina da Suécia (Henry-Dana Lee Thomas) 20
Fuga (Dirceu Quintanilha) 26/27
O Diário de um Noivo (Yvone de Miranda) 32

HUMORISMO

No Front Carioca (Théo) . 5
Doença (Nicodemus) 19
Bom-Humor 54

SEÇÕES PERMANENTES

A Semana em Revista 4
Personagem da Semana .. 4
A Saúde do Bebê (Dr. Sabóia Ribeiro) 46
Música (Roberto Lyra Fº) 47
Palavras Cruzadas 51
Puxe pelo Cérebro 52
Tudo isto aconteceu 55/57

FOLHETIM

Salva pelo amor 53

ATUALIDADES

A Beatificação de Maria Goretti 24/25
Exposição João Luso 50

FEMININAS

Modelos de Primavera 33
Vestidos Brancos 34/35
Shantung 36
Sem alças 37
"Tailleurs" de Primavera . 38/39
Para noite 40
Modelos estampados 41
"Soirée" 42/43
Week-End na Cozinha 44/45
Chapéus de Primavera ... 44

ILUSTRAÇÃO: Jerônimo Ribeiro.

BONECOS: Rafael.

FOTOS: Sabino Canalini — Apa de Paris — Avulsas.

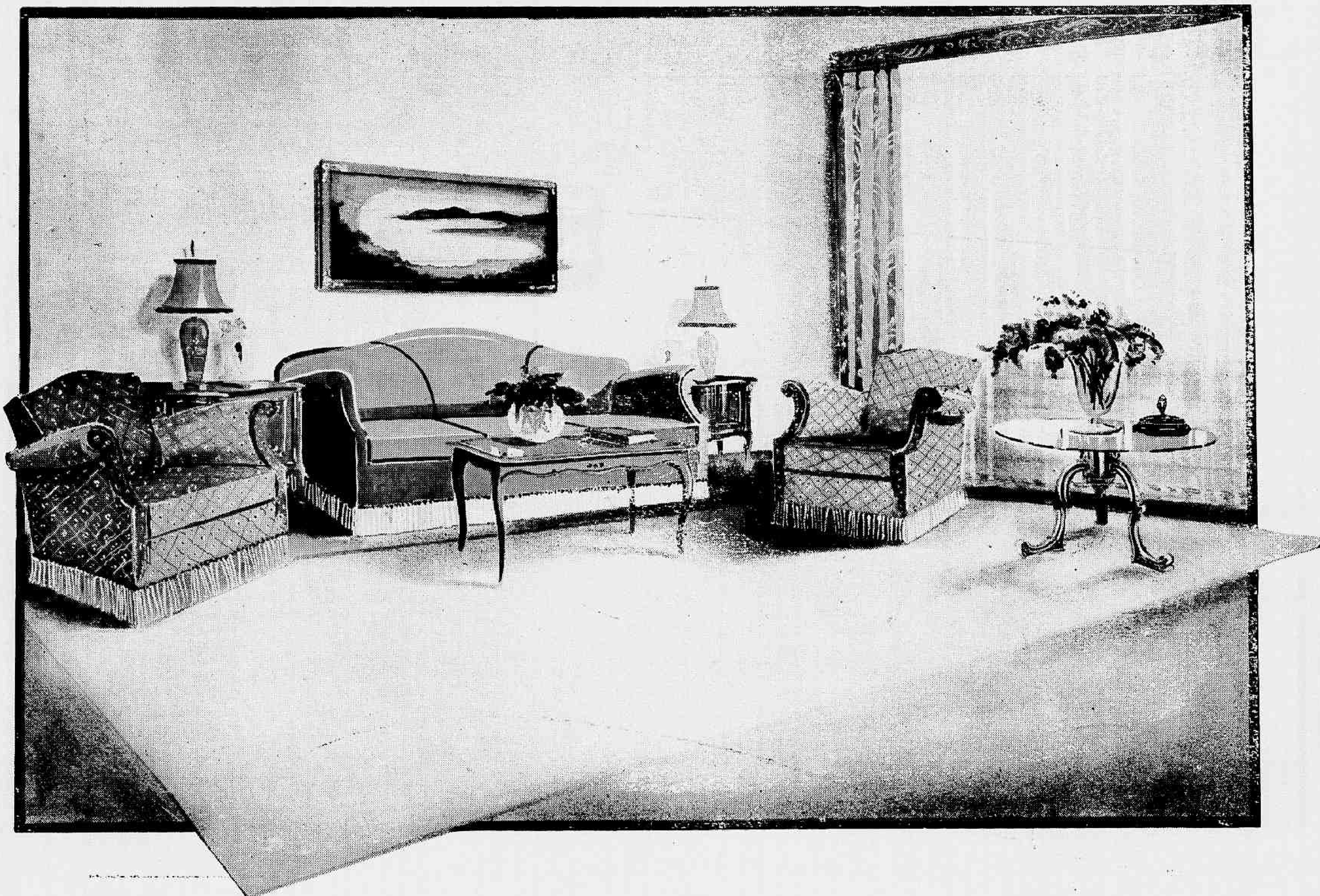
★

NA CAPA

Diana Lynn
(Foto Paramount)

RESPOSTAS AO TESTE

1 — Antistenes.
2 — 50 mil.
3 — 1862.
4 — Barão de Nova Friburgo.
5 — 50 mil, aproximadamente.
6 — Helópole.
7 — O rei da Bélgica.
8 — 26 de julho.
9 — Rio Grande do Sul (Uruguaiana).
10 — Mecenas (Estadista romano).
11 — A chita africana (110 quilômetros por hora).
12 — 103 mil.
13 — Rua do Cano.
14 — Inglaterra (o segundo foi o Brasil).
15 — 1591.
16 — Pedro Teixeira.
17 — Niterói (a 2-12-1833).
18 — A Rússia.
19 — 54.
20 — Carlota Corday.



MOBILIÁRIOS E DECORAÇOES

Orçamentos executados por técnicos especializados

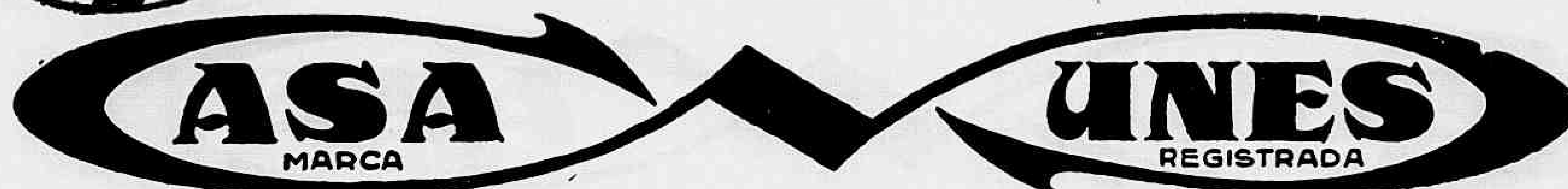
GRUPOS ESTOFADOS



para entrega imediata

TAPETES E PASSADEIRAS de todo o mundo,

fabricados especialmente para a



65 - RUA DA CARIOCA - 67 - RIO



Onde se divertem pessoas de bom gosto...

aí se encontram os cigarros Hollywood

No Grande Hotel, em Guarujá, paraíso de férias da sociedade paulista.

Fugindo do borborinho da Capital, a sociedade paulista encontra em Guarujá a atmosfera ideal para as férias ou para um week-end... Em Guarujá, e onde quer que se reunam pessoas de bom gosto, V. encontrará Hollywood, o cigarro que é uma tradição da sociedade brasileira. Fumos escolhidos e hàbilmente combinados deram a Hollywood esta extraordinária reputação — e V. simplesmente não pode deixar de pertencer ao grupo elegante dos que fumam Hollywood.



cigarros

Hollywood

uma tradição de bom gosto

Companhia de Cigarros **SOUZA CRUZ**

H-88.059